UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

JULIANA APARECIDA LAVEZO

A linguagem revela: Victor Klemperer e a vara de equilibrista
(versão corrigida)

São Paulo
2015

JULIANA APARECIDA LAVEZO

A linguagem revela: Victor Klemperer e a vara de equilibrista
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Doutora Anita
Waingort Novinsky

São Paulo

2015

À memória de Victor Klemperer.

Victor Klemperer (1881-1960)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Anita Waingort Novinsky, exímia pesquisadora, pelo carinho e dedicação que sempre teve com este trabalho, sempre me incentivando a pesquisar, estudar e acreditando no êxito desta pesquisa. Pessoa notável que tive imenso prazer de conviver.

Ao meu companheiro João Paulo por estar presente em todos os momentos deste percurso, pelo carinho e orgulho que sente de mim.

Aos meus familiares que são meu alicerce.

Aos meus queridos pais, José e Maria, e minha irmã Livia, pelo incentivo que sempre me deram aos estudos, pelo eterno carinho e paciência.

Aos meus amigos Alessandra, João, Fernanda, Pollyanna, Karina, Gustavo, Thiago, Mara e Daniela pelos momentos de descontração e alegria durante a realização deste projeto.

Ao meu amigo Willian, companheiro de dúvidas e grande incentivador desta pesquisa.

Ao meu amigo Fábio Manzoli, por me fazer acreditar em mim mesma e me ensinar o verdadeiro sentido de educar.

Às minhas professoras do curso de pedagogia Djenane e Daniela, pelas longas conversas, indicações de leitura e correções ortográficas em meu projeto.

À minha colega de profissão Fernanda Carvalho, pelas várias trocas historiográficas e pelo auxílio na execução de meu projeto de pesquisa.

Ao meu amigo Júlio César Brandão, pela amizade e carinho.

Ao professor doutor Moacir Gigante, por me apresentar com entusiasmo Victor Klemperer, me auxiliar em minha pesquisa de graduação e pelos elogios que tivera com aquele trabalho que hoje se estende.

Ao colega e professor Eduardo Vasconcelos, que embora tenha convivido por pouco tempo, me fez clarear minhas ideias e escrever esse projeto de mestrado.

À Miriam Bettina Oelsner, grande estudiosa de Victor Klemperer, por sanar minhas dúvidas com tanto carinho e atenção.

À professora doutora Jaffa Rifka Berezin e à doutora Ilana Waingort Novinsky, pelas críticas e sugestões para este trabalho.

Aos colegas que fiz neste percurso, em especial Adhemir Martins, historiador e grande escritor, pelas discussões e conselhos dados.

Aos professores que lecionaram nas disciplinas que cursei, sempre contribuindo com leituras valiosas e me abrindo novos horizontes.

"Põe o ferrolho à porta: há
rosas na casa.
Há
sete rosas na casa.
Há
o candelabro de sete braços na casa.
O nosso
filho
sabe isso e dorme.

(Lá longe, em Michailowka, na
Ucrânia, onde
eles me mataram pai e mãe: que
floria aí, que
floresce aí? Que
flor, mãe,
te fazia doer aí
com o seu nome,
mãe, a ti,
que dizias grão-de-lobo, e não
lupino?

Ontem
veio um deles e
matou-te
outra vez no
meu poema.

Mãe,
mãe, que
mão apertei eu
quando com as tuas
palavras fui para
a Alemanha?

Em Aussig, dizias tu sempre, em
Aussig junto
ao Elba,
durante
a fuga.
Mãe, aí moravam
assassinos.

Mãe, eu
escrevi cartas.
Mãe, não veio resposta.
Mãe, veio uma resposta.

Mãe, eu
escrevi cartas a -

Mãe, eles não os escreveriam
se não fosse o poema que
eu escrevi, por
ti, pelo
amor
do teu
Deus.

Bendito, dizias tu, seja
o Eterno, e
louvado, três
vezes
Amém.

Mãe, eles ficam calados.
Mãe, eles consentem que
a ignomínia me difame.
Mãe, ninguém
cala a boca aos assassinos.

Mãe, eles escrevem poemas.
Oh,
mãe, quanto
chão do mais estranho dá o teu fruto!
Dá ese fruto e alimenta
os que matam!!
Mãe, estou
perdido.
Mãe, estamos
perdidos.
Mãe, o meu filho, que
se parece contigo.)

Põe o ferrolho à porta: há
rosas na casa.
Há
sete rosas na casa.
Há
o candelabro de sete braços na casa.
O nosso
filho
sabe isso e dorme."

(Paul Celan in A morte é uma rosa)

“- Meu pai, o que é a liberdade?

*- É o seu rosto, meu filho,
o seu jeito de indagar
o mundo a pedir guarida
no brilho do seu olhar.
A liberdade, meu filho,
é o próprio rosto da vida
que a vida quis desvendar.
É sua irmã numa escada
iniciada há milênios
em direção ao amor,
seu corpo feito de nuvens
carne, sal, desejo, cálcio
e fundamentos de dor.
A liberdade, meu filho,
é o próprio rosto do amor.*

- Meu pai, o que é a liberdade?

*A mão limpa, o copo d'água
na mesa qual num altar
aberto ao homem que passa
com o vento verde do mar.
É o ato simples de amar
o amigo, o vinho, o silêncio
da mulher olhando a tarde
- laranja cortada ao meio,
tremor de barco que parte,
esto de crina sem freio (...)*

- Meu pai, o que é a liberdade?

*A liberdade, meu filho,
é coisa que assusta:
visão terrível (que luta!)
da vida contra o destino
traçado de ponta a ponta
como já contada conta
pelo som dos altos sinos.
É o homem amigo da morte
Por querer demais a vida
- a vida nunca podrida.
É sonho findo em desgraça
desta alma que, combalida,
deixou suas penas de graça
na grade em que foi ferida...
a liberdade, meu filho,
é a realidade do fogo
do meu rosto quando eu ardo
na imensa noite a buscar*

*a luz que pede guarida
nas trevas do meu olhar.”*

(Moacyr Félix, in 'Canto para As Transformações do Homem')

RESUMO

O presente trabalho visa compreender a vida de Victor Klemperer (1881 – 1960) durante a Alemanha Nazista e através de seus relatos entender as condições em que a sociedade alemã esteve submetida. Filólogo de formação, alemão e judeu assimilado, convertido ao Protestantismo ainda jovem, Victor Klemperer sofreu todo tipo de humilhação ao longo dos anos do regime nazista na Alemanha. O casamento com Eva Klemperer lhe reiterou sua germanidade, visto que Eva era “ariana”. O que pensara ser uma loucura passageira, aos poucos foi se tornando um pesadelo desanimador e angustiante; eram constantes os pensamentos de morte e a depressão em relação ao cotidiano vivido. Tudo se intensifica quando ele perde sua cátedra de romanística na Universidade Técnica de Dresden e, somado a isso, também foi destituído de todos os direitos associados à cidadania alemã. Este trabalho busca entender, através de seus escritos, a realidade de um judeu que testemunhou de perto as atrocidades do regime nazista. As fontes aqui analisadas são seus diários escritos de 1933-1945 e sua obra *LTI (Lingua Tertii Imperii)* publicada no pós-guerra. A peculiaridade de seus escritos está no fato de Klemperer não ter emigrado da Alemanha durante o Nazismo, em contraponto às obras de caráter autobiográfico produzidas sobre esse período.

Palavras-chave: Victor Klemperer. Holocausto. Antissemitismo. Diários.

ABSTRACT

The present work tends to comprehend the life of Victor Klemperer (1881 – 1960) during Nazi Germany and, through his reports, to understand the conditions in which German society was submitted. Philologist by formation, German and assimilated Jewish, converted to Protestantism still young, Victor Klemperer suffered every kind of humiliation during the years of the Nazi polity in Germany. His marriage to Eva Klemperer reaffirmed his germaneness, for Eva was “Arian”. What he thought to be a passing madness soon became a discouraging and distressful nightmare; constant were the thoughts of death and depression in relation to the everyday living. Everything intensifies when he loses his romanistic chair at the Dresden Technical University and, summed to this, he was also destituted from the associated rights to German citizenship. This work seeks to understand, through his writings, the reality of a Jewish who closely witnessed the atrocities of the Nazi polity. The texts here analyzed are his diaries written between 1933 and 1945 and his work *LTI (Lingua Tertii Imperii)* published in the post-war. The peculiarity of his writings is in the fact that Klemperer has not emigrated from Germany during Nazism, in counterpoint to the autobiographic compositions produced in this period.

Key-words: Victor Klemperer. Holocaust. Antisemitism. Diaries.

SIGLAS E ABREVIATURAS

LTI - *Lingua Tertii Imperii* ou Linguagem do Terceiro Reich. Livro escrito por Victor Klemperer a partir de seu estudo sobre a linguagem nazista. O próprio nome do livro é uma paródia da obsessão nazista pelo uso de siglas.

SA – abreviatura de *Sturmabteilung*. Usualmente traduzida como tropa de assalto, era uma força paramilitar nazista. Tinha como líder Ernst Röhm e eram conhecidos como “camisas pardas” devido à cor de seus uniformes.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

LQI – *Lingua Quarti Imperii*. Obra que Klemperer planejou escrever, mas que acabou não produzindo.

RDA - República Democrática Alemã. Divisão da Alemanha no pós-guerra, conhecida também como Alemanha Oriental, fundada em 1949, e que esteve sob domínio soviético neste período.

Prêmio F. P. Weiskopf – Prêmio Franz Carl Weiskopf. Weiskopf (1900-1955) foi um escritor alemão.

Dresdener NN - *Dresdener Neueste Nachrichten*. O jornal *Dresdener* era lido com frequência por Klemperer. Com o passar do tempo e a eclosão da guerra, o acesso aos jornais torna-se um pouco complicado.

DLZ - *Deutsche Literatur-Zeitung*. Era um jornal de Berlim.

NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei*. Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista.

SS - *Schutzstaffel*. Foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	18
1 “A VARA DO EQUILIBRISTA”	28
1.1 Sobre Klemperer	29
1.2 As obras	41
1.3 Victor Klemperer: o homem, o judeu, o alemão	44
1.3 O cotidiano de Klemperer e a saúde do casal	52
2 “A LÍNGUA TAMBÉM CONDUZ O MEU SENTIMENTO.”	70
2.1 A produção intelectual de Klemperer nos anos da barbárie	71
3 “PRESTAREI TESTEMUNHO, TESTEMUNHO PRECISO” – Os primeiros anos do Nazismo	84
3.1 As origens do antissemitismo e a crítica ao nazismo.....	84
4 “QUERO DAR TESTEMUNHO ATÉ O FINAL.”	114
4.1 - O colapso da guerra (1939-1945)	114
4.2 Os anos finais da guerra e a destruição de Dresden	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
FILMOGRAFIA	190
SITES.....	191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
ANEXOS	197
Anexo I – Principais acontecimentos na vida de Victor Klemperer	198
Anexo II – Peças da coleção de porcelana de Klemperer	202
Anexo III - Carta de Victor Klemperer em Hadwig Kirchner (mais tarde Klemperer). Dresden datada de 05 abril 1952	203
Anexo IV – Casa de férias de Eva e Victor Klemperer na Lindenstraße 2 Villa Geipel	204

APRESENTAÇÃO

A ideia do presente trabalho surgiu há alguns anos quando eu estava ainda na graduação do curso de História e, mesmo cheia de incertezas em relação ao que pesquisar, pretendia estudar algum assunto referente ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, ao conversar com meu professor de História Contemporânea, ele me sugeriu trabalhar com algum diário escrito durante o período da guerra e me apresentou diversas obras. Entre estas, *Os diários de Victor Klemperer*. No momento em que ele me descreveu a obra, o fez com enorme entusiasmo, e a riqueza de detalhes em seu breve resumo me fez optar por estudar Victor Klemperer. Foi um trabalho sem tanto aprofundamento, diferente do atual, mas ainda assim me fez conhecer e admirar Klemperer.

Ao ler pela primeira vez os diários de Victor Klemperer me senti tocada com sua história e, ao me aprofundar nos estudos autobiográficos do período nazista, tendo contato com alguns diários escritos nesta época, pude perceber a singularidade dos escritos de Klemperer e entender a dimensão de seu testemunho. Afinal, ele era um intelectual judeu vivendo em uma Alemanha nazista e que optou por permanecer em seu país e não emigrar como tantos outros assim fizeram.

O contato que tive com a bibliografia desse período e no decorrer de minhas leituras e estudos de obras de cunho autobiográfico, semelhantes a obra de Klemperer, resultou na tomada de consciência de meu trabalho, devido à importância de analisar seus diários, uma vez que estudo semelhante a este não existia no Brasil. Sendo assim, sua relevância acadêmica e social é nítida.

Das obras de caráter autobiográfico, ou ainda, das que fazem parte da chamada literatura de teor testemunhal, os diários de Klemperer tornam-se valiosos por narrarem o cotidiano de alemães durante o período do regime Nazista na Alemanha dos anos 1930. Sob a ótica de um judeu convertido ao protestantismo, intelectual e filólogo, a perspectiva dos fatos e, por consequência, sua análise profunda destes, não poderia ser de nenhum modo imparcial ou irreflexiva, se assim podemos dizer. O que Klemperer buscava ao escrever seus diários era não somente relatar o que via e vivia, mas também tecer críticas ferrenhas ao Estado, à mídia e às pessoas.

Nota-se a importância de seus escritos pelo fato de que Klemperer permanece na Alemanha durante o regime Nazista e escreve seus diários no país. Diferente de outras obras já conhecidas, como a da menina Anne Frank ou do italiano Primo Levi, escritas em esconderijos ou em campos, o mesmo não ocorre com Klemperer. Apesar de estar consciente do perigo de seus escritos naquela época, o filólogo sentia necessidade de escrever e jurou “prestar testemunho até o final”. Prende-se à necessidade de citar nomes para garantir a fidedignidade de sua obra, passa a analisar a linguagem nazista, o que mais tarde daria origem à sua obra *LTI – Lingua Tertii Imperii*.

Essa pesquisa torna-se essencial para quem quer conhecer o cotidiano daqueles que viveram na Alemanha de Hitler e que, por razões que discutiremos aqui, preferiram permanecer ou não puderam emigrar. Ela contribui para a academia devido às suas autenticidade e originalidade, visto que não fora realizada outra pesquisa semelhante. Sobre sua relevância social, não é preciso muito esforço para perceber que ainda vivemos em épocas de intolerância, seja ela qual for: étnica, religiosa, sócio-econômica, etc. Os extremismos em todas as esferas nos saltam aos olhos e estão presentes nos noticiários e nos discursos de governantes ou até mesmo da população, beirando a intolerância e consequentemente gerando violência. Não é à toa que este trabalho se faz necessário. Ele surge como reflexão, análise e estudo para os fenômenos que ainda vivemos em sociedade.

O objetivo maior desta pesquisa é poder compreender a sociedade que esteve imersa nas ordens de Adolf Hitler na Alemanha. Através dos escritos de Klemperer, busca-se entender sua vida e as condições físicas/materiais e também sociais a que esteve submetido. Dessa forma, pode-se visualizar o cenário de um filólogo, com sua visão de intelectual perante aos fatos. Como ele viveu neste período na Alemanha Nazista? É por essa e outras indagações que esta pesquisa busca aqui responder. Pretende-se refletir sobre o que aconteceu neste período e ajudar a conscientizar a sociedade das atrocidades já vividas anteriormente, como forma também de evitar que isto se repita.

Durante a realização deste trabalho, diversos autores se tornaram base para sua redação e também para o entendimento da metodologia deste. Para compreender a literatura de teor testemunhal, desde o início da pesquisa realizaram-

se várias leituras de obras de Seligmann-Silva e Jeanne Marie Gagnebin: dessa forma pude redigir meu projeto de pesquisa e melhor compreender sua importância. Teóricos como Hannah Arendt e Raul Hilberg também colaboraram para a redação deste trabalho, permitindo reflexões e embasamentos para o desenvolvimento do tema. Obras de cunho autobiográfico como as de Primo Levi e Anne Frank puderam exemplificar esse tipo de escrita e compará-las com a de Klemperer. O contato com obras de Klemperer também foi de suma importância para que compreendesse melhor seu trabalho como filólogo, sua escrita e suas ideias.

O método utilizado foi de examinar e analisar o diário de Klemperer e extrair dele os dados para serem discutidos com a bibliografia específica levantada. Com base na leitura do diário, pode-se classificar seu pensamento, assim como compreender o contexto histórico de sua produção acadêmica. A fonte principal de análise são os Diários de Victor Klemperer escritos correspondentes aos anos de 1933 a 1945, sua obra LTI – *Lingua Tertii Imperii*, uma bibliografia específica sobre nazismo, antissemitismo e guerra e ainda uma bibliografia auxiliar, tratando de outros temas, como a narrativa autobiográfica, literatura de teor testemunhal, entre outros.

Figura 1 – Foto dos diários originais de Victor Klemperer. Fotografia: RICHTER, Regine, 2008.

Diante do exposto, ler os escritos de Klemperer é poder ter contato com o testemunho ocular dos acontecimentos cotidianos do período nazista. É por conta disso que seu testemunho se torna tão importante, apresentando riqueza de detalhes e um olhar para os fatos que buscava compreender além do meramente visto.

O relato quase que cotidiano de seus diários garantiu não somente boas horas de leitura, mas também o aprofundamento na história de vida desse homem e intelectual fabuloso. Essa pesquisa busca ser para além de sua análise e reflexão histórica, como já esboçado aqui, uma homenagem a todas as vítimas das atrocidades cometidas pelos nazistas e ainda servir como exemplo de heroísmo em tempos tão sombrios e cheios de incertezas.

Um convite para conhecer Klemperer!

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, a Alemanha apontava mundialmente no setor industrial, ultrapassando França e Inglaterra e sendo superada apenas pelos Estados Unidos. Seu crescimento se deu sem colônias, pois havia sido prejudicada pela partilha colonial da África e da Ásia e, dessa forma, a nova burguesia alemã reclamava da falta de “espaço vital” (ALMEIDA, 1988, p. 8). Havia, ainda, para completar, a hostilidade entre França e Alemanha que se mantinha acesa desde a Guerra Franco-Prussiana.

A década de 1850 conheceu um fluxo de expansão industrial centrado no reino da Prússia, mas também nos pequenos principados e cidades livres que formariam o Estado alemão. O império alemão (*Reich*) foi formado após as três guerras sucessivas contra a Dinamarca, a Áustria-Hungria e a França (1870-1871). Após a queda de Bismarck, em 1890, a Alemanha passaria por um novo surto industrial que concluiria a transformação econômica e social do país. A segunda metade do século XIX também teve grande aumento populacional, passando de 42 milhões em 1871 para 49 milhões em 1890 e a 67 milhões em 1914 (ALMEIDA, 1988, p. 9)

Já no início do século XX, um conflito de proporções maiores estoura na Europa e a Alemanha se envolve no que seria uma guerra mundial. Sabe-se que o estopim da guerra fora o assassinato do arquiduque austríaco, Franz Ferdinand (Francisco Ferdinando), por um nacionalista sérvio em Sarajevo, capital da Bósnia. Viena contou com o apoio militar da Alemanha. O cenário europeu era instável, a Grã-Bretanha visava conter o crescimento militar e econômico alemão; a França não se esquecera da derrota de 1871 e a questão da Alsácia-Lorena se tornara uma obsessão, enquanto a Rússia possuía interesses primordiais nos Balcãs. Não era de se espantar um conflito entre tais potências após a morte do arquiduque austríaco.

Até o século XX, guerras envolvendo toda a sociedade eram excepcionais. “O monstro da Guerra total do século XX não nasceu já do seu tamanho. Contudo, de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa.” (HOBBSBAWM, 2001, p. 51). Se pararmos para pensar na sociedade que emerge ao longo do século XX, poderíamos caracterizá-la como “pós-Primeira Grande Guerra”, “pós-Segunda Guerra Mundial”, “pós-Shoah”, “pós-Gulag”, “pós-guerras de

descolonização”, “pós-massacres no Camboja”, entre tantos outros conflitos violentos que marcaram esse longo século. Porém, é digno de ressalvas que o termo “pós” não se aplica aqui como sinônimo de superação. Viver o tempo “pós-catástrofe” significa habitá-la (SELIGMANN-SILVA, 2005).

O resultado da Primeira Guerra Mundial fora desastroso para a Alemanha diante das punições impostas pelo Tratado de Versalhes. “A conferência de paz iniciada em Paris, em janeiro de 1919 e sem a presença dos países derrotados, terminou por produzir um documento destinado a humilhar e arrasar a Alemanha” (ALMEIDA, 1988, p. 13) Exigiram a desmilitarização da Alemanha, a redução de seu exército e armamento, a perda de territórios e o pagamento de pesadas somas em dinheiro.

As condições impostas pelo Tratado de Versalhes condicionaram de forma importante toda a vida da república de Weimar, bem como as condições que permitiram a ascensão do nazismo em 1933 (ALMEIDA, 1988, p. 14). Do país destruído pela guerra e punido pelo Tratado surge um novo país na década de 1920. Os Estados Unidos pretendiam ajudar o país devastado pela guerra e a Alemanha se restabelece a partir do plano Dawes, porém passou a ficar dependente da Bolsa de Nova Iorque. Uma nova política social fora implantada: foi instituído o seguro contra o desemprego e os salários aumentaram (ALMEIDA, 1988, p. 48).

O antissemitismo alemão germinava em solo fértil desde muito tempo. Sorlin (1974) ressalta que a noção de raça passa a ser incorporada ao vocabulário comum já nos trinta primeiros anos do século XIX. “O germanismo, cujas qualidades já foram tão decantadas, ganha nova fundamentação: ele deve suas virtudes a uma qualidade de sangue superior.” (SORLIN, 1974, pg.68) A literatura antijudaica é infiltrada por teorias raciais neste período.

O efeito antissemita no pós Primeira Guerra foi instantâneo. Os alemães alimentavam até o fim da guerra a esperança de vencê-la e pensavam que a derrota poderia ter sido provocada pelos judeus.

A República e a assimilação dos judeus estavam relacionadas e tal relação provocava uma hostilidade violenta. “A guerra e a revolução exasperaram as paixões; as tentativas de uma acomodação são irrisórias; pelo menos até 1924 a

violência reina nas ruas.” (SORLIN, 1974, p. 74) Os fatos que se seguem durante a República só aumentariam a hostilidade aos judeus, em 1920, Kapp, um alto funcionário do governo, tenta dar um golpe de Estado e apresenta um programa que contém a expulsão dos judeus em um dos itens. Em 1922, Rathenau¹ é assassinado, considerando que ele era judeu, pensava-se que um judeu no poder só poderia destruir a Alemanha, no ano seguinte, muitas casas comerciais de judeus são saqueadas.

Ao longo dos anos de 1920 e 1921 o exército ganhou relevância e também independência em relação aos políticos, transformou-se em um Estado dentro do Estado. O nacionalismo foi ressaltado em associações paramilitares clandestinas, que passaram a ter grande importância no país. “Para estes nacionalistas o objeto do seu ódio eram os partidos republicanos: o centro católico e os socialistas de todos os tipos.” (ALMEIDA, 1988, p. 35) Dessa forma, o ódio aos judeus também foi acrescentado, pois eram vistos como representantes do capital financeiro.

Nos anos seguintes, precisamente em 1927, a Alemanha voltara a atingir o nível de crescimento econômico de 1913 e continuou assim até outubro de 1929. O plano Dawes fora substituído pelo plano Young em junho de 1929. Através dele e dos acordos de Haia, nos meses seguintes, ficara decidido que a França desocuparia sucessivamente três zonas da Renânia (ALMEIDA, 1988, p. 96).

Porém, com o crack da Bolsa de Nova Iorque, a Alemanha se vê novamente em apuros.

A crise, que teve efeitos mundiais fulminantes, golpeou a Alemanha de forma especial devido à sua estrutura econômica, dependendo inteiramente de empréstimos e voltada para as exportações. Diante da nova conjuntura os capitais americanos se retiraram e os empréstimos foram renovados a um prazo muito curto. Além disso os mercados estrangeiros fecharam-se para a importação de produtos alemães. À queda das exportações somou-se a dificuldade para a importação de matérias-primas, o que levou imediatamente a despedimentos em massa, e mesmo à bancarrota de certas indústrias. (ALMEIDA, 1988, p. 99)

A crise afetara intensamente a Alemanha. A produção industrial baixou, o número de desempregados já havia chegado a cerca de 6 milhões. Diante de tal panorama, os sindicatos perderam seu papel social. Os industriais pressionaram o

¹ Walther Rathenau (1867 – 1922) foi ministro das relações exteriores durante a República de Weimar.

governo para que este eliminasse ou diminuísse as pensões dos desempregados e as ajudas sociais, tentaram alongar a jornada de trabalho e diminuir os salários.

Em 1932, Hindenburg foi reeleito presidente com apoio da social-democracia, que considerou a sua candidatura como um “mal menor”. A política de Brüning tocou em pontos nevrálgicos: a colonização de algumas terras inaproveitadas e a proibição do grupo paramilitar nazista, as SA. Foi demitido por Hindenburg em maio, sendo sucedido pelo barão von Papen.

As eleições de julho de 1932 mantiveram a tendência geral de aumento espetacular dos votos do partido nazista. Antes disso, o partido não representava tamanha força. “Os nazistas eram vistos como um partido sem importância, um instrumento que a burguesia usava transitoriamente porque era útil. ” (ALMEIDA, 1988, p. 107). A legalização das SA desencadeou uma onda de assassinatos e violências e a crise econômica chegou ao seu ponto mais agudo com desemprego, baixa da renda nacional e da produção industrial e bancarrotas (ALMEIDA, 1988, p. 112). A crise se instalara no governo e von Papen renunciou em dezembro e o escolhido para primeiro-ministro von Schleicher.

Durante esse período tornou-se crucial o apoio que os grandes industriais deram a Hitler. O exército, que deveria teoricamente apoiar seu ex-ministro, estava cada vez mais fascinado com Hitler. Assim, o próprio von Papen passou a articular junto a Hindenburg um governo que tivesse Hitler como primeiro-ministro e ele como vice-primeiro-ministro. Relutante, finalmente Hindenburg cedeu em 29 de janeiro de 1933, demitindo von Schleicher e nomeando Hitler como primeiro-ministro (ALMEIDA, 1988, p. 114)

O episódio do incêndio do *Reichstag*, em 27 de fevereiro de 1933, viria intensificar a repressão ao movimento operário e os comunistas logo foram acusados do incêndio e perseguidos.

Conforme discutido, o século XX foi marcado por grandes conflitos, entre eles, as duas guerras mundiais, que caracterizam esse século como a Era das Catástrofes (HOBBSAWM, 2001). Nunca um conflito teve consequências tão alarmantes, nunca até então uma guerra havia alcançado a escala mundial, chegando em todos os continentes. A paz que reinava na Europa pré-guerra foi interrompida em 1914.

Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos – inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de seus membros centro-europeus – se recusaram a ver qualquer continuidade com o

passado. “Paz” significava “antes de 1914”: depois disso veio algo que não mais merecia esse nome. Era compreensível. Em 1914 não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências...” (HOBSBAWM, 2001, p. 30)

Após 1914 essa ruptura se estenderia ainda mais, atingindo seu ápice no ano de 1933, data marcada pela ascensão do Partido Nazista na Alemanha e de Adolf Hitler (1889 – 1945) no poder. Era evidente que o Tratado de Versalhes não poderia servir como a base de uma paz estável, pois estava condenado desde o início e portanto, outra guerra era inevitável (HOBSBAWM, 2001, p. 42)

Todo partido na Alemanha, dos comunistas na extrema esquerda aos nacional-socialistas de Hitler na extrema direita, combinavam-se na condenação do Tratado de Versalhes como injusto e inaceitável (HOBSBAWM, 2001, p. 43)

Hitler funda então o Terceiro Reich, governando até o final da Segunda Guerra, e implanta uma política racista, antissemita, que visava a perseguição sistemática aos judeus. Após a Conferência de Wansee em 1942, tal política racista buscou delimitar o “espaço vital”, primeiramente com o incentivo da imigração de judeus e posteriormente com o extermínio em massa pautado na “solução final”. Os nazistas procuravam realizar a “arianização” que compreendia que somente os arianos, aqueles que tinham sangue alemão, seriam o ideal de homem perfeito tão cultuado pela estética nazista.

Para os nazistas, o judeu era o sujeito apátrida que não pertencia a uma nação, a um espaço e, portanto, não poderia se considerar alemão. Essa característica latente do sentimento de pertença presente no nacionalismo estava ligada ao antissemitismo no desenvolvimento do Estado-Nação.

“Os antissemitas, que se diziam patriotas, introduziram essa nova espécie de sentimento nacional, que consiste primordialmente no completo encobertamento dos defeitos de um povo e na ampla condenação dos que a ele não pertencem.” (ARENDT, 2000, p.121)

A partir do reconhecimento do judeu como “corpo estranho” da sociedade, ou, ainda, como “parasita”, “verme”, como era tratado, faziam-se necessárias medidas eficientes e racionalizadas pela política nazista para colocar fim àquilo que incomodava a sociedade. Segundo Bauman (1998) a versão exterminadora do antissemitismo é um fenômeno moderno, e o treinamento ideológico feito a partir dos meios de propagação em massa, tentava incutir nas massas não-judaicas um ódio e repulsa tão intensos aos judeus que desencadearia uma violenta ação contra eles, onde quer que fossem encontrados.

Tal política antissemita seria disseminada ao longo dos anos do governo nazista e não só judeus, mas também negros, ciganos, testemunhas de Jeová, comunistas, homossexuais, deficientes físicos e mentais foram alvo de perseguições. Foi altamente destrutivo e mortífero o projeto antissemita de Hitler, principalmente após 1942 durante a Conferência de Wansee, tal projeto vigorou na Grande Alemanha levando a deportação de inúmeras pessoas aos campos de concentração e conseqüentemente, à morte. "O Holocausto era planejado; e Hitler o planejou. Está é a única conclusão que faz sentido de todo o horripilante processo." (JOHNSON, p. 481, 1989)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial surgem diversas publicações autobiográficas, dentre elas diários, cartas, autobiografias que buscavam, através de seus testemunhos, apresentar o mundo em guerra daqueles que a viveram. Os diários de Anne Frank, publicados após o final da guerra, os escritos de Primo Levi e, da mesma forma, os diários de Victor Klemperer, são relatos daqueles que testemunharam algo de tão incrível valor que deveria ser transmitido a outros. Essas obras buscam relatar o que foi testemunhado para que se possa compartilhar a dor daquilo que viram e viveram. A memória é resgatada porque se faz necessária, é preciso delatar para não morrer, é preciso existir historicamente (HARTMAN, 2000).

Segundo Hartman (2000) a memória possui seu limite e também possibilidades.

Quando falamos de trauma, queremos dizer eventos ou estados sentimentais que ameaçam esse limite: extrema dor física ou psíquica, por exemplo, mas também prazer extremo. Eles perfuram o tempo vivido e existem somente como fantasmas. Mas a memória é evidência de continuidade: de que o futuro terá um passado (HARTMAN, 2000, p. 223)

O saldo que a Segunda Guerra Mundial deixou foi uma estimativa de 40,5 milhões de pessoas desenraizadas na Europa em maio de 1945, cerca de 13 milhões de alemães foram expulsos das partes da Alemanha ocupadas pela Polônia e a URSS, da Tchecoslováquia e partes do Sudeste europeu. Porém, quando se trata das perdas humanas durante a guerra, considera-se certamente como a maior catástrofe da história humana. Tal ferida jamais poderá ser cicatrizada, a humanidade jamais esquecerá tamanha atrocidade.

A obra de Victor Klemperer é lançada logo no pós-guerra e fora publicada na Alemanha Oriental. Após a reunificação alemã torna-se mundialmente conhecida. Sua obra nos revela um testemunho de valor imenso e de tamanha singularidade, visto que poucos são os relatos daquele período dentro do espaço que se desenrolou o nazismo. Dessa forma, a literatura de testemunho ganha com Klemperer um “espectador ocular” de relatos quase que diários dos acontecimentos na Alemanha. “O indizível só pode ser não-dito, e ‘lembrar’ pode ser uma forma de ‘esquecer’, de normalizar o passado” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p.10)

Os relatos de Victor Klemperer abrangem os anos de 1933 até o fim da guerra em 1945. Seus escritos tinham o intuito de preservar a memória e até mesmo denunciar as atrocidades cometidas contra os judeus e contra ele mesmo. Klemperer também expressa seu estado emocional, abalado a cada ano com a permanência de Hitler no poder. Eva, sua esposa e companheira fiel, está presente em praticamente todas as anotações do autor, e sofreu de depressão ao longo dos anos do nazismo.

Com base nos diários de Victor Klemperer, considerada uma das fontes mais fidedignas e completas de testemunho do período, busca-se compreender a sociedade que Klemperer vivia e os impactos que o nazismo tivera em sua vida e de sua esposa, uma sociedade imersa no racismo, desde as esferas mais elevadas, institucionalizadas pelo Estado, até o convívio entre pessoas comuns, no simples contato nas ruas e em lugares públicos. É importante ressaltar que Klemperer era um judeu assimilado, não praticante do judaísmo e sim protestante (seus documentos constavam que sua religião era mosaica, ou seja, mesmo não se sentindo judeu, perante às autoridades nazistas, ele era judeu).

“Os judeus haviam podido escapar do judaísmo para a conversão; mas era impossível fugir da condição de judeu. Além disso, se um crime é punido com um castigo, um vício só pode ser exterminado.” (ARENDT, 2000, p.109) Mesmo diante dessas condições, como ele próprio iria escrever, fora perseguido, vítima de maus-tratos e sentiu várias vezes que a morte o rondava.

Assim sendo, esta pesquisa apresenta primeiramente uma breve biografia de Victor Klemperer a fim de que se possa conhecer sua vida e também as obras que produziu em sua vida acadêmica. O primeiro capítulo que se segue apresenta a

saúde física e mental não só do autor mas também de sua esposa e companheira leal, Eva Klemperer. Ao longo dos anos do nazismo o casal mostra-se muito debilitado emocionalmente e tal fato marca os escritos de Klemperer. Há um subcapítulo intitulado: Victor Klemperer - o homem, o judeu e o alemão, onde pretende-se entender o sujeito em diferentes aspectos. Logo após, trata-se no segundo capítulo da produção intelectual do filólogo, com uma breve explanação acerca de suas obras e suas impressões enquanto professor universitário em uma Alemanha nazista. O terceiro capítulo busca compreender a crítica que Klemperer tece ao nazismo e, junto desta, suas impressões analíticas sobre a linguagem nazista, escritos que mais tarde iriam compor sua obra *LTI*. No quarto e último capítulo, aborda-se os anos da guerra e a destruição da cidade de Dresden, onde Klemperer residia.

Os títulos escolhidos para os capítulos foram frases e expressões retiradas das obras de Victor Klemperer, os diários e sua *LTI*. O primeiro capítulo, intitulado “A vara do equilibrista”, restringe-se ao estado emocional, propriamente dito, de Klemperer e sua esposa. Tal título faz menção à explicação de Klemperer sobre seus diários em sua obra *LTI*, referindo-se que os diários eram sua vara de equilibrista que o sustentou durante todos aqueles anos. Ele mostra como os atos violentos e arbitrários do nazismo afetaram sua vida e saúde física e psicológica. São constantes os pensamentos de morte e as tentativas de suicídio de pessoas conhecidas. O próprio estado de saúde de Klemperer esteve abalado, tinha alguns problemas de saúde, sofria de angina no peito e os olhos cansavam constantemente. Fora submetido ao trabalho forçado, semanas removendo neve das ruas, sendo alvo de chacota e humilhação.

Ao longo do segundo capítulo, “A língua também conduz meu sentimento”, busca-se analisar a produção intelectual de Klemperer e sob quais condições ele esteve submetido todo o tempo para produzir suas obras. Também é abordada a dificuldade que os judeus tinham em publicar seus escritos durante a vigência do governo nazista. Suas leituras e resenhas também são mencionadas, a fim de desvendar uma mente inquietante que não sossegara, nem mesmo posta sob pressão. A expressão que dera origem ao título deste capítulo são reflexões de Klemperer sobre o trabalho do filólogo e o uso da linguagem, presentes em sua *LTI*, ali ele reforça que palavras podem ser engolidas de maneira despercebida e se

aparentam inofensivas, porém ao longo do tempo percebe-se o efeito de seu veneno.

O terceiro capítulo, “Prestarei testemunho, testemunho preciso”, trata de abordar a crítica elaborada pelo autor ao nazismo e evidencia as perseguições que os judeus sofreram. Ao longo dos escritos diários, Klemperer se compromete em relatar tudo e se transforma em testemunha ocular da história, cumprindo um papel pedagógico, tal comprometimento explica a frase intitulada neste capítulo. Procurou-se relatar o florescimento e o caráter violento do antissemitismo logo nos primeiros anos do nazismo, a transformação do antissemitismo em aparelho burocrático como a mudança constitucional a partir das Leis de Nuremberg, o avanço alemão nos territórios vizinhos, a anexação da Áustria e Tchecoslováquia, que acarretaria o início da guerra.

O racismo é política primeiro, ideologia depois. E, como toda política, precisa de organização, administradores e especialistas [...]

Em suma, a tarefa é inconcebível sem a burocracia moderna. Para ser eficiente, o moderno antissemitismo de extermínio tinha de se casar com a moderna burocracia [...]

A mistura letal combinava a ambição tipicamente moderna de engenharia e planejamento social com uma concentração tipicamente moderna de poder, recursos e técnicas administrativas (BAUMAN, 1998, p. 99 – 100)

Como seguimento do capítulo anterior, o quarto capítulo, “Quero prestar testemunho até o final” – O colapso da guerra (1939-1945), trata também dos anos de guerra, a explosão do antissemitismo e o extermínio dos judeus, não só na Alemanha, como também nos países anexados, como é o caso da Polônia, invadida em 1º de setembro de 1939 e que teve grande porcentagem de judeus mortos pelos alemães. Os conflitos durante a guerra também são analisados, pautados nas anotações de Klemperer, que relata as vitórias alemãs até a destruição da cidade onde morava, Dresden.

Como meio de trazer a memória à tona, e fazer dela uma base para a compreensão da sociedade alemã da época, este trabalho busca, através dos relatos de Victor Klemperer, o entendimento do convívio entre alemães e judeus, não procurando explicações para o antissemitismo moderno, mas sim tentando compreender em quais estruturas ele se apoiava, como se transformou, e os meios de extermínio de milhares de judeus.

Sem sombra de dúvidas, estudar a vida deste intelectual alemão é poder conhecer as lamúrias daqueles que sofreram com o regime nazista. Mais ainda: é poder “sentir” de perto tantas atrocidades. Estar em contato com Victor Klemperer é enxergar os fatos pelos olhos críticos do filólogo, do homem alemão e do judeu que não se sentia judeu. É mais do que isso: é poder vivenciar sua dor. É o compartilhamento da memória traumática, tão necessária e tão viva.

Mais do que todas as compreensões, análises e problematizações buscadas aqui, esta pesquisa tem, por si só, em sua dedicatória, homenagear a memória de Victor Klemperer, mas seria talvez um ato egoísta da parte da autora que aqui escreve, lembrar-se apenas de um único judeu perseguido enquanto tantos outros tiveram suas vidas tomadas e arrasadas pelo furor nazista. Essa pesquisa representa a memória latente de todas as vítimas da Shoah. A grande vara do equilibrista.

1 “A VARA DO EQUILIBRISTA”

“Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregar na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...”

(Álvaro de Campos in Poemas)

Este primeiro capítulo apresenta de início uma breve biografia de Victor Klemperer e suas principais obras. Tal apresentação parte da infância do autor até sua vida adulta quando escolhe a carreira que iria seguir pelo resto da vida, seus primeiros trabalhos até seu ingresso na Escola Técnica Superior de Dresden.

As obras produzidas pelo autor ao longo dos anos do nazismo e consequentemente a abrupta interrupção de suas publicações também compõem este capítulo, buscando elencar suas principais obras, ideias e estudos ao longo de sua trajetória acadêmica.

A rotina diária relatada por Klemperer, seus afazeres domésticos, somados ao cansaço físico e psicológico do casal são analisados, e descritos ao longo desse capítulo.

1.1 Sobre Klemperer.

Victor Klemperer nasceu em 9 de outubro de 1881 em Landsberg, na Alemanha, filho do casal de primos, o doutor e também rabino Wilhelm Klemperer e de Henriette Klemperer (nascida Franke). Tinha nove irmãos. Victor era alemão, judeu e quando jovem se converteu ao Luteranismo. Era casado com Eva Klemperer, que não era judia, fato que o fizera escapar da ira nazista inúmeras vezes. Faleceu em Dresden em 11 de fevereiro de 1960.

As informações biográficas sobre o autor que foram utilizadas aqui referem-se aos seus três livros autobiográficos mencionados anteriormente, sendo que seu *Curriculum Vitae* trata de relatar desde seus primeiros anos, sua infância e adolescência até a vida adulta e a entrada na universidade. Diante da inviabilidade de leitura deste livro, escrito em alemão, utilizaram-se dados e informações da obra presentes na dissertação de mestrado de Miriam Bettina Paulina Oelsner cujo título é *“A linguagem como instrumento de dominação - Victor Klemperer e sua obra 'LTI - Lingua Tertii Imperii'”* que posteriormente deu origem à tradução do livro publicado pela editora Contraponto em 2009. Parte das informações obtidas e escritas aqui sobre o período posterior da guerra tiveram como base não só a dissertação de Oelsner e o próprio livro de Klemperer, *LTI*, como também seu último diário *“The lesser evil”*.

O pai de Klemperer viveu em uma fase do século XIX que se caracterizou por ser uma linha de corte na emancipação judaica, associada ao pensamento do poeta judeu alemão Heinrich Heine (1797-1856). Wilhelm Klemperer fora rabino em Landsberg até 1884 e em Bromberg até 1890², ano que assumiu o cargo de segundo pregador da Congregação Judaica Reformista de Berlim, cidade que a família viveria a partir de então³ (OELSNER, 2002). Na mesma época, os irmãos de

² Wilhelm foi rabino de uma comunidade polonesa ortodoxa em Bromberg, o que indicava a ortodoxia da família Klemperer. A família de Klemperer não gostava que sua ortodoxia fosse vigiada pela comunidade polonesa de Bromberg. De fato, no momento em que o pai envia o telegrama de Berlim informando sobre o novo emprego, Henriette vai com Victor até um açougue e compra frios, como todo mundo e pela primeira vez comem carne não *casher*.

³ O Movimento Judaico Reformista teve início na Alemanha em 1801 com a criação de escolas seculares, sob influência da emancipação na Europa e permaneceu neste formato até a ascensão de Hitler ao poder, em 1933. Deve-se a Moses Mendelssohn (1729-1786), filósofo judeu alemão, a popularização do conceito naquela época. Foi responsável também pelo desenvolvimento cultural do judaísmo naquela época. Mendelssohn mantinha correspondência com Kant, e defendeu o pensamento ateu de Lessing. O Movimento Judaico Reformista caracterizava-se por introduzir as

Victor, Georg e Felix, concluíam seu curso de medicina em Berlim, sendo Georg médico residente do hospital *Charité*. Enxergava nestes irmãos grandes exemplos e os denominava de “die Grossen” (os grandes), e exerceram forte influência em sua formação.

Filólogo de formação, ocupou o cargo de professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden até 1935, ano que foi destituído de seu cargo. É autor de várias obras. Entre elas, destacam-se: *Lingua Tertii Imperii*⁴ (*A linguagem do Terceiro Reich*), com sua primeira edição em Berlim em 1947, e publicada no Brasil em 2009, obra singular para o estudo do Nazismo, pois este analisa a linguagem nazista e *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire*, publicado na Alemanha em 1954. Destaca-se mundialmente por ser um grande estudioso sobre a literatura francesa, tendo publicado várias obras sobre a temática. Em 1995, sua obra *LTI* recebeu o prêmio de literatura alemã *Geschwister Scholl*.

Em 1925, Victor Klemperer visita o Rio de Janeiro anotando suas impressões em seu diário íntimo. Como observador nato, o filólogo nota a vegetação, a baía e toda natureza exótica característica da cidade, menciona também o Corcovado e o Pão de Açúcar, o mais puro café que provou e as ruas largas e prédios esplêndidos (ARON, 1998) Ainda assim, diante da beleza da cidade, consegue perceber as desigualdades sociais já existentes, ao ver mansões luxuosas mescladas na paisagem urbana com as favelas.

Ao ler seus diários e ao conhecer um pouco de seu cotidiano, pode-se compreender que Klemperer era um homem culto, de espírito crítico aguçado, fruto das relações familiares e do próprio ambiente familiar. As pesquisas sobre os autores franceses, a formação filosófico-acadêmica de seu pai, assim como a de

orações e prédicas no vernáculo, e a música de órgão durante as cerimônias religiosas. Não era necessário cobrir a cabeça durante os ritos (Hamburgo, 1817). Nos anos seguintes, os rabinos Aaron Chorin, Abraham Geiger, Samuel Holdheim e Leopold Löw criaram o que denominaram de pensamento desenvolvimentista no judaísmo. A sinagoga reformista instituída em Berlim em 1845 por Samuel Holdheim e Joseph Lehmann diferenciava-se das congregações liberais pela introdução do serviço religioso dominical e pela exclusão quase total do hebraico. Revisão constante do judaísmo e alemanismo, reforçada pelo antijudaísmo sempre presente, fortaleceram o sentimento de patriotismo e a negação do sentimento sionista, a eliminação de todos os pontos de invocação de retorno a Sião, até 1933.

⁴ O título do livro era uma paródia que Klemperer se referiu à típica mania do uso de siglas pelo regime nazista.

rabino da comunidade judaica reformista, e também a formação profissional dos irmãos, o influenciaram diretamente e o resultado é esse lado opositor crítico do nazismo que não foi para o campo de concentração. Tal fato torna o estudo de sua vida tão precioso para a historiografia da Shoah, pois a grande maioria dos judeus que foram perseguidos pelos nazistas foi enviada para os campos de concentração e de extermínio, o que nos garante outros pontos de vistas, nuances e posições acerca dos fatos.

Em seu *Curriculum*, Klemperer relata que sua mãe tinha boa formação escolar, fruto do empenho da avó viúva. O pai de Klemperer não se interessava pelo estudo das filhas. Klemperer sentia-se oprimido pelos irmãos mais velhos, pois era filho temporão em uma família de sete irmãos. Desde o início da carreira, seu irmão Georg se tornou um grande cirurgião, ele e o outro irmão, Felix, advogado, como Berthold, se converteram ao protestantismo e se casaram com mulheres não judias.

Die Mutter. Henriette Klemperer mit dem Sohn Georg (um 1865)

Figura 2 – Henriette Klemperer, mãe de Victor Klemperer, com seu filho Georg (fotografia digitalizada de *Curriculum Vitae*).

De todas as irmãs, era mais próximo de Wally, a caçula entre as meninas, nascida após ele. Com sua outra irmã Grete inicia uma grande amizade durante a adolescência, quando mais velha ela se casaria com um professor viúvo e teria se mudado para a Silésia do Norte.

Figura 3 – Henriette Klemperer, mãe de Victor Klemperer, com sua filha Wally (fotografia digitalizada de *Curriculum Vitae*).

Passa a frequentar o Ginásio Francês de Berlim, por influência do irmão Georg. Teve como colega de classe Julius Bab, que se tornaria poeta anos depois. Descreve em seu curriculum a satisfação que sentiu ao passar do Ginásio Francês para a *Obertertia*⁵, porém relembra o tratamento rude dos professores aos alunos menores e menciona que sua saída antecipada do ginásio se deu por conta de um

⁵ Denominação dada antigamente à quinta série do ginásio.

mal-entendido entre ele e seu colega de classe Victor Landau. Muda-se, então, para outra escola, que supunha ser mais fácil e pensava em sair de lá e ser comerciante (OELSNER, 2002) Decide tornar-se aprendiz em um estágio comercial na firma Löwenstein & Hecht, exportadora de bijuterias e miudezas, iniciando em 1897 e permanecendo até 1899, quando recebe seu certificado de conclusão.

Por meio da amizade com o aprendiz Hans Meyerhof, conhece Martin Birnbaum, da área jornalística, chegando a publicar um pequeno estudo a respeito da tradução de Paul Heyse da lírica italiana no jornal *“Boten vom Gardasee”*. “Hans tenta ser agente literário de Klemperer e procura publicar algumas matérias suas sob o pseudônimo Fritz Victor, sem sucesso.” (OELSNER, p. 26, 2002) Durante uma conversa à mesa do almoço, o pai de Klemperer cita uma frase do Talmud em hebraico e ele a traduz:

*“Glaubst du, der Wurf aus deiner Hand/Kann Sternenhöh erreichen?/Dir in die Augen stiebt der Sand,/Ihr Glanz wird nicht verbleichen.”*⁶

Diante do entusiasmo de seu pai, Klemperer sente-se encorajado e decide voltar aos seus estudos humanísticos, porém, as decisões cabiam sempre ao irmão mais velho, Georg, já casado, cuja casa Klemperer frequentava com regularidade. Sobre o assunto de retorno aos antigos estudos, Klemperer teve a ideia rejeitada pelo irmão. Mesmo desapontado com a negação do irmão, passa a estudar sozinho na biblioteca de seu pai. Por conta de tantas atividades, fica doente. Durante tal fato, o filho de Georg morre aos quatro anos de idade, o que abala toda família. Após o acontecimento trágico, Georg passa a refletir sobre o tratamento que dava ao irmão e decide incentivá-lo nos estudos e, em 1900, Klemperer começa o colegial (OELSNER, 2002). No início, não obtém boas notas e era alvo de críticas entre os alunos devido à sua posição referente à socialdemocracia. Com o passar do tempo e a melhora nas notas, se torna o presidente do Grêmio Estudantil no Ginásio Real, conforme as regras da escola. É neste período que Klemperer é alvo do antissemitismo pela primeira vez.

Um dos beverões da turma propõe que a Burschenschaft, nome genérico das agremiações estudantis, deveria enviar um telegrama ao Kaiser pelo seu

⁶ “Crês que com um simples lance de mão alcances as alturas das estrelas? Em teus olhos cairá a areia. Seu brilho não se dissipará”.

aniversário em 27 de janeiro de 1902. Como presidente, Klemperer se opõe terminantemente, pois não seria um gesto apropriado da parte de alunos de nível colegial. O colega, que tinha um grupo de alunos articulados a seu favor, retruca que Klemperer, que nem alemão por inteiro era, já que era judeu, não tinha direito a opinar. (OELSNER, 2002, p. 27)

Conclui o colegial em 1902 e logo após ingressa nos estudos superiores em Munique, na Baviera⁷. É nesse período que conhece o professor Dr. Franz Charitius, que lecionava alemão e grego no Ginásio Real; também menciona o professor Dr. Karl Vossler⁸, que foi seu orientador na obtenção de sua livre docência em Munique no ano de 1914. Os anos de 1902 e 1905 demarcam o tempo em que Klemperer realizou seus estudos em filosofia, filologia germânica e românica nas cidades de Munique, Genebra, Paris e Berlim (OELSNER, 2002)

Figura 4 - A admissão como estudante da Escola Secundária de Landsberg Real. Fotografia de: MOECK, Wilhelm, 1900/1902.

⁷ Percebe a diferença entre a Alemanha prussiana e a Alemanha bávara, como por exemplo, o catolicismo, praticamente ausente em Berlim. Sente essa diferença com maior intensidade do que o antissemitismo em si.

⁸ Filólogo e crítico literário alemão (1872-1949), entre suas principais obras estão: Dante; Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem; Introdução à Literatura Espanhola do Século de Ouro.

A opção por estudar em 1902 em Genebra adveio de embates entre Klemperer e sua família, porque no momento ele pretendia ir para Paris, o que a família não julgava pertinente, pois consideravam que ele não estaria apto a enfrentar as “perdições morais” da capital francesa. Conhece o professor Bernard Bouvier e, pela primeira vez, se depara com estudantes mulheres (OELSNER, 2002). Para o professor Bernard, estudar literatura francesa não se restringia apenas a Voltaire, mas também Chateaubriand, Victor Hugo e Zola. Klemperer comenta em seu *Curriculum* que, mesmo após quarenta anos, continuava considerando a obra de Voltaire uma das mais importantes da literatura mundial.

Aprendera muito sobre a quarta edição de Napoleão Bonaparte, mas, no momento em que escreve seu *Curriculum*, sentia envergonhado que, aos quarenta e quatro anos, quando publicou livros sobre Napoleão, pudera tecer elogios a um ditador.

Percebe desde cedo que o antissemitismo não era tão acirrado na Alemanha e via o protestantismo como sinônimo de alemanidade.

*“Immer blieben mir deutsch und protestantisch gleiche Begriffe, ...Der Protestantismus sei so sehr die eigentliche Deutsche Denkform, dass selbst die deutschen Katholiken halbe Protestanten und Ketzer seien”.*⁹

Em 1903, na residência do pastor Nessler, acompanhado pelo irmão Berthold, Klemperer se converte ao protestantismo. Respira aliviado ao sair da casa do pastor, pois sabia que daquele momento em diante teria uma religião “correta”, deixando de ser motivo de piada para as outras pessoas (OELSNER, 2002)

Ao retornar a Berlim, Klemperer se alista no exército real e é admitido no 36º Regimento de Artilharia, podendo, assim, manter seus estudos universitários na capital alemã. Queria ser doutor, porém, diante de seu despreparo com o corpo docente, recebe orientação de Tobler, que lhe sugere escrever sua dissertação sobre Voltaire. Segue para a Itália, a fim de realizar algum curso na Universidade de Roma, mas retorna à casa passado um mês.

⁹ “Para mim, ser protestante e ser alemão sempre permaneceram conceitos iguais...protestantismo representava de tal forma a maneira alemã de pensar que até mesmo os católicos alemães eram meio protestantes e hereges”.

O amigo Hans o encontra em Berlim e consegue, em 1906, a publicação de um livro de Klemperer com seus contos: *Schwesterchen* (Irmãzinha) e *Glück* (Sorte). Na passagem de seus escritos de sua autobiografia, Klemperer apresenta Ev, ou melhor, Eva Schlemmer, com quem se casa em maio de 1906. Eva era pianista, não judia, nasceu em Königsberg em 12 de julho de 1882. Em sua certidão de casamento ele declara ser cidadão de fé mosaica, ou seja, não sente mais necessidade de se afirmar como protestante (OELSNER, 2002)

Figura 5 – Eva e Victor Klemperer. Arquivo Aufbau-Verlag.

Em 1913, Klemperer obtém seu doutorado com o professor Dr. Franz Muncker. Em Paris, estuda já se preparando para sua livre-docência sobre Montesquieu, obtida com o professor Dr. Karl Vossler, em 1914. Entre os anos de 1914 e 1915, é professor leitor na Universidade de Nápoles.

Conforme Peter Gay (1998, apud OELSNER, 2002, p.33), Eva sofria de depressão nervosa e costumava até mesmo a acordar aos gritos. Relata que havia por parte dela uma fixação doentia em construir sua casa nos arredores de Dresden. O patriotismo exacerbado de Klemperer seria o motivo de sua permanência na Alemanha diante da possibilidade de emigrar da mesma forma que vários intelectuais da época o fizeram. Dentre outras explicações para a permanência na Alemanha, Peter Gay (1998, apud OELSNER, 2002, p.33) menciona que Klemperer não falava francês e seu inglês era péssimo, pois então, como sobreviveria em outro país? Por outro lado, recusava-se a depender financeiramente do irmão Georg.

Porque sou um filólogo de línguas modernas que não fala nenhuma língua estrangeira. Meu francês está totalmente enferrujado, tenho medo de escrever ou falar uma simples linha que seja. Meu italiano nunca foi grande coisa. E meu espanhol, então. Não sei nada de útil. (KLEMPERER, 1999, p.112)

Peter Gay (1998, apud OELSNER, 2002, p.33) menciona Klemperer como hipocondríaco, mas o fato é que ele realmente sofria de angina no peito, o que poderia resultar em seus constantes pensamentos sobre morte e de que o fim estava próximo. “Eva falece antes dele, em 8 de julho de 1951, em Dresden, entre 20:30 e 21:30, de ataque cardíaco.” (OELSNER, p. 33, 2002) Em seus diários, consta:

“Ich habe rein egoistische Gefühle: Was wird aus mir? Ich bin ganz allein, alles hat für mich seinen Wert verloren, es fehlt mir kindischerweise nur der physische Mut ihr zu folgen, aben dieser Mut fehlt mir gänzlich.”¹⁰

E também:

“E’s größter Verlust: ihre Compositionen, ihre Bilder...Ich habe e simmer bedrücklich empfunden, dass die äußeren Ehren an mich gingen. Sie war 1000mal begabter als ich: Musikerin, Malerin, Philologin, u. sie war 1000 x tapferer, sittlicher, uneigennütziger, freier, selbständiger, geschickter als ich, u. sie war, im vollen

¹⁰ Meus sentimentos são puramente egoístas: o que será de mim? Estou totalmente só, tudo perdeu seu valor, de maneira infantilizada falta-me somente a coragem de segui-la. Mas essa coragem me falta totalmente.

*Gegensatz zu mir, niemals neidisch u. niemals ehrgeizig. Meine einzige Gewissensberuhigung: ich habe das nie verkannt u. es ihr 1000 x gesagt*¹¹.

Por ter estado no front durante novembro de 1915 e março de 1916, acreditava que sua medalha ao mérito pela participação na guerra pudesse protegê-lo dos horrores do nazismo. Seu irmão Georg, juntamente com toda sua família, abandona a Alemanha logo no início do nazismo e muda-se para Boston, onde veio a falecer em 1947, aos oitenta e dois anos. Felix faleceu em 1932. Grete morreu em 1942 em Berlim, em um sanatório que esteve internada para tratar de doenças nervosas. Berthold faleceu em 1931. Hedwig, que morreu prematuramente, foi casada com Dr. Hermann Machol, morto em um campo de extermínio. Marta emigrou para o Uruguai com seu marido, Dr. Julius Jelski em 1938. Wally morreu em 1937 e seu marido, Dr. Martin Sussmann, médico, mudou-se para Estocolmo no ano seguinte da morte da esposa, falecendo seis anos depois.

Tanto Georg quanto Victor e seu primo, o maestro Otto Klemperer, do ramo Klemperer de Breslau, passaram a constar da Enciclopédia Brockhaus já em 1925, como fruto da fama que tinham adquirido no exercício de suas profissões. (OELSNER, p. 35, 2002)

Com exceção da irmã doente Grete, Victor e Eva foram os únicos da família a permanecerem na Alemanha durante o nazismo. Após o fim da guerra, Klemperer recupera sua cátedra na Universidade Técnica de Dresden.

Dos relatos no pós-guerra, sentia-se mais isolado, porém feliz que a guerra acabara. Ficou sabendo que quase todos os moradores da casa de judeus¹² em que tinham vivido foram mortos nos campos de concentração de Auschwitz e de Theresienstadt. Encontrou com alguns antigos conhecidos com alguma ascendência judaica que tinham presenciado o assassinato de seus entes queridos em Auschwitz (OELSNER, 2002)

¹¹ A maior perda são suas composições. Ninguém pode imaginar como ela era criativa. Ela se queixava de que tudo que ela criou foi destruído: suas composições, seus quadros... Sempre senti de forma opressiva que as grandes honras eram dirigidas para mim. Ela era 1000 vezes mais talentosa do que eu: música, pintora, filóloga. E ela era 1000 x mais corajosa, mas decente, menos interesseira, mais livre, mais independente, mais jeitosa e contrariamente a mim, nunca era invejosa, nem ambiciosa. Minha única paz de espírito é que eu sempre reconheci esses valores e sempre disse a ela 1000 vezes.

¹² Em cidades que não existiam guetos, foram criadas as *Judenhaus* ou Casa de Judeus, onde estes residiram durante o período nazista e tiveram suas antigas moradias confiscadas pelo Estado.

Ao retornar à sua casa, o casal percebe que um *bunker* havia invadido uma parte dela e a administração da cidade decide que voluntários devem ajudar a tirá-lo. Havia boatos de que os americanos chegariam, no entanto, Klemperer preferia os russos. Eram tempos de confusão para tecer definições políticas. Consegue um rádio emprestado, o que o mantém informado sobre os desdobramentos da guerra.

Felizmente, seu material escondido em Pirna, especialmente os diários, é reavido quase dois meses após o seu retorno. Tinha a sensação de que o passado se repetia, uma espécie de *déjà vu* semelhante ao pós-primeira guerra. A cidade de Dresden permaneceu sob ocupação russa, bastante diferente da alemã. Os russos se empenhavam para que houvesse eleições democráticas. Conseguem também sua casa de Dölzschen.

Percebe que o povo lamenta-se pelo presente, com dizeres do tipo “antes pelo menos se tinha algo para comer, agora passamos fome”, “os judeus estão aí, os russos também”, pensara sozinho que logo falaria que o horror nazista fora propaganda inventada pelos opositores de Hitler.

Em 23 de maio de 1952, Klemperer se casa novamente com sua aluna Hadwig Kirchner. Era considerado aos moldes da nova república alemã um homem rico e chegou a viajar várias vezes com sua jovem esposa para Itália, França, Polônia, Bulgária, Romênia, Áustria, China. Receava mesmo assim estar roubando a juventude da esposa e a chance de começar uma família.

Figura 6 – Certidão de casamento com Hadwig Kirschner. Dresden-Plauen, 29/05/1957.
Fotógrafo: ROCH, Philippa .

Figura 7 – Carteira de passe de Hadwig de maio de 1941. Fotógrafo: RICHTER, Regine (2011).

Chega a tecer algumas notas sobre uma possível *LQI* (*Lingua quarti imperii* – *Linguagem do quarto reich*) em alusão ao domínio soviético em Dresden. Uma

grande foto de Stálin no centro da cidade o lembrava Hermann Goering. Qualquer semelhança com o passado seria mera coincidência?

1.2 As obras.

Victor Klemperer escrevia diários desde muito jovem e esses, ao todo, constituem-se em três partes: *Curriculum Vitae* (sem tradução no Brasil), uma autobiografia que aborda os anos de 1881 a 1918; *Os diários de Victor Klemperer*, referentes aos anos de 1933 a 1945 publicado no Brasil em 1999 e *The diaries of Victor Klemperer – The Lesser Evil* (também sem tradução para o português) que compreende aos anos de 1945 a 1959.

O filólogo produziu diversas obras de caráter singular e de extrema importância para a história da literatura, principalmente francesa. Percebe-se que sua produção literária foi intensa ao longo dos anos anteriores à ascensão do nazismo na Alemanha, quando Klemperer é destituído de seu cargo como professor na Escola Técnica Superior de Dresden e proibido de utilizar até mesmo a biblioteca pública. Nos anos de 1933 até o final da guerra em 1945, sua produção cai, não conseguia publicar suas obras ainda no início do governo de Hitler, condição piorada com os anos posteriores. Dedicar-se, pois, à escrita de seus diários, que se torna para ele refúgio e ao mesmo tempo o torna lúcido, consciente da importância que seus escritos teriam quando toda a loucura nazista findasse. Klemperer só voltaria a publicar suas obras após o término da guerra.

Figura 8 - Autógrafo de Klemperer com sua assinatura. Biblioteca Estadual Saxon - Estado e Biblioteca da Universidade de Dresden (SLUB)

Fotografia: DDZ

Em 1913, na conclusão de seu doutoramento, escreveu a tese *Os antecessores de Friedrich Spielhagen*, sob a orientação de Franz Muncker e Hermann Paul. Um ano depois, enquanto professor visitante na Universidade de Nápoles, publica *Montesquieu* em dois volumes.

Ao tornar-se professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden, em 1920, publica *Introdução ao francês medieval: do século XIII ao século XVII. Prosa francesa moderna: 1870-1920* é publicada em 1923 e um ano após publica *Literaturas românicas: do Renascimento à Revolução Francesa*. De 1925 a 1931, publica sua obra *Literatura francesa: de Napoleão à época contemporânea* em cinco volumes; a mesma obra foi reeditada em 1956 com o título *História da literatura francesa nos séculos XIX e XX*.

Figura 9 - Hall da Universidade Técnica de Dresden – sala de Klemperer. Dresden, Alemanha. Fotografia: Paulae, 2009.

Os anos correspondentes a 1926, 1928 e 1929 têm consecutivamente as publicações *Especialidade românica – estudos filosóficos*; *Literaturas românicas – léxico da história da literatura* e *História idealista da literatura – estudos básicos e aplicados*.

Sua carreira enquanto filólogo lhe proporcionou a publicação de várias obras de grande contribuição para a literatura, especialmente no que se concerne a literatura francesa do século XVIII, estudo realizado pelo autor e publicado em dois compêndios: *História da literatura francesa do século XVIII – o século de Voltaire* e *História da literatura francesa do século XVIII – o século de Rousseau*. As duas obras tratam da história da literatura francesa com abordagem nos dois filósofos

estudados e admirados por Klemperer. O estudo sobre Voltaire remontava seus anos universitários e desde então tornara-se grande estudioso do filósofo francês. Dedicou especial atenção aos escritores e filósofos franceses como Voltaire, Rousseau e Montesquieu. Outra obra sobre Pierre Corneille foi publicada em 1933, que retratava a vida do dramaturgo francês que viveu no século XVII.

Os diários que iremos analisar são os do período nazista, ou seja, de 1933 a 1945. Ele passa a escrever diariamente seu cotidiano, ora expondo seus sentimentos e aflições, ora relatando suas percepções sobre o contexto à sua volta. Escrever era necessário e menciona que “prestaria testemunho até o final”, o que de fato realiza. Até mesmo diante da destruição de sua cidade, Dresden, ele consegue relatar minuciosamente e com riqueza de detalhes a tragédia que colocaria fim ao nazismo. A singularidade de seus escritos, assim como as descrições precisas, só se tornaram possíveis pelo fato de Klemperer ter permanecido na Alemanha. Também é importante mencionar que seus diários possuíam uma “guardiã secreta” no caso de eventuais visitas da Gestapo e da possibilidade de descoberta destes. Annemarie Köhler, médica e amiga de Klemperer, cuidou de seus escritos até o fim da guerra.

Figura 10 – Foto de um manuscrito dos diários de Victor Klemperer referente a 13 de junho de 1934.

A barbárie nazista o afeta em todos os sentidos, mas deixa claro sua germanidade em seus escritos: o amor pela Alemanha é exposto até mesmo em seu desejo de não migrar do país. Viveu e relatou todos os casos de segregação, perseguição e até mesmo a violência propriamente dita a que os judeus foram submetidos.

Com o fim da guerra, Klemperer volta a publicar suas obras e, em 1947, publica sua *LTI – Lingua Tertii Imperi* em Berlim e cerca de 318 mil exemplares foram vendidos na Alemanha. Um ano depois torna-se professor na Universidade Greifswald. Em 1951 recebe o título de doutor em pedagogia na Escola Técnica Superior de Dresden, mesmo ano em que sua esposa Eva faleceu.

Casa-se com Hadwig Kirchner em 1952 e recebe o Prêmio Nacional da República Democrática Alemã (RDA) para arte e literatura. É eleito para a Academia de Ciências da Alemanha em 1953 e no ano seguinte publica o primeiro volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire*. Após seis anos de sua morte publicam o segundo volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Rousseau*.

Em 1956 publica o livro de artigos *Antes de 33 – após 45*. Recebe pela RDA a Ordem de Prata de Reconhecimento da Pátria. Morre em 11 de fevereiro de 1960, é enterrado em Dölzschen e recebe postumamente o prêmio F. C. Weiskopf da Academia de Artes de Berlim.

1.3 Victor Klemperer: o homem, o judeu, o alemão.

As primeiras leituras sobre Victor Klemperer podem levar o leitor principiante a enxergá-lo como um intelectual judeu vivendo na Alemanha Nazista única e exclusivamente, porém, ao contrário da aparente facilidade de compreensão de sua pessoa e ao longo de leituras mais aprofundadas, Klemperer se revela uma figura excêntrica, cheia de profundidade em suas palavras, crítica e ideologicamente posicionado.

Há várias obras de caráter autobiográfico, como diários, de pessoas que viveram durante a Segunda Guerra Mundial. Mas o que torna Victor Klemperer um

autor tão necessário para o estudo dessa época? Por que sua obra é considerada uma das principais a serem lidas sobre o período? Ao leitor que se debruça sobre seus diários a resposta fica muito clara: a singularidade de seus escritos ganha notoriedade pelos detalhes, pela criticidade de um intelectual alemão vivendo em solo alemão as maiores atrocidades que a humanidade já pôde presenciar. Não é um diário qualquer. Não se trata de um olhar qualquer.

Diferentemente de outras obras aclamadas pelo público, os diários de Victor Klemperer não são escritos em um campo de concentração, tampouco refletem apenas o espírito da época, mas abarcam o olhar crítico do filólogo. Ler seus diários é refletir sobre como um intelectual viveu durante o período nazista na Alemanha. Tal fato o torna singular, pois a maioria dos intelectuais judeus, para não dizer todos, deixou seu país. Testemunhar é não se deixar levar pelo esquecimento, relatar isso é dar vida ao que foi vivido.

A tentativa de enquadrar Klemperer nas vertentes de homem, judeu e alemão, ou, ainda, de compreendê-lo nestas, é tarefa complexa, porque trata-se de um indivíduo complexo vivendo em um período propenso a emoções afloradas e pensamentos diversos.

Apesar de Klemperer não se afirmar judeu, sua condição é esta, pois assim foi decretado. Simmel (2005) compara o judeu ao estrangeiro, o sujeito desprovido de pátria, um sujeito móvel. O judeu é alvo de estranhamento, é um tipo específico “em que uma comunidade direta constituída sobre um solo qualquer, para o qual é elemento compreensivo, se vê excluída.” (SIMMEL, 2005, p. 280). Ele surge como um estranho, um sujeito que não pertence àquele grupo. É dessa forma que os judeus foram vistos e tratados durante os anos do Nazismo, como um grupo à parte, indivíduos apátridas que deveriam ser segregados.

Quando resolve permanecer em seu país, Klemperer talvez não tivesse ideia dos obstáculos que enfrentaria. Aos poucos, o antissemitismo tornava-se mais latente e objetivo, com sua mira ao alvo bem definida e isto é sentido de forma direta por ele. Apesar de não ter estado em nenhum campo de concentração durante o período nazista, Klemperer fora submetido ao trabalho obrigatório e passou por constantes injúrias e humilhações. Sofreu como qualquer outro judeu por sua condição enquanto tal.

Mesmo não sendo um judeu praticante, no seu sentido mais amplo e ter se convertido ao protestantismo ainda jovem, Klemperer era considerado pelas leis nazistas, um judeu. Nesse sentido, podemos pensar que as identidades estão relacionadas, muitas vezes, à pertença de grupos, organizações, instituições e categorias sociais. Sendo assim, essas pertenças criam o sentimento de “nós”, uma inclusão grupal ou coletiva. Família, clube, religião, partido político, profissão, papéis sociais, são lugares sociais nos quais as pessoas se abrigam e constroem suas identidades sociais (GALINKIN, 2008). Ou seja, sendo filho de rabino como era, Klemperer era considerado, aos olhos do Estado alemão, um judeu. “Segundo a tradição legal do judaísmo, são considerados judeus todos aqueles nascidos de mães judias ou que tenham se convertido ao judaísmo através de um ritual próprio.” (GALINKIN, 2008, p. 90)

Porém, sua identidade judaica não fazia jus ao seu sentimento de pertença a tal grupo, ele não se sentia judeu, não se reconhecia como tal. Fora convertido na juventude de seus vinte e dois anos ao protestantismo por vontade própria. Noutro ponto, atestava sua germanidade dizendo-se alemão e não judeu. Oelsner (2002) cita que Klemperer supunha que para um filho de um judeu convertido ao protestantismo era menos problemático encontrar emprego. Para seus irmãos, Georg e Felix, era importante confirmar o sentimento de pertença ao povo alemão, talvez seja esse exemplo que Klemperer seguiu durante tantos anos. Ao converter-se, sente-se aliviado, pois a partir daquele momento possuía uma religião “correta” (OELSNER, 2002, p. 31).

Quando questionava-se a respeito do futuro, seus julgamentos são duros e só podem ser compreendidos à luz da excepcional opressão existencial. Sua posição era de judeu convertido, mas estava longe de ser um protestante praticante. Para ele, o sionismo era rejeitado e pensava descobrir nele uma outra forma de racismo. Na verdade, ele tinha se desvincilhado dos elos religiosos e sociais. Era, antes de tudo, alemão, e dizia que isso ninguém tiraria dele. Tal fato era o que importava a ele, tal sentimento ocupava seu ser. Não era judeu, nem protestante, nem sionista. Era apenas alemão.

...os extremistas nazistas absorviam a fraseologia subcientífica de Hitler e chegavam a julgar os judeus como bacilos ou um tipo particularmente perigoso de verme. Além de qualquer outra coisa, essa abordagem possibilitava que todos os judeus fossem amontoados sob uma mesma qualidade, independentemente de

suas condições circunstanciais ou de seus pontos de vista. Um judeu que detinha uma cátedra universitária, que escrevesse em alemão impecável, que havia servido durante toda a guerra e recebido a Cruz de Ferro, era apenas tão perigoso como poluidor da raça como um comissário judeu bolchevista. Um judeu assimilado portava o bacilo da mesma forma como um velho rabino dentro de um caftan e era mais que uma ameaça, pois tinha mais possibilidade de infectar ou “profanar”, segundo dizia Hitler, uma mulher ariana (JOHNSON, p. 470, 1989)

Conforme salientado, para a ideologia nazista, o fato de Klemperer ser um judeu assimilado era tido como um problema tão grande quanto o de ser um judeu praticante. Pouco importava seu sentimento de desaprovação perante sua origem judaica, menos ainda importava sua enfática alemanidade: para o Estado alemão, continuava sendo simplesmente um judeu.

Das várias leituras que fizera e mencionara em seus diários, cita *Escritos sionistas*, de Herzl. Menciona ter ficado surpreso com o parentesco com o hitlerismo, texto de exagerado americanismo e cheio de insultos desmedidos aos ricos e religiosos de outras crenças. Na verdade, para ele, encontravam-se em um mesmo patamar a loucura hitlerista, o bolchevismo e o sionismo, tratava-os como fanatismos ideológicos distintos e semelhantes ao mesmo tempo.

Acreditava que o sionismo não era a melhor saída para os judeus e que os sionistas viviam em comunhão com a Rússia Soviética e Sion. Para ele, a congregação israelita tendia ao sionismo e por isso mantivera-se afastado desta durante os anos de horror nazista. Era através de conhecidos, principalmente daqueles que viveram na casa de judeus com ele e Eva, que tinha conhecimento do que se passava na congregação israelita e da situação de vários judeus, e também mediante as circulares e avisos que constantemente enviavam para ele.

Ele também pensava que pelo fato de ter participado da Primeira Guerra Mundial seria poupado das perseguições nazistas. Tinha sido voluntário e esteve no front entre novembro de 1915 e março de 1916. Tal ilusão se desfez aos poucos.

Em tempos de guerra, o indivíduo, que não é ele próprio o combatente, sente-se atônito, desorientado e inibido de suas atividades e poderes. Não seria de se espantar que Klemperer se sentisse assim. Muitas vezes em seus relatos descreve seu desânimo perante sua própria situação e perante os fatos. Ainda no início dos primeiros anos do regime nazista, escreve: “Incapacidade de tomar uma decisão no trabalho (...) Agarro-me porém a tudo e a qualquer detalhe agradável por mínimo

que seja.” (KLEMPERER, 1999, p. 61-62) Quanto à situação do país, comenta mais tarde: “A mistura de indignidade, megalomania e medo impotente é terrível. Mais terrível é apenas que a Alemanha se deixe governar por isso.” (KLEMPERER, 1999, p. 211).

Freud (1996) explicava que a guerra esmagara tudo que surgira em seu caminho, como se não houvesse mais, após seu término, paz entre os homens. Os laços humanos são cortados e ela ainda ameaçava deixar um legado de exacerbação que tornaria impossível, durante muito tempo, a renovação desses laços (FREUD, 1996, p. 288). Logo, percebe-se nos escritos de Klemperer o mal-estar gerado com a guerra e conseqüentemente, a desumanização das relações humanas associada ao desespero e o profundo desânimo quanto ao futuro. Escrevera Klemperer em meados de 1944: “O medo é um sentimento dominante, ao lado dele, a apatia. Ninguém consegue mais imaginar um fim.” (KLEMPERER, 1999, p. 713). A guerra se estendera e provocara uma alastrante desilusão.

Mediante o acirramento das buscas domiciliares e das chicanas nas ruas, amigos o aconselhavam a abandonar o país. Escrevera, em um momento, que sua permanência na Alemanha lhe parecia indigna, mas ressaltou, indagando sobre o que poderia fazer em outro país sem ao menos falar outros idiomas? A incerteza de como poderia se estabelecer dignamente no exterior lhe preocupava e era mais forte do que o medo daquilo que o aguardava no país.

Eva, sua esposa, sofria de depressão nervosa e a doença foi se agravando ao longo dos anos de guerra. Tal fato impediu o casal de emigrar durante o nazismo. Além disso, Eva era muito apegada à casa em Dölzchen.

Outro fato lhe pegara de surpresa em 1940: a mudança forçada de sua casa em Dölzchen para a casa de judeus e, em seguida, as constantes buscas domiciliares ameaçadoras.

Com o passar do tempo, Klemperer se via confuso quanto ao possível fim da guerra e, junto dela, todas as atrocidades cometidas pelos nazistas.

(...) oscilo entre esperança e incapacidade de acreditar, no entanto, com tudo isso estou avidamente acumulando informações. Faço uma virtude da necessidade de não poder ater-me a um tema: digo a mim mesmo que ainda tenho tempo de poder recuperar um pouco de cultura geral perdida nas últimas décadas (KLEMPERER, 1999, p. 716)

É clara a preocupação que Klemperer tinha quanto ao seu trabalho junto à universidade interrompido abruptamente e a condição de clandestinidade de seu trabalho intelectual, feito às escondidas, sem esperança de publicações e com constantes interrupções por conta dos serviços domésticos e outros afazeres. Ele sabia que perdera muito com essa guerra, culturalmente falando, e tal fato o incomodava bastante. Afinal, a guerra interrompeu seu trabalho docente, o privou de direitos básicos e necessários para a convivência cotidiana em sociedade.

Porém, mesmo diante de tantas adversidades, Klemperer sabia que não podia ficar imune às atrocidades cometidas pelos nazistas. Sua tarefa, no entanto, não era a de combater corpo a corpo com estes, mas sim, compreender como o povo alemão se submetera a um governo tirano e medíocre. Não poderia ser de outro modo. Klemperer buscou analisar os acontecimentos à luz de suas pesquisas e anos de estudos enquanto filólogo e assim pôde redigir a base de seus futuros trabalhos publicados no pós-guerra. Tudo era válido, tudo era material para estudo: jornais impressos, discursos de líderes nazistas, o que se ouvia nas ruas, nos rádios, enfim, qualquer palavra dita ou expressa sobre o governo era estudada por ele.

Conforme as buscas domiciliares se acirravam e seu trabalho fora praticamente interrompido, lhe restava o trabalho diário de seus escritos e a leitura da literatura da época. Cita em seus diários a leitura de *Mito do século XX* de Alfred Rosenberg, considerada a bíblia do antissemitismo junto à *Minha luta* de Adolf Hitler. Ambas leituras eram consideradas por ele “indigestas”. Chega mencionar que a obra de Hitler era medonha e deprimente (KLEMPERER, 1999, p. 675).

Jamais um livro de pregação clerical foi escrito de maneira tão vil e desavergonhada quanto Mein Kampf, de Hitler. Com uma ressalva: em vez de “impostura clerical”, a LTI diz “propaganda”. A maior incógnita do Terceiro Reich, para mim, é entender como esse livro conseguiu penetrar na opinião pública, como permitiu que Hitler dominasse como dominou, e como foi possível que essa dominação tenha durado doze anos, apesar da bíblia do nacional-socialismo ter sido lançada muitos anos antes da tomada do poder. Durante todo o século XVIII francês nunca, jamais, a palavra fanatismo, com seu adjetivo correspondente, ocupou um lugar tão importante, nem foi tão desvirtuada, quanto nos doze anos do Terceiro Reich. (KLEMPERER, 2009, p. 66)

Das leituras obrigatórias nazistas, além das citadas acima, Klemperer leu *Da corte imperial à chancelaria do Reich* de Goebbels, *Hermann Göring, homem e obra* de Erich Gritzbach e sempre analisava excertos dos jornais *Freiheitskampf* e *Reich*,

além de outros jornais trazidos por amigos e vizinhos. Conseguiu realizar um trabalho brilhante sobre o espírito nazista através da linguagem da época, trabalho esse que necessitou de muita concentração.

Em seus diários, Klemperer se preocupa com a exatidão das informações, dados e fatos. Buscou de todas as formas comprovar seus dados e fatos a partir da menção do nome de pessoas e das fontes, garantindo assim, a veracidade de seus escritos. Sabia que seus diários tinham uma função: a de delatar, testemunhar tudo o que era vivido em uma época tão singular. Seria a testemunha ocular dos fatos e faria isto até o fim, mesmo correndo riscos. Outrossim, a tarefa de escrever era sua tábua de salvação, a “vara de equilibrista”, como ele denominara. “Mas anotei tudo isto (que me vem à cabeça diariamente, muitas vezes todos os dias) unicamente porque não quero deixar uma folha em branco” (KLEMPERER, 1999, p. 727).

Nas horas de amargura e desespero, no vazio torturante do trabalho mecânico da fábrica, ao lado da cama de doentes e moribundos, quando me sentia mortificado nos momentos de extrema humilhação – sempre me ajudou essa motivação que me impus a mim mesmo: “Observe, estude, grave na memória o que está acontecendo agora, pois amanhã as coisas já não serão assim, amanhã você perceberá tudo de outra maneira; guarde este momento na memória, perceba como as coisas acontecem e o influenciam agora.” (KLEMPERER, 2009, p. 48)

O temor pela possível descoberta de seus diários era constante. Dizia que o manuscrito em sua casa era um risco de vida, mas que não poderia deixar de escrever (KLEMPERER, 1999, p. 595)

Digo-me sempre: pagarei por eles não só o preço de minha vida, se forem descobertos, mas também a vida de Eva e de muitas outras pessoas que citei e precisei citar nominalmente, caso queira alcançar valor documental (KLEMPERER, 1999, p. 727-728)

Klemperer percebe que a língua alemã estava sendo manipulada pelo governo nazista como forma de incutir a ideologia nacional-socialista no povo alemão e de culpar os judeus por todos os males que a Alemanha estava enfrentando. Seu estudo sobre a manipulação da língua alemã pelos nazistas resultou na sua célebre obra LTI – *Lingua Tertii Imperi* publicada no pós-guerra.

Desde jovem, Klemperer se mostrava uma pessoa de espírito crítico. Não é de se espantar, portanto, que fosse um opositor ferrenho ao governo nazista. Obviamente que ele tinha não tinha uma visão completa dos fatos porque recebia informações de forma aleatória, muitas vezes boatos que não se sabia onde poderiam ser confirmados e, com o passar do tempo, durante a guerra, as notícias

se tornavam espaçadas, burburinhos aqui e acolá que demoravam até mesmo dias a serem confirmados.

Os anos em Dresden foram muito produtivos para o filólogo. Em um curto espaço de tempo publicou: *Prosa francesa moderna* (1923), *A literatura francesa de Napoleão à época contemporânea* (1925 e seguintes), *Lírica francesa moderna* (1929), *Pierre Corneille* (1931). Os tempos produtivos seriam interrompidos após sua “dispensa do serviço público” em 1935.

A interrupção repentina de sua produção e o afastamento da docência o atingiram profundamente. Comenta em sua LTI

Então fui pego pela proibição de frequentar bibliotecas. Arrancaram-me das mãos a obra da minha vida. Seguiu-se a expulsão da minha própria casa. Depois veio todo o restante, a cada dia uma coisa nova. A vara do equilibrista passou a ser o meu objeto imprescindível, e a linguagem da época tornou-se o meu principal interesse. (KLEMPERER, 2009, p. 50)

E ressalva com pesar

A aquisição de qualquer tipo de material tinha de ser sub-reptícia, e ele só podia ser manuseado em segredo. Quanta coisa faltava! Quando procurava ir à raiz de uma questão, quando precisava de material científico específico, as bibliotecas não me emprestavam mais, eu já estava na lista dos excluídos das bibliotecas públicas. (KLEMPERER, 2009, p. 52)

Passou a escrever clandestinamente, sempre com medo de uma nova busca domiciliar e da possibilidade de alguém da Gestapo encontrar seus manuscritos. Sabia que se isso acontecesse, poderia ser enviado a um campo de concentração.

Eva tinha um companheiro fiel e amigo, os dois sempre estavam juntos, em todas as atividades cotidianas. É a ela que dedica sua obra LTI, escreve

(...) sem ti este livro não estaria aqui, muito menos o seu autor. Na verdade, teriam sido necessárias muito mais páginas, abordando assuntos nossos, se eu quisesse esclarecer cada detalhe. Aceita, pois, em vez de uma dedicatória, uma reflexão do filólogo e do pedagogo na introdução destas linhas. Tu sabes em quem penso quando, dirigindo-me aos meus leitores, falo de heroísmo. Até mesmo um cego seria capaz de perceber a quem me refiro. (KLEMPERER, 2009)

Klemperer se mostra um marido dedicado à sua esposa, demonstrava ter um carinho genuíno e profundo por ela e atribui a ela sua força para sobreviver aos anos de horror nazista. O casamento misto entre um judeu e uma “ariana” contribuiu para que não fosse descoberto e enviado a algum campo de concentração.

As lamúrias das tarefas domésticas relatadas por ele em seus diários eram constantes, tais tarefas eram relegadas a ele pois durante muitos anos, entre altos e baixos, Eva esteve sob forte depressão e estado de nervos aflorados. De fato, ele também estivera sob tais condições, principalmente com o rompimento da guerra. A fim de não sobrecarregar a esposa, assume os afazeres domésticos para si e relata em muitos momentos a falta de tempo para leitura e estudo devido às arrumações na casa.

Apesar do cansaço físico, Klemperer esteve sempre ao lado de sua esposa. Eva foi para ele essencial, por isso tal dedicatória tão aclamada em sua *LTI*: além de companheira, amiga e esposa, era ela a responsável por sair de casa já nos anos mais acirrados da guerra, visto que os judeus estavam proibidos de basicamente tudo. Ela trouxe comida para casa quando os alimentos foram racionados e distribuíram cartões para a retirada destes. Também foi Eva que levava periodicamente seus manuscritos para a amiga Annemarie Köhler para que assim estivessem seguros.

A cumplicidade e companheirismo dos dois fica evidente durante a leitura dos diários: a ligação do casal sempre foi muito forte. Na noite em que Dresden foi destruída, se perdeu de Eva e se desesperou ao pensar no que poderia ter acontecido a esposa. Quando a reencontrou, a abraçou efusivamente, relata que a perda de seus bens não importava de maneira nenhuma e que continuava não importando.

Estar separado em um momento de tamanho desespero e catástrofe significava estar desamparado, pois Eva era sua companheira das horas mais difíceis e em tantos momentos foi ela o pilar que o sustentou. Ao reencontrá-la em meio aos escombros que se tornara Dresden, respirou aliviado e pôde se reerguer para pensar em como fariam para escapar dali. Ela lhe deu fôlego para continuar.

1.4 O cotidiano de Klemperer e a saúde do casal.

Nos primeiros dias do ano da ascensão do Nazismo, Klemperer se sentia cansado com a rotina diária de limpar a casa, organizar a arrumação, fazer compras, cuidar do aquecimento da casa, etc. Eva submetia a ele as tarefas domésticas devido estar constantemente depressiva e, dessa forma, ele vivia sobrecarregado de

trabalho. Algumas semanas a depressão aumentava por conta do regime reacionário que estavam vivendo e não se conformava com a mudez das pessoas, principalmente a dos judeus.

Klemperer ansiava há um certo tempo comprar uma casa na região de Dölzschen, mas toda tentativa de conseguir um empréstimo para a construção da nova casa era fracassada e isso para ele era um grande fardo sobre seus ombros. Frequentemente a ideia de morte o rondava, principalmente quando era notificado de que algum amigo estava doente, era comum se sentir inseguro.

As dores no braço esquerdo só aumentavam a eterna ideia de morte. Somado a isso, seguiam-se tentativas vãs de conseguir um empréstimo para a construção da casa. As tarefas de arrumação e limpeza da casa continuavam a ocupar boa parte de seu tempo, o que também o deixava inquieto e deprimido.

A situação atual o deixava mais deprimido que a derrota de 1918, pois a cada dia surgiam novos decretos que considerava atos de pura selvageria, um verdadeiro desrespeito aos direitos humanos. Sentia-se enojado e envergonhado com todos os acontecimentos que se seguiam naqueles dias e o pior de tudo era que ninguém se mexia, todos tremiam e se escondiam. Sobre isso, Elias (1997) menciona que:

Para muitos alemães, a derrota de 1918 foi uma experiência inesperada e altamente traumática. Atingiu um ponto sensível no habitus nacional e foi sentida como um regresso ao tempo da fraqueza alemã, dos exércitos estrangeiros no país, de uma vida na sombra de um passado mais grandioso. Estava em risco todo o processo de recuperação da Alemanha. (ELIAS, 1997, p. 20)

Uma das paixões de Klemperer era o cinema, mas muitas vezes era difícil convencer Eva a acompanhá-lo, pois quando não gostava do filme, permanecia sentada, quieta e infeliz e isso fazia com que ele perdesse toda a vontade de assistir ao filme. Em certa ocasião, apesar das dores nevralgias e musculares, Eva foi ao cinema com o marido, naquela semana para ver *Hóspedes no hotel*, filme que o agradara bastante (KLEMPERER, 1999, p. 16). O retorno para casa trazia novamente o cansaço e a apatia e, junto deles, o tédio da vida e temor da morte.

Eva permanecia depressiva e seu estado de saúde estava cada vez mais deteriorado somado à catástrofe alemã. Nas ruas, por toda parte o que se via era açodamento, miséria e o mais puro medo.

Há tempos não recebia informações sobre sua família, nenhuma correspondência, absolutamente nada. Ninguém ousava escrever e isso o preocupava.

Acreditava que não iria conseguir sobreviver à tirania do governo nazista, sentia-se enojado diante de tamanha barbárie. “De fato, sinto mais vergonha do que medo, vergonha pela Alemanha. Verdadeiramente, sempre me senti alemão.” (KLEMPERER, 1999, p. 18). Eram comuns as manhãs em que Eva chorava convulsivamente e, com o passar do tempo, o resultado da atual situação era a insensibilidade que passou a tomar conta de seu âmago.

Eva seguia com os ataques nervosos, queixava-se que estava se acabando aos poucos e ninguém a ajudava (KLEMPERER, 1999, p. 25). O temor da morte e o fim próximo eram constantes na vida do autor, sentia que sua vida estava chegando ao fim e que o estado de espírito daqueles tempos deveria ser preservado em suas memórias, por isso escrevia.

Considerava a questão que envolvia sua casa em Dölzchen como perdida e não acreditava em uma solução para o caso. Diante de tantos problemas, sua saúde estava bastante fragilizada, os distúrbios cardíacos o afligiam, porém, se recusava a ir ao médico, pois pensara que, no máximo, o médico iria lhe pedir para que parasse de fumar.

Olhava para si mesmo e via uma criatura inútil, incapaz de viver em ambientes mais primitivos. Sua autoestima estava baixa e não conseguia manter o bom humor. Durante suas crises depressivas profundas, sentia que deveria morrer ali mesmo e que talvez a morte seria a melhor solução para o caos em que estava vivendo. Reclamava dos impostos altos sobre o terreno da casa em construção em Dölzchen. Sua situação financeira não estava boa. Ainda assim, em alguns momentos a esperança o tocava e voltava a acreditar que deveriam enfrentar esses tempos com decência, mesmo não sabendo o que fazer para seu restabelecimento.

Diante de tantos sentimentos e emoções que hora ou outra afloravam, pensava que poderia ter ainda uma dúzia de anos pela frente e que, talvez assim, conseguisse superar a depressão. Preocupava-se muito com Eva, com sua saúde e

estado de espírito, e sonhava com o dia em que ela poderia voltar a ser mais saudável e alegre.

O inverno se aproximava e Eva estava novamente à beira do desespero. Mesmo assim, alguns passeios conseguiam amenizar seu estado depressivo e trazia-lhe algum alívio imediato.

Klemperer estava infeliz e sofrendo com distúrbios cardíacos e de pânico sempre acompanhados do pensamento de morte. Seus olhos também incomodavam, sentia um extremo cansaço neles, o que atrapalhava demais em seu trabalho, pois não conseguia se concentrar nas leituras e escrever.

Em setembro daquele ano, o casal foi até Dölzschen visitar uma amiga, a senhora Dember e aproveitaram para ver seu terreno. Essas excursões deixavam Eva ainda mais triste, pois na época em que compraram o terreno havia apenas duas casas na rua e naquele momento já eram sete casas construídas, enquanto que a sua própria casa não avançava de forma alguma. Algumas manhãs Eva permanecia deitada na cama, pois tinha adoecido de fato.

O tão almejado empréstimo que Klemperer solicitara para a construção da casa em Dölzschen havia sido recusado, o que deixava Eva ainda mais irritada. O fato de permanecer na velha casa representava para ela a prisão durante o inverno e para Klemperer o aumento das tarefas domésticas. Eva não gostava da casa onde viviam e estava completamente voltada para a construção da casa em Dölzschen, imaginando que dessa forma poderiam ter uma vida melhor.

Figura 11 – Antiga casa de Eva e Victor Klemperer. Fotografia: BORCHERT, Christian (1998).

Figura 12 – Antiga casa por outro ângulo. Fotografia: BORCHERT, Christian (1996)

Recebera algumas notícias de amigos que conseguiram sair da Alemanha e até mesmo parentes que conseguiram emigrar. O que se notava era que o estado de ânimo de todas as pessoas estava abalado, em todas as camadas sociais o que se percebia era a amargura daqueles tempos, as pessoas estavam deprimidas diante dos fatos.

Acreditava que até outubro haveria uma série de coisas que ele não iria presenciar, como a possível queda do governo, a construção de sua própria casa e o prazer irrestrito de certos dias. As dores constantes e incessantes eram rotina, mas não sabia do que se tratava, desconhecia a origem dessas dores. Para ele, poderiam ser reumáticas ou cardíacas.

Em dezembro, o estado de saúde de Eva piorou. Estava há dias acamada devido às dores nos pés e, desde então, os dois não estavam nada bem. Conseguiram, dias após, um empréstimo para a construção da casa em Dölzschen e assim fizeram, o que trouxera certo alívio para Klemperer.

No início do ano de 1934, Eva continuava em um estado depressivo profundo e tal fato o preocupava muito. “Agora ocorre que durante algumas horas do dia Eva fica completamente deprimida, durante algumas horas sou eu que fico deprimido, e algumas horas, os dois é que ficam deprimidos.” (KLEMPERER, 1999, p.58)

Na segunda quinzena de fevereiro, a saúde de Eva e seu estado de espírito estavam um pouco melhor, o que para ele era um alívio. A construção da casa em Dölzschen estava parada e não havia possibilidade de continuar a construir. Devido ao trabalho doméstico, só lhe restara algumas horas, cerca de duas a três, para o trabalho intelectual, o que lhe deixara triste.

Ainda assim, nos relatos das semanas seguintes, Klemperer se sentia mais disposto e se agarrava a qualquer detalhe de felicidade para poder ganhar forças. A saúde de Eva, sua disposição, as brincadeiras com seus dois gatos e até mesmo com o fim próximo do inverno, tudo era motivo para que a felicidade despertasse.

Tinha orgulho pelo fato de nunca ter erguido o braço em favor do regime nazista, simplesmente não conseguia fazer tal ato, era contra todos seus princípios aquele furor nazista (KLEMPERER, 1999, p. 64). Mesmo assim, vivia sob uma pressão desgastante que o deixara cada vez mais triste. As atividades domésticas tomavam seu tempo e pouco lhe sobrara para trabalhar.

As lembranças de sua juventude são frequentes em sua memória e se surpreende quando as lágrimas lhe vêm aos olhos prestes a jorrar. Os tempos são de nervos dilacerados, de sensibilidade aflorada intercalada de momentos inertes e depressivos.

As últimas conquistas em fins de abril de 1934 eram os feitos na casa em Dölzschen: tinham colocado um esguicho de vinte e um metros para o jardim, que se fazia necessário devido o calor constante e à seca da região.

Conseguia, pelo menos por algumas horas, esquecer tudo o que lhe angustiava e lhe amedrontava, em suma, buscar ter prazer na vida. A mudança para a casa em Dölzschen estava programada para outubro, caso tudo ocorresse como planejavam. Estavam ansiosos para a mudança.

(...) Quero asseverar alguma coisa, não sei mais o que, e enquanto digo que realmente se trata de um assunto caro a mim, bato com a mão no peito. E nisso tenho uma sensação tão vívida de vergonha de que este gesto não combina comigo e foi encenado, que eu até hoje a sinto. É a mesma sensação de vergonha que me impede de qualquer expressão patética, de qualquer gesto em causa própria. Que me impossibilita de chorar. É imensamente penoso para mim quanto sinto, no cinema ou lendo em voz alta ou lembrando de alguma coisa, que as lágrimas estão prestes a jorrar. O que nos últimos tempos de nervos muito dilacerados é frequente. (KLEMPERER, 1999, p. 69)

A situação da Alemanha o tornara mais fatalista e cada vez mais perdia o costume de refletir a respeito dos últimos acontecimentos. (KLEMPERER, 1999, p. 76). Considerava o ingênuo religioso como um ser feliz, e pensava que ele poderia ter confiado em Deus nessa época de dificuldades e incertezas.

Durante as manhãs, ao fazer a barba, o medo o invadia e a cada vez que se dirigia à caixa do correio sentia-se angustiado, pois eram tantos acontecimentos dolorosos ao longo dos dois últimos anos que lhes pesou sob todos os aspectos. (KLEMPERER, 1999, p. 78)

Ao final do mês de julho do mesmo ano, o mal estar cardíaco que estava sentindo já há alguns meses se agravara. O casal já havia programado a mudança para a nova casa que seria em 1º de outubro.

A mudança para a nova casa ocorreu conforme haviam planejado, a casa não estava totalmente concluída, faltavam ainda alguns reparos, e mesmo com algumas lembranças não tão contentes mudaram-se para lá (KLEMPERER, 1999, p. 94-95) O filólogo dividia-se entre o trabalho da casa e seu trabalho de escritor, a casa requeria uma constante arrumação, limpeza dos cômodos, e ele deveria ter paciência, muita paciência com o cheiro forte de tinta, com o pó acumulado, ao carregar as caixas para o sótão e depois trazê-las de volta, fato que o deixava cada vez mais cansado.

Aos poucos a arrumação na casa foi se realizando e a casa estava quase pronta, porém, Klemperer ainda assim se sentia muito cansado. Parecia que nunca estava descansado, sua produção lhe tomava bastante tempo, cerca de uma folha manuscrita ao dia. Com isso, o coração ia mal, aprendera a linguagem das prestações diante de tantas contas feitas e já não se importava mais com o dinheiro. Pensava que tinha ao máximo vinte anos ainda de vida.

Durante os dias de mudanças e organização na casa nova, Klemperer não consegue escrever em seus diários. As primeiras anotações em Dölzschen datam de 6 de outubro de 1934, quando ainda havia na casa pedreiros, marceneiros e eletricitistas compondo o barulho que o deixara irritado e muito cansado.

Alguns dias depois, 9 de outubro, Klemperer completava cinquenta e três anos de idade. Na nova casa, constante arrumação, nada ainda estava completo.

Incessante arrumação, desempacotar, empacotar, organizar, pó, pó, pó, exaustão infinita, não sair de casa o dia inteiro, caixotes, caixotes, caixotes. Durante a semana, uma dúzia (sem exagero) de operários à nossa volta. Aos domingos, sozinhos. Cheiro de tinta, de novos aparelhos, pó, pó, pó. Carregar para o sótão, trazer do sótão, de novo para cima. Para o porão, do porão para cima, de volta ao porão. (KLEMPERER, 1999, p.96)

O novo ano que se iniciava carregava consigo a incerteza de trabalho para Klemperer, o que o deixava ainda mais deprimido e preocupado. Em fevereiro de 1935, seu salário líquido não chegava aos oitocentos marcos e a metade era gasta com prestações fixas. Torcia para que o resto do dinheiro fosse o suficiente para viverem. “Momentaneamente, a dificuldade financeira me oprime da pior forma. Não sei como viver até o próximo dia de pagamento.” (KLEMPERER, 1999, p. 111)

Após a notícia de sua demissão no início de maio, Klemperer enviou uma carta a Georg, seu irmão, que havia lhe oferecido uma ajuda no ano anterior e que provavelmente naquele momento estaria na Inglaterra com seu filho. Na carta, lhe perguntou se estaria disposto a conceder-lhe uma segunda hipoteca de seis mil marcos pela casa. Pensava que ele poderia recusar e assim ele estaria humilhado. Passados alguns dias, Georg não havia respondido. A tensão sobre a atual situação e o medo sobre o futuro lhe preenchia a mente durante todo tempo.

Em meados de agosto de 1935, não tinha notícias sobre seu salário de aposentado e, sendo assim, telefonou para o ministério responsável e um

funcionário disse que Berlim vetou o pagamento. Tal fato o preocupava demais, pois não sabia o que iria fazer caso o dinheiro lhe faltasse.

No início do ano de 1936, a Alemanha permanecia a mesma: sem qualquer mudança. A saúde de Klemperer estava precária, eram dores nevralgias na cabeça, nos ombros, o mal estar do coração, os olhos cansados, sem contar uma possível ida ao dentista, pois teria que se submeter a uma cirurgia de extração de um dente (KLEMPERER, 1999, p. 149).

O cansaço tomava conta de seu corpo e os ombros lhes respondiam com fortes dores: parecia que carregava o mundo neles. Somado a isso, as dificuldades respiratórias que também lhe afligiam; poderia ser o cigarro, pois estava fumando muito e, vez por outra, quando escrevia, tinha de deixar a máquina de escrever por alguns minutos e descansar no sofá para aliviar a falta de ar. O tempo voava e Klemperer esperava pelo fim.

Sinto-me velho, não tenho confiança em meu coração, não creio que tenha ainda muito tempo de vida, não creio que viverei até o fim do Terceiro Reich e, no entanto, deixo-me levar fatalisticamente sem grande desespero e não consigo desistir da esperança. (KLEMPERER, 1999, p. 161)

Klemperer desejou por muito tempo a compra de um automóvel e o sonho se realizou em meados de 1936. Submeteu-se a ter aulas de direção para ter carteira de motorista, pois mesmo com seus cinquenta e cinco anos não aprendera dirigir. O carro não era novo, tampouco luxuoso, apresentava alguns problemas mecânicos, que, quando resolvidos, davam lugar a novos e isso representava para ele mais gastos (KLEMPERER, 1999, p. 156).

Figura 13 – Klemperer e Eva posam para a foto com o novo carro. Era um Opel usado de 1932.

Para Klemperer, aprender a dirigir representava algo novo que, embora pudesse parecer inútil perante a situação em que estava vivendo, representava para o filólogo um novo fôlego e ânimo para seguir vivendo.

Ontem falei com Marta na estação; ia ao encontro de seu filho em Praga; ele ainda aguarda o visto de entrada para a Rússia. Contou que Georg transferiu-se para Boston onde seu filho trabalha como médico no hospital. Antes, Georg esteve com os Sussmann em Colônia, pelo menos escreveu uma carta de despedida para Marta. Para mim deixou uma esmola de seus mil marcos no verão (porque tinha prometido a papai!), e depois pôs-me de lado. Evidentemente, considera-me indigno porque permaneço na Alemanha. É provável que não o veja mais. Tem mais de setenta anos e eu estou com o coração enfraquecido. Marta contou ainda: o filho mais velho de Felix está no Brasil, Betty Klemperer quer ir aos Estados Unidos, também os Sussmann e os Jelskis querem ir-se embora, ainda antes das Olimpíadas. Serei o último de nossa família a ficar aqui e aqui vou sucumbir. Não posso agir de outra forma. (KLEMPERER, 1999, p. 151)

Permaneciam isolados, Eva e Klemperer. Os amigos não davam notícias e tal fato intrigava Klemperer. Escrever com a caneta tornava-se cada vez mais difícil para o autor, pois sua mão estava trêmula e os olhos cansados. Fazia, então, sua primeira tentativa de escrever o diário com máquina.

Durante três ou quatro vezes ao dia, ele precisava deitar e dormir um pouco, pois sentia-se muito cansado, dormia à tarde e também de manhã.

O casal conseguira contatar Annemarie que há tempos não viam e, segundo ela, a distância foi por conta de compromissos demais. Annemarie Köhler, médica cirurgiã, era amiga dos Klemperer desde a época de Leipzig.

Para amenizar o aperto financeiro, Klemperer apelou para a venda de alguns livros. Todavia, Georg lhe arranjava uma grande ajuda e isso lhe daria uma folga por alguns meses. Alguns dias depois, seu telefone fora cortado e estavam novamente na mais profunda solidão.

O filólogo se sentia cada vez mais proletarizado, com uma alimentação bastante ruim e primitiva, poupava dinheiro e tempo e a metade de seu dia era gasto com afazeres domésticos. Aos poucos se sentia convencido e se conformava de que Hitler era realmente o escolhido pelo povo, dizia ter tanta letargia no povo alemão, tanta imoralidade e principalmente ignorância.

Os alemães escolheram Hitler num momento em que sentiam a necessidade de um chefe, a quem pudessem confiar seu destino. Temiam a guerra civil, tinham medo da fome, duvidavam de sua unidade nacional e queriam provar a si próprios sua superioridade. A partir de 1919 procuravam confusamente um adversário, um culpado, e por várias vezes haviam indigitado o judeu. O trabalho dos nazistas consistiu unicamente em levar a termo o que já estava encaminhado (SORLIN, 1974, p. 91).

A alimentação estava cada vez mais precária e seu tempo se tornara escasso, dividido entre os afazeres domésticos e seu trabalho intelectual. Seu terno estava rasgando, a casa suja e a cada semana que se passava, o aperto se tornara maior. Somente o cinema conseguia trazer-lhe a distração de que tanto necessitava, dessa vez tinha visto o filme *Mississippi-Melodie*¹³.

Pela primeira vez em seus escritos, datando de 23 de fevereiro de 1938, Klemperer manifesta a vontade de emigrar da Alemanha, uma opção seria os Estados Unidos, mas ressalta que estava preso à sua casa e ao seu país (KLEMPERER, 1999, p. 227) Outrossim, esclarece também que um dos motivos para não sair da Alemanha seria por medo de não saber lecionar em língua

¹³ *Mississippi-Melodie* é um filme americano produzido pela 20th Century Fox em 1936 com direção de John Cromwell, Nunnally Johnson e Darryl F. Zanuck.

estrangeira, pois embora fosse catedrático de letras latinas, tinha pouco domínio da língua inglesa (OELSNER, 2009)

A maioria dos judeus emigraram após a (noite dos cristais), em 9 de novembro de 1938¹⁴, data em que ficou claro que o governo procuraria eliminar os judeus (OELSNER, 2009).

Pode-se imaginar facilmente o pavor e a angústia que, a partir de 1933, dominaram os judeus alemães, e que eram cuidadosamente mantidos e reativados a cada nova medida ou episódio antissemita. Alguns deixaram a Alemanha ou a Áustria, mas muitos (contavam-se ainda 300 mil em 1938) ficaram no país, pois se sentiam alemães de coração e tendiam sempre a pensar que o pior tinha passado, ou então que o futuro não seria tão terrível quanto os pessimistas (na verdade realistas ou lúcidos) temiam. Certamente, o número de suicídios aumentou em proporções inquietantes, mas reconfortantes para os nazistas, segundo um jornal de província, de 1933, que estampava esta oração fúnebre: 'Fritz Rosenfelder foi sensato e se enforcou. Estamos felizes com isso, e não vemos nenhum inconveniente em que ser congêneres nos digam adeus da mesma forma. (FONTETTE, 1989, p. 92)

Algumas famílias que viviam em “casamentos mistos”, como Klemperer, ousaram correr o risco de permanecer na Alemanha (OELSNER, 2009). Klemperer, mesmo percebendo a virulência do novo sistema político, não acreditava que o regime nazista pudesse optar pelo extermínio industrializado de seres humanos, muitos pelo simples motivo de terem origem judaica e outros por serem opositores (OELSNER, 2009).

O casamento não só o protegeu de ser enviado a um campo de concentração, mas em especial possibilitou a preservação dos *Diários*, que sua mulher levava periodicamente à casa da doutora Köhler, uma amiga que prontificara a escondê-los. (OELSNER, 2009, p. 23)

Mais um aniversário que Klemperer passava sem saber sobre seu futuro, sem saber quando toda a loucura nazista acabaria. O estado de espírito ainda mais fatalista era reforçado pelas cartas recebidas dos amigos que estavam em condições tão ruins quanto à dele próprio.

Em novembro do mesmo ano, Klemperer sentira-se com a saúde debilitada e buscou se tratar em Berlim. No caminho até a capital sofreu um acidente de carro, mas felizmente nem ele nem Eva se feriram gravemente, tiveram apenas algumas esfoliações.

¹⁴ Nessa noite foram quebradas as janelas das sinagogas e de lojas pertencentes a judeus, em toda a Alemanha. Por isso o nome “noite dos cristais”. Muitos judeus foram presos e alguns desapareceram.

Soube através de carta de Lissy Meyerhof que Berthold arranjava trabalho nos Estados Unidos.

Em 1939, primeiro ano de guerra para Alemanha e para os nervos de Klemperer. A ansiedade desses dias só aumentaria com o passar do tempo. O temor o deixava inquieto: até quando estaria vivo? Seria enviado a um campo de concentração? Seria fuzilado?

No início de setembro do mesmo ano, a congregação israelita de Dresden lhe perguntara se ele gostaria de se filiar, visto que ela era uma comunidade de judeus do Reich. Do outro lado, os cristãos luteranos perguntam a ele se continuava a fazer parte deles, ele responde que sim, que continua sendo protestante e finalizou dizendo que não responderia nada à congregação israelita. Ele escreve que ela tendia totalmente para o sionismo e que ele participara disso tanto quanto participara do nacional-socialismo ou do bolchevismo, ou seja, não participava por não concordar.

No dia de seu aniversário, 9 de outubro, uma péssima notícia, seu amigo Moral havia se suicidado dias antes e isso o deixara triste. A comida que tinham em casa era pouca, mas ainda não tinham sentido fome. Temia que esse dia mais cedo ou mais tarde chegasse.

Em 1940, o segundo ano de guerra, aumentaria ainda mais a grande depressão em que ele e Eva estavam imersos. Somado a todas as dificuldades, o inverno trazia o frio intenso, o que contribuía para o aumento do sofrimento. Era necessário aquecer a casa, ao mesmo tempo faltavam alguns alimentos, como batata, gordura, peixes e também carvão. Havia quinze dias que a Itália não transportava mais carvão por via marítima, soube que a Itália teria cedido aos ingleses. Para ele, isso significava vontade dela de entrar na guerra, porém, no meio disso tudo, a amizade alemã surge em compaixão aos italianos: a Alemanha transportaria por terra doze milhões de toneladas de carvão para a Itália. Em meio a tantos boatos, Klemperer não sabia mais em que (e quem) confiar.

Alguns meses depois, o autor percebia que a situação do país se agravava, tornara triste e não acreditava que ele próprio teria muito tempo de vida. Acreditava

estar com angina no peito. Nas ruas, as pessoas indagavam-se sobre o que seria do mundo se a Alemanha vencesse a guerra.

Em 26 de maio do mesmo ano, o casal mudou-se para a primeira casa de judeus que frequentariam nos anos de guerra, na Caspar-David-Friedrich Strasse 15b que segundo ele era uma mansão muito moderna entupida de gente que compartilhara o mesmo destino.

Figura 14 – Judenhaus (Casa de judeus) que Eva e Klemperer viveram de 1940 até 1942.

Fotografia: BORCHERT, Christian.

As condições de Klemperer estavam cada vez mais deploráveis, suas roupas estavam batidas, desbotadas, ganhara da senhora Voss algumas meias do esposo falecido. “Minha própria falta de roupas torna-se aos poucos grotesca. Tenho que poupar o terno “bom” e ando literalmente em frangalhos (...)” (KLEMPERER, 1999, p. 320) Eva e ele emagreceram muito desde então. Ela estava com cinquenta e seis quilos, quando com saúde seu normal seria sessenta e cinco. Já havia deixado de pensar no amanhã, estava indiferente também ao fato de pretenderem na casa uma carnificina caso a Alemanha fosse derrotada.

Ao viajarem até Pirna, na casa de Annemarie, Klemperer relata em 26 de julho:

(...) na estação de Dresden, uma sopa aguada, que se denominava de repolho com pedacinhos de batata. Em casa, chá verdadeiro e uma torta de ricota feita pela sra. Voss. A alimentação tornou-se pavorosa nas últimas semanas. *Muito*

pouca carne, conservas muito ruins (as poucas quantidades de frios são praticamente indigestas), nenhuma fruta, nenhuma gordura, a pior manteiga artificial. Apenas muitos ovos da Dinamarca. Já estão se preparando para o inverno? [...] (KLEMPERER, 1999, p. 321)

Os pensamentos de morte e de nulidade não lhe deixavam em paz e isso permitia que todos os seus conhecimentos sobre língua ou qualquer outro assunto enferrujassem.

Em meados de outubro, o café estava proibido aos judeus. Como Eva não era judia, receberam 50 gramas, o que foi usado para duas xícaras e sobrara pouco para outra.

Como estava sem dinheiro, Klemperer se vê em apuros e pede um empréstimo a sua amiga, Annemarie Köhler; esta lhe respondeu dizendo que não poderia ir até Dresden para lhe entregar o dinheiro ou algo semelhante, pois não estava na cidade. Nessa ocasião Dressel prestava serviços em Heidenau.

Eva estava ainda mais magra e abatida, mas mesmo assim Klemperer não deixara de amá-la, pelo contrário, a amava cada dia mais. A união do casal revelava-nos a cumplicidade, o carinho e o amor que ambos sentiam um pelo outro, talvez seja esse o motivo pelo qual conseguiram sobreviver a tamanha barbárie.

Uma notícia no *Dresdener NN* em meados de 1941 dizia: “o judeu Klemperer, que judaizou a ópera de Berlim” teria fugido do hospício em Hollywood e foi resgatado logo em seguida. Georg, irmão de Klemperer e médico, dissera-lhe em uma carta que há cerca de dois anos havia tratado de uma severa doença cerebral do maestro Otto Klemperer, seu primo, o qual o jornal se referia.

Além do café, estava proibida também a entrega de leite na casa de judeus (KLEMPERER, 1999, p. 344). A entregadora de leite não poderia mais entregar o leite aos judeus da casa, nada mais poderia ser entregue na casa de judeus, o fornecedor destes ficava longe demais e as lojas próximas não aceitavam novos fregueses.

Conseguira uma lata de sardinha com um cupom de comida, temia que o leite, o pouco de carne que conseguira e o peixe estragassem, portanto, deveriam ser preparados rapidamente. Na maioria dos restaurantes, o aviso era: “Judeus indesejáveis – proibido para judeus.” (KLEMPERER, 1999, p. 387)

A falta de dinheiro dos Klemperer somava-se à alimentação precária que estavam tendo desde o início da guerra. Não havia nada em casa, cozinhava-se uma ou duas vezes na semana e nos restaurantes o que tinha era uma comida insuportável e em porções cada vez menores e mais caras. Sentia-se ainda mais arrasado por tal fato e dizia não encontrar mais serenidade.

Eva ainda estava se recuperando do acidente de carro e sentia dores constantemente, o que o deixava mais preocupado. Pela primeira vez foi molestado na Rua Chemnitzer Platz por um bando de moleques que gritavam: “Um judeu, um judeu!”. Ficou extremamente abalado com esse ato.

O inverno se tornava rigoroso e o aquecimento da casa não conseguia lutar contra o gelo. Tudo se tornava mais difícil, Klemperer e Eva estavam desnutridos e também com os nervos abalados. A alimentação se tornava a cada dia pior e a aparência do casal estava muito ruim, tinham emagrecido demais.

O tempo mudara de neve para degelo, depois de várias semanas de frio intenso. O casal havia sofrido muito e continuavam a sofrer, ela tossindo demais, ficava deitada por bastante tempo e ele, gripado, o frio maltratara também suas mãos que estavam ressecadas e doíam. Naqueles dias de inverno se tornara comum passar frio, fome e adormecer de exaustão sobre a escrivaninha.

Pensava estar cada vez mais próximo de uma busca domiciliar ou de uma deportação e temia que isso acontecesse. Diante da nova proibição aos judeus de manterem animais domésticos, Muschel, o gato de Klemperer, fora sacrificado. O estado de Eva era deplorável por conta do acontecido e se tornava cada dia pior; no fundo, o casal ficaria muito abalado com a morte do animalzinho, pois eram muito apegados a ele.

Por falta de comida, de vez em quando na casa, roubava algumas fatias de pão de Kätchen e, algumas vezes, batatas, mel ou geleia, mesmo sabendo que ela consumia pouco e que quase sempre seus mantimentos estragavam, mesmo assim o sentimento de humilhação lhe tomava conta por seus atos.

Cada vez que saía, Eva se despedia carinhosamente de Klemperer, pois não sabia se voltaria para casa sã e salva ou se ele estaria vivo em casa. Sentiam medo

e desespero a cada barulho de carro que se aproximava de sua casa. A fome e o medo preenchiam os dias, a fome se alternava com a náusea.

Alguns momentos deixavam Klemperer ainda mais depressivo e humilhado. Arrastava-se pelo chão para atingir a prateleira atrás do piano de cauda, pois embaixo dele estava escondido o pão.

A fome atingira seu ápice e não sabia mais a quem recorrer e também não sabia como iria sobreviver até o fim da próxima semana. Eva estava muito desnutrida, não possuía mais cupons de gordura, nem de pão e nos restaurantes o “prato do dia” era destinado apenas aos trabalhadores. Confessa nunca ter vivenciado algo parecido, nem mesmo na última guerra. Sentia dores de fome, roubava alguns torrões de açúcar da gaveta de Kätchen para driblar a fome. Alguns dias atrás matara sua fome com um saquinho de balas que Eva trouxe quando conseguiu comer no restaurante, mas, em sua opinião, o pior não era a fome, que provocava apenas uma indisposição indistinta, mas sim a comida insuficiente, e que depois de começar a comer percebia o quão faminto estava e então era preciso parar porque não havia mais nada a comer.

Os judeus se encontravam em profunda depressão e ele se incluía nesse meio. Na fábrica que estava trabalhando havia uns dias, seu trabalho seguia exaustivo, muito mais do que o da Wormser Strasse.

No domingo seguinte ao seu aniversário, 10 de outubro, Eva se sentiu mal e esteve deitada durante o dia. Não chamaram um médico para vê-la, pois seria pouco provável que um médico ariano desse ouvidos a eles, por conta da estrela de Klemperer. Alguns dias depois, levou Eva para o hospital municipal da Fürstenstrasse mas o impediram de entrar nele.

Somado a todos os acontecimentos, sua saúde não estava bem. Iria submeter-se ao raio-x a fim do médico saber como estava a angina que lhe causava tanto cansaço e dor.

Finalmente recebeu uma carta da esposa de seu irmão George, Sussmann, pois fazia tempo que não lhe enviara uma carta. Pensava no destino de sua família, no destino de seu sangue, recordava que seu pai viera do gueto de Praga e queria que seus filhos fossem pessoas importantes na Alemanha. Os netos estavam

espalhados pelo mundo: Inglaterra, América, Suécia, os bisnetos com sangue sueco e americano e nunca saberiam nada a respeito dele.

Uma nova determinação do correio tornava necessário um cartão de controle policial para qualquer correspondência com o exterior, e tal cartão não era fornecido aos judeus, o que anulava qualquer possibilidade de responder a seu irmão.

Havia ido a uma ótica por conta dos olhos que estavam cansados demais, mandara preparar novos óculos. Não estava tão desesperado quanto outrora esteve, apesar do esgotamento terrível e da péssima condição física.

Como o estado de saúde de Klemperer não estava bom, a angina lhe causava fortes dores no peito, a cada esforço sentia falta de ar, sentia dores nos olhos e por isso procurou por um médico a fim de receber uma dispensa para o trabalho na fábrica. Depois de uma longa espera, quando finalmente conseguiu ser atendido pelo médico, não obteve sua dispensa para o trabalho e sim apenas uma licença para descansar por uma semana. O médico justificava tal ato, por conta de que todos estavam trabalhando, até mesmo os cegos, e ao terminar a consulta disse “Heil Hitler!”.

2 “A LÍNGUA TAMBÉM CONDUZ O MEU SENTIMENTO.”

“A linguagem revela. Por vezes, alguém procura esconder a verdade por meio da linguagem. Mas a linguagem não mente. Por vezes, alguém quer expressar a verdade. Mas a linguagem é mais verdadeira do que ele. Não há remédio contra a verdade da linguagem. Médicos podem combater uma doença tão logo reconheçam sua essência. Filólogos e poetas reconhecem a essência da linguagem; mas não podem evitar que a linguagem expresse a verdade.”

(Victor Klemperer, 1999.)

As obras desenvolvidas por Victor Klemperer durante os anos do nazismo (1933 – 1945) foram muitas e são hoje consideradas obras primas dos estudos sobre literatura francesa do século XVIII e da Alemanha nazista.

A obra *LTI – Lingua Tertii Imperii: anotações de um filólogo*, uma de suas principais obras, foi desenvolvida ao longo dos anos do nazismo e trata-se de uma análise refinada da manipulação da linguagem pelo regime nazista e um estudo profundo do contexto sociopolítico e cultural da época. Analisa uma série de vocábulos e conceitos cujos sentidos foram deturpados pela ideologia nazista, que pretendia disseminar o antissemitismo ao povo alemão.

Os diários pessoais de Klemperer que se remetem aos anos de 1933 a 1945, portanto, da ascensão à queda do regime nazista na Alemanha são relatos cotidianos que são considerados atualmente uma das obras mais fidedignas da época. Para adquirir tal veracidade, Klemperer sabia que mencionar nomes daqueles que faziam parte de seu círculo era importante para que sua obra ganhasse valor documental.

As várias tentativas fracassadas de publicar seus escritos, artigos e obras durante o período nazista não o fez parar de escrever. Embora, muitas vezes desanimado e com vários problemas de saúde, Klemperer recorria às mais diversas leituras, de Voltaire a Rosenberg. Fora atingido pelo programa político antissemita de Hitler, assim como tantos outros intelectuais da época que chegaram a deixar a Alemanha.

Da coletânea de suas obras, *Pierre Corneille* é publicada em 1933, sua *LTI* é publicada em Berlim em 1947, *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire* é desenvolvida ao longo dos anos do nazismo e publicada somente em 1954. Após sua morte, em 1960, o segundo volume de sua obra *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Rousseau* é publicada e em 1989, com a queda do Muro de Berlim, é publicado seu *Curriculum Vitae – recordações de um filólogo*. Os diários do período do nazismo são publicados em 1995 com o título: *Quero prestar testemunho até o fim*. Ao longo do tempo, sua obra *LTI* teve várias edições, assim como seus diários.

2.1 A produção intelectual de Klemperer nos anos da barbárie.

No início do ano de 1933, Klemperer se encontrava em meio a um processo da editora Hueber¹⁵ e isto lhe roubara muito tempo, atrasando todo seu trabalho, principalmente sua *Imagem da França*¹⁶ estava parado há dias. O que havia conseguido publicar naqueles dias era uma resenha para a revista literária germano-românica *Langer*, intitulada: “*Frederico, o Grande, e o mundo espiritual da França.*”

O curso sobre Itália que ministrava na Universidade contava com apenas quatro, cinco alunos. Já há algum tempo, percebia que suas aulas estavam diminuindo aos poucos e temia que no próximo semestre o problema poderia ser ainda maior.

Em meados de março, começou a escrever a *Imagem da França*, mas sabia que ainda lhe faltava leitura para o trabalho estar completo. Alguns dias depois não conseguia sair das sete páginas escritas, o trabalho caminhava muito vagarosamente.

Diante das perseguições aos judeus, que desde a ascensão do nazismo já havia começado, Klemperer não tinha mais seus trabalhos publicados; tal fato o deixara extremamente incomodado e desanimado. Mesmo assim, seguia quieto no seu canto com a *Imagem da França*.

¹⁵ O motivo de disputa com a editora Max Hueber, de Munique, foi certamente a dificuldade de decifrar a letra de Klemperer.

¹⁶ A obra *A nova imagem alemã da França (1914-1933)* foi publicada na revista *Contribuições para a Filologia Românica*.

Soubera que em Munique os professores judeus estavam proibidos de ministrarem aulas nas universidades. “As universidades de Berlim e Frankfurt, por exemplo, perderam 33% de seus professores, judeus ou opositores do nazismo.” (CYTRYNOWICZ, 1990, p. 19). As dificuldades financeiras somavam-se às tentativas de construir a casa em Dölzsch, para a qual destinavam suas últimas reservas. A sensação de “graças a Deus, estou vivo!” viera após a nova lei para os funcionários públicos que permitia que ele permanecesse em seu posto.

Aos poucos sua *Imagem da França* ia tomando corpo e estava finalmente em fase de conclusão, embora não acreditasse que seu trabalho iria ser publicado ou utilizado em algum curso, o que o deixava entristecido. A vergonha se concentrava sobre o povo europeu como nunca havia acontecido antes, todos os acontecimentos eram atos arbitrários e isso lhe causava extremo desgosto. Tudo era motivo para vergonha: os discursos do chanceler, ministros e comissários eram como um amontoado de mentiras, hipocrisias, frases vazias e absurdos.

Não conseguia se concentrar no trabalho, pois havia vários empecilhos, como telefonemas e visitas que o interrompiam sempre e seu trabalho ficava estagnado.

Em maio, o problema na universidade foi aumentando e já ministrava aulas de francês para apenas seis pessoas e as aulas de história da cultura contava com aproximadamente vinte pessoas, porém, já não aplicava provas, devido à solicitação da reitoria.

O trabalho com a *Imagem da França* progredira, mas Klemperer acreditava que ninguém iria publicar. Para sua surpresa, Flitner começara a imprimir seu artigo sobre educação de 1931/1932 e acreditava que haveria alguns tipos de cortes no artigo. Na Escola Técnica Superior, seus exames foram transferidos para Wengler, que considerava como uma “proteção” para manter-lhe no cargo.

Finalmente, após três meses trabalhando em seu artigo *Imagem da França*, escreveu seu posfácio que pretendia ler para os amigos mais próximos posteriormente. Após alguns dias e tendo lido em voz alta seu posfácio aos amigos, espantou-se com o que havia escrito. Seria muita ousadia o que escreveu? Sua amiga Annemarie sugeriu que escondesse isso atrás de um quadro, por medo de

alguma inspeção do governo. Mas, o que ele faria então com seus diários? Aguardava dia após dia e nada acontecia.

O editor da Quelle & Meyer enviou uma carta para Klemperer solicitando que não fizesse muito empenho em publicar sua *Imagem da França*, pois estariam sendo vigiados por “células operárias” não muito abalizadas. A ideia de não publicar mais lhe afligia intensamente. Sua conta bancária estava com o saldo de quarenta marcos, para aumento do seu desespero.

Os dias passavam e o deixava ainda mais cansado, não possuía mais sossego para escrever seus diários, estava convicto que não conseguiria chegar ao fim de suas memórias. A ideia de morte o rondava. “Não vou conseguir mesmo chegar a escrever memórias; tanto faz queimar um caderno a mais ou menos dentro de quatro, cinco anos.” (KLEMPERER, 1999, p. 35-36)

Pensava se teria tempo de escrever um dia o planejado *Curriculum vitae*: ansiava por escrever suas memórias e poder publicá-las. Desejava também trabalhar com o século XVIII e, após uma visita à biblioteca regional, se surpreendeu com a riqueza de autores que esta dispunha sobre o período.

Seguira, então, com suas leituras acerca do século XVIII, e pensava que poderia viver bastante (o que não acreditava ser possível) para escrever um bom livro.

(...) a editora Diesterweg tinha recusado minha *Imagem da França*, por ser ‘totalmente voltada ao passado’, deixando de lado ‘os pontos de vista nacionalistas’: assim, todas as possibilidades de ganhar dinheiro foram cortadas; e como todas, absolutamente todas as tentativas de conseguir dinheiro para a obra fracassam e nossa situação financeira torna-se cada vez mais desesperadora (...) (KLEMPERER, 1999, p. 39)

Os problemas financeiros se agravavam, seu salário havia diminuído e ainda por cima sofria alguns descontos “voluntários”, como auxílio inverno, trabalho nacional que constituíam em 1 por cento do salário total, 10 por cento do imposto de renda. Dessa forma, precisou pedir dinheiro emprestado da Iduna¹⁷ para construir um porão na casa de Dölzschen.

¹⁷ Acredito que trata-se de alguma instituição financeira que Klemperer procura para concessão de empréstimo.

Mesmo lendo sobre o século XVIII, Klemperer considerava toda leitura insuficiente para a escrita de um livro, era rigoroso consigo mesmo e queria que seu trabalho resultasse em obra importante a ser publicada. Seus dias tornavam-se cada vez mais ocupados, toda manhã voltava-se aos trabalhos domésticos que lhe ocupavam demasiadamente o tempo, depois lhe restavam algumas leituras e novamente as tarefas domésticas, compras, etc.

Sua situação na Universidade se tornara pior, a secretaria lhe recusara seus temas para provas escritas e o ministério dizia que se tratava de provas oficiais e então o afastara da comissão de provas. A cada novo dia em sala, um aluno a menos e o temor pelo futuro só aumentava. Temia de que na Páscoa já não tivesse mais alunos e então fosse eliminado por não ter valia alguma.

Como balanço do final do ano de 1933, desejava que seu trabalho sobre século XVIII¹⁸ pudesse ter uma abrangência geral, nada parcial e que contemplasse toda a história do pensamento da época e que se assim fosse, seria sua melhor obra e se orgulharia disso.

O ano de 1934 iniciara e, com ele, o temor de outrora aumentava, sentia-se amedrontado quando entrava em sala de aula, pois nunca sabia se havia algum traidor dentre seus poucos alunos. Não fazia a reverência nazista ao entrar na sala e muitas vezes deixava escapar algumas palavras perigosas ao longo de uma conversa, que pensava que poderiam comprometê-lo.

A 27 de janeiro, recebeu uma carta que constava a anulação de sua nomeação como membro da comissão de provas, porém a vigência já existia desde a primavera. Iniciara a leitura de *Jaakob*¹⁹, de Thomas Mann, presente de Natal atrasado que havia recebido de sua amiga, Annemarie. Através das reflexões advindas da leitura, pretendia dar a Thomas Mann o papel que lhe cabia em seu século 18.

¹⁸ *A História da literatura francesa no século XVIII*, foi publicada em dois volumes em 1954 e 1966.

¹⁹ *As histórias de Jacó*, primeiro volume (1933) da tetralogia de Thomas Mann, *José e seus irmãos*.

Conseguira ler três dos seis volumes das *Lettres juives*²⁰, que considerou medíocres. Acreditava que seu trabalho estava mais maduro, mais científico, mas ainda assim não chegava a lugar algum. Sentia-se velho demais e não acreditava que sua obra sobre o século XVIII fosse publicada.

Seu estudo sobre o século XVIII caminhava vagarosamente, com pouco vislumbamento. Algumas vezes pensava que este poderia ser seu mais valioso trabalho, em outras, pensava que não conseguiria terminá-lo.

No decorrer do mês de junho do mesmo ano, pretendia se dedicar algumas semanas às resenhas acumuladas para a *DLZ*²¹, segundo ele, a única que se manterá fiel a ele. Sobre seu século XVIII, escrevera que se esse não mais se realizar, existiria algo concluído a respeito de suas ideias.

Em julho de 1934, o semestre letivo encerrava da mesma forma como começou, para poucos alunos. No total, teve duas alunas, Heyne e Kaltofen e dois homens, um estudante e o outro homem da SA, chamado Heintzsch. Sentia-se tenso em relação ao que iria acontecer dali para frente. Iria ser demitido como um “funcionariozinho subalterno”? (KLEMPERER, 1999, p. 80)

Seu estudo a respeito da linguagem do Terceiro Reich o animava cada vez mais, pensava também em ler *Mein Kampf*, era uma possibilidade.

Ao terminar suas resenhas, Klemperer havia realizado uma leitura sobre Voltaire de Brandes²², associando suas ideias sobre século XVIII. Destinava-se à tarefa de escrever, mesmo que penosamente, e se cobrava por isso. Iria iniciar seu quarto volume sobre História da Literatura no dia 11 de agosto.

O capítulo biográfico sobre Voltaire estava pronto em meados de setembro, mas não se sentia completamente contente. Para ele era pouca biografia e muitas ideias. Na faculdade, preparou o curso de francês. Aula sobre Dante, Pascal, Bossuet e Voltaire, mas admitia que não era nada fácil tratar destes autores.

²⁰ Obra de Jean-Baptiste de Boxer, marquês d'Argens (1704-71), escritor e filósofo francês.

²¹ Klemperer se refere à publicação *Deutsche Literatur-Zeitung*, de Berlim.

²² Georg Brandes, de fato, Morris Cohen (1842-1927), teórico literário dinamarquês. Publicou inúmeras obras, entre outras, sobre Shakespeare, Goethe e Voltaire (1916-17).

No ano seguinte, em 1935, Klemperer soube a 9 de janeiro que o semestre letivo estaria por findar em fevereiro e que de acordo com a portaria do ministro do Reich ele não tinha aluno matriculado em seu curso. Tal situação o preocupava, pois não tendo alunos, teria de se aposentar e seu salário reduziria muito.

Havia seis semanas que trabalhava continuamente em sua obra sobre o século XVIII. Em 1º de abril daria início ao seu curso de francês a apenas um aluno, este que cursou o mesmo curso em Leipzig, no momento passou a frequentar o semestre em Dresden a fim de ficar mais tempo perto dos pais.

Em 30 de abril de 1935, Klemperer recebeu pelo correio sua carta de demissão. A carta dizia que com base da lei de restauração do funcionalismo público sugeriram sua demissão (KLEMPERER, 1999, p. 120) No mesmo momento, ele telefonou para a Escola Técnica Superior e ninguém tinha informações para lhe dar. Sentiu desde então uma profunda amargura e desolação. Sua depressão tornou-se mais aguçada. As dificuldades financeiras já o assolavam e partir desse momento as coisas só iriam piorar – pensava ele.

Figura 15 – Carta de dispensa de Victor Klemperer da Escola Técnica Superior. Fotografia: RICHTER, Regine, (2003)

Alguns dias depois, descobriu que sua cátedra seria ocupada novamente, portanto, concluiu ele que não o mandaram embora devido às medidas de economia

e sim pelo simples fato de ser judeu (KLEMPERER, 1999, p. 122) Começou, então, a tentar trabalhos no exterior, enviou cartas para Oxford, alguns amigos lhe sugeriram Londres e Zurique. Mas com o passar do tempo considerou que as chances no exterior eram praticamente nulas.

Pensava em publicar algum trabalho seu no exterior, essa era uma ideia que há muito o rondava e para tanto marcou um encontro com Stepan a fim de discutir a possibilidade disso. O trabalho com o século XVIII estava fluindo e aos poucos estava se acostumando à velha máquina de escrever. Estava copiando a *Imagem alemã da França* para encaminhar para uma editora que se mostrou interessada.

Enquanto filólogo observava atentamente os fatos e tecia críticas a respeito de toda e qualquer publicação transmitida via rádio, discurso oral ou imprensa escrita. Anotara que no jornal *Dresdener NN*, durante a semana do livro, a obra de Hitler, *Mein Kampf*²³ (Minha luta) era considerado o livro sagrado do Nacional-socialismo e da nova Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 138) O livro escrito por Hitler deveria ser vivenciado e todos deveriam possuir, até o cidadão mais pobre, pois este poderia comprar um exemplar mais barato. Com os direitos autorais adquiridos pela compra dos livros, Klemperer sugere que Hitler deveria estar rico. Nota-se, assim, o ambiente intelectual da Alemanha Nazista, onde Hitler torna-se milionário por conta de um trabalho e Klemperer não consegue ao menos publicar suas obras.

No dia 29 de dezembro de 1935, termina o primeiro volume de sua obra sobre o século XVIII, De Voltaire a Diderot. Pretendia, assim, revisar o texto até março do próximo ano para, então, publicá-lo.

Em janeiro de 1936, estava trabalhando em seu Voltaire, datilografando-o e também o corrigindo, e pensava em publicar seu trabalho quando finalizado, apesar das circunstâncias não estarem boas para ele.

Em abril do mesmo ano, relembra que há um ano perdera seu cargo na Universidade e tal fato o tinha deixado muito deprimido e com a situação financeira

²³ A obra prima de Adolf Hitler foi escrita quando este ainda estava na prisão e publicada em 1925. Nela, Hitler expressava os preceitos do nacional-socialismo e o antissemitismo. O livro tornou-se a bíblia do Nazismo.

comprometida. No mês seguinte, seu primeiro volume do século XVIII estava finalizado, pronto para publicação. Iniciou no mesmo dia a leitura um tanto a contragosto de *O contrato social*²⁴.

Estava comprometido com seu trabalho sobre Rousseau, porém este progredia devagar. Ele considerava difícil trabalhar dessa forma, sem esperanças, aqueles tempos não eram fáceis de serem digeridos. Outro motivo o remoía: precisava ganhar dinheiro e quando menos esperava chegou uma cobrança adicional sobre o imposto territorial dos anos de 1934-1936. Não sabia como iria conseguir esse dinheiro.

Seu trabalho sobre Voltaire havia sido recusado em Breslau e a editora alegou razões editoriais. Com essa tentativa de publicação recusada, a situação financeira do filólogo se agravava e era o que mais lhe preocupava no momento.

Em suas análises sobre a linguagem do Terceiro Reich, nota uma palavra que havia aparecido no jornal e supôs que se originava da França. A Frente Popular Francesa visava uma “cruzada de ideias” a favor dos comunistas espanhóis e contra o fascismo – algo que indignaria a imprensa alemã, que respondia dizendo que o nacional-socialismo não agia de tal modo, pois almejava a felicidade do povo e não fazia propaganda fora da Alemanha. Tais argumentos só contribuíam para deixá-lo ainda mais irritado com as ideias distorcidas que a Alemanha emanava, em um discurso pacificador forjado.

Em 2 de setembro de 1936, começara a redigir o capítulo sobre Rousseau, o segundo volume de seu século XVIII. Cerca de um mês depois, o interrompera logo que passou a limpo as “características principais”. Alguns meses após conseguira finalizar o terceiro capítulo sobre Rousseau e acreditava que esse era o seu melhor livro e o melhor capítulo de sua história da literatura. O capítulo sobre *Emile*²⁵ estava inteiramente pronto e escrevera ao amigo Wengler pedindo que retirasse a obra *Héloïse*²⁶ da biblioteca. A 27 de março de 1937, Rousseau estava totalmente

²⁴ *O contrato Social* (1762) é a obra de Jean-Jacques Rousseau.

²⁵ Obra de Jean-Jacques Rousseau publicada em 1762.

²⁶ *Julie ou A nova Heloísa* obra de Jean-Jacques Rousseau publicada em 1761.

completo, com todas as notas inseridas, no total a obra tinha cento e quatro páginas, revistas, corrigidas e organizadas, prontas para publicação.

Uma questão o cercava: quem faz a história? No livro de Holtei, intitulado “Quarenta anos”, o estado de ânimo geral na cidade de Breslau no início do século XIX era descrito detalhadamente pelo autor, as guerras de libertação significavam nesse período o fim do pensamento humanista-alemão propriamente dito. Durante o ano novo, havia começado a leitura de Colardeau²⁷.

Escrevera apenas algumas linhas em seu *Curriculum* no início de 1940, pois permanecia dividido entre as tarefas de casa e as compras e à tarde não sentia vontade de pensar em nada, quanto menos escrever. Em fevereiro tinha concluído o capítulo sete do primeiro volume de seu *Curriculum*, cerca de setenta páginas datilografadas. Teria quatro semanas de trabalho revisando este capítulo, até abril provavelmente. E depois? Todo o futuro era uma incógnita para ele, acreditava que sua obra jamais fosse publicada.

Em março de 1940, não conseguia mais se animar a escrever em seu diário e estava demasiado ocupado com o *Curriculum*, revisando-o, reescrevendo-o e, junto a isso, ocupando-se com os afazeres domésticos.

Após a mudança para a casa de judeus na Caspar-David-Friedrich Strasse, seu *Curriculum* estava quase parado, pois não tinha concentração. Já se cansara da rotina diária, as mesmas conversas, as mesmas bagatelas. Sentia sua situação atual na casa de judeus como se estivesse dentro de um “campo de concentração de alto nível”.

Em suas anotações sobre a Linguagem do Terceiro Reich, observa a mudança do tom dos discursos. Antes a França era a nação cavalheiresca, apenas enganada pela Inglaterra e todos a cortejavam. Tempos depois, durante a ofensiva alemã, o discurso mudou, de uma forma sempre mais aguda: “judaizada”, “decadente”, “enegrecida”, “sadista”, somado a isso, fotos de negros animais, relatos de abdomens cortados à faca, cadáveres mutilados. Em sua *LTI*, comenta:

O que contrapõe o nacional-socialismo às demais formas de fascismo é a exacerbada ideia de raça, nele concentrada no antissemitismo. Dessa ideia ele

²⁷ Charles-Pierre Clardeau (1732-76)

extrai seu veneno. Tudo vem dela, mesmo quando se trata de povos não semitas. O bolchevismo era “bolchevismo judeu”, os franceses eram “enegrecidos” e “judaizados”, os ingleses eram os descendentes daquela tribo de judeus bíblicos dada como perdida, e assim por diante (KLEMPERER, 2009, p. 221)

Seu *Curriculum* não progredia já há alguns dias e poucas pessoas tiveram contato com a obra, como Moral, Feder e Lissy, e não ficaram interessadas. Ele acreditava até mesmo que Eva não se interessava por tal obra.

Nos discursos nazistas, Klemperer observa um desgaste no superlativo. Enquanto lia um livro de memórias do jornalista americano Webb Miller, na edição alemã publicada em 1938, nota as seguintes críticas em sua obra *LTI*:

A paixão pelos números aparecia ali em uma declaração honesta. Bater recordes fazia parte da profissão. Mais honroso do que elaborar reflexões profundas era noticiar os fatos usando os números da maneira mais ágil e mais exata possível. Miller menciona com orgulho que anunciara o início da guerra da Abissínia 45 minutos antes dos outros correspondentes, com precisão absoluta de detalhes (3 de outubro de 1935, 4h44, 4h55, 5h00) (...)

O hábito da LTI de usar números pode ser uma imitação dos usos e costumes americanos. Entretanto distingue-se de suas maneiras, não só pelo uso descabido do superlativo como pela crueldade consciente e a impostura sem escrúpulos. Os comunicados do Exército mostram números gigantescos de inimigos capturados; canhões, aviões e tanques contam-se aos milhares e dezenas de milhares, o número de prisioneiros chega a centenas de milhares (KLEMPERER, 2009, p. 330-331)

Desejava migrar, talvez os Estados Unidos fosse uma boa opção, poderia se aprofundar na literatura americana, mas lhe faltava o inglês fluente.

Entre 1933 e 1939, de 250 mil a 300 mil judeus saíram da Alemanha. Entre 250 mil e 300 mil ficaram. Muitos judeus alemães eram tão ciosos e orgulhosos de sua cidadania (no contexto de uma história judaica marcada por sucessivas perseguições e expulsões) e dos valores democráticos (que garantiam estes direitos das minorias) que achavam que o nazismo era passageiro (CYTRYNOWICZ, 1990, p. 30)

O medo era uma constante somada ao temor de que seus escritos fossem descobertos. Já havia passado por duas buscas domiciliares e nada havia acontecido a não ser a apreensão de papéis insignificantes a ele, mas a cada novo decreto do Reich o temor crescia.

Quando um poeta sente a encarnação como poeta, sente necessariamente angústia em relação a qualquer perigo que possa acabar com ele como poeta. A angústia da influência é tão terrível porque é ao mesmo tempo uma espécie de angústia de separação e o início de uma neurose de compulsão, ou medo de uma morte que é um superego personificado. (BLOOM, 2002, p.106)

A máquina de escrever lhe havia sido retirada no dia 28 de outubro de 1940. Tentava, entretanto, escrever à mão o segundo volume do *Curriculum* até conseguir

uma máquina de escrever emprestada. Seu *Curriculum* progredia devagar, gostaria muito de se tornar o escriba da história cultural da catástrofe contemporânea. Enquanto isso lia a “*Infância no exílio*” de Shmarja Levin. Para ele, uma grande obra de arte.

Era permanente o medo de Klemperer em relação aos seus escritos. Tinha medo de que eles pudessem levá-lo ao campo de concentração. O sentimento que o invadia de obrigação de escrever era sua tarefa de vida, sua profissão. Freud (1976) em sua análise sobre ansiedade e medo refere-se à ansiedade como um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que este perigo seja desconhecido. Já “o medo exige um objeto definido de que se tenha temor.” (FREUD, 1976, p. 23-24)

Diante dos acontecimentos da guerra e dos relatos de perseguição constantes que Klemperer presencia, tornava-se difícil encontrar inspiração para escrever seu *Curriculum*. A esperança do fim da guerra e do seu sofrimento tornava-se aos poucos algo nebuloso, que parecia inalcançável.

Em meados de março de 1942 estava imerso na tristeza e não tinha mais tranquilidade para a leitura. Gostaria de prosseguir com o *Curriculum*, mas teve que retirar todo o material de casa, por medo de que em alguma busca domiciliar encontrassem seus escritos. Estava finalizando a leitura de “*O Nascimento da República*”, de Rosenberg²⁸, que julgava interessante, mas adormecia de cansaço quando o lia. Logo, percebeu durante a leitura que os judeus eram ainda mais desprezados: não eram chamados de povo pelo autor, mas sim de uma “antirraça” parasitária que deveria ser dizimada ou pelo menos ser expulsa da Europa. A obra de Rosenberg mencionava a adoração de um Jesus nórdico que nada tinha a ver com um homem de feições judias, moreno, de pés chatos e nariz adunco, pelo contrário, a figura de Jesus era loira e de olhos claros. A religião deveria ser apoiada no mestre Ekkehard²⁹ e sem dogma algum, deveria remontar ao deus Odin e chegar a Frederico II, sua essência mais íntima, seu valor máximo era a honra. O amor era fraqueza, não era um fator “formador de tipos”. A religião deveria ser livre, mesmo a

²⁸ Alfred Rosenberg foi um dos ideólogos do Partido Nazista, escreveu o livro *O mito do século XX* onde expressava a ideologia antissemita adotada pelo Terceiro Reich.

²⁹ Monge que viveu durante a Idade Média na abadia de Saint Gall.

cristã, porém o chamado *Velho Testamento* era proibido, assim como a doutrina de Paulo era transformada.

Nas anotações de sua *LTI*, notara a expressão *Blitzkrieg*³⁰, que segundo ele floresceu ainda no verão passado, mas que naquele momento já tinha desaparecido. “*Blitzkrieg* [guerra relâmpago] fora alterada para *Nervenkrieg* [guerra de nervos], e vitória passara a ser vitória final.” (KLEMPERER, 2009, p. 374)

O filólogo pensara em escrever algo pró-Alemanha e contra Sion e faria isso a partir do ponto de vista de um judeu alemão. Queria realizar tal estudo depois de ter lido os escritos sionistas de Herzl³¹.

Em meados de novembro, estava pronto o quarto volume de seu *Curriculum*, pensou que este volume poderia ser nomeado como “*A linguagem do Terceiro Reich*”. Ele conteria o material filológico da *LTI* e todos os fatos mencionados falariam a linguagem do Terceiro Reich.

Era incessante o temor da possibilidade de descoberta de seus escritos e, assim, colocaria todos os mencionados em seus textos em risco de vida. Mas não conseguia deixar de escrever, a tarefa de escrever era necessária, seu testemunho era valioso e tinha consciência disso.

Em seus estudos sobre linguagem, Klemperer analisava o jornal *Reich* de abril de 1943, que pretendia demonstrar com exemplos como o bolchevismo destruía o homem espiritual, o homem soviético era verdadeiramente a anulação daquilo que caracterizava o direito e a dignidade humana.

Pretendia se dedicar à obra “*Minha luta*” de Hitler, pois fazia um tempo que havia lido algumas poucas páginas. A leitura se arrastou por meses, talvez porque não gostasse do que lia, porém a considerava ao mesmo tempo medonha e deprimente. Para ele, o livro fora escrito e fizeram daquele homem o Führer e deixaram-no ser o chefe por onze anos até aquele momento.

³⁰ *Blitzkrieg* era o termo usado para uma doutrina militar que utilizava forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o intuito de evitar que as forças inimigas organizassem sua defesa.

³¹ Theodor Herzl (1860 – 1904) foi um jornalista judeu austro-húngaro que se tornou fundador do moderno Sionismo político.

Iniciara a leitura de Emanuel Quint³². Considerava o trabalho de dez anos em vão: o *Século XVIII*, o *Curriculum* e sua *LTI*, acreditava que nada ficaria pronto e que as obras nunca seriam publicadas.

³² *Emanuel Quint*, romance (1910) de Gerhart Hauptmann.

3 “PRESTAREI TESTEMUNHO, TESTEMUNHO PRECISO” – Os primeiros anos do Nazismo.

“O heroísmo é muito mais puro e significativo quanto mais discreto for, quanto menos público cultivar, quanto menores rendimentos trazer para o próprio herói e quanto menos espalhafato alcançar”

(Victor Klemperer in LTI.)

Os diários de Victor Klemperer relatam o cotidiano vivido pelo filólogo nos anos de 1933 a 1945 e tratam de evidenciar a experiência de tantas pessoas que viveram nesse período, principalmente do grupo ao qual pertencia, os judeus.

Foram vários os insultos e perseguições, chegou a ser preso por esquecer-se do blecaute programado durante os anos de guerra e foi submetido ao trabalho forçado como forma de punição junto a vários outros judeus.

Apesar de passar por tantas provações, Klemperer não perde seu foco principal ao escrever seus relatos diários: analisa as situações vividas e ouvidas e trata de criticá-las ferozmente. Nada parecia despercebido. O filólogo busca através de suas análises o sentido (talvez impossível) do antissemitismo e se opõe aos atos violentos cometidos pelos nazistas.

Aos olhos do filólogo nenhum jornal ou notícia de rádio passaria em vão. Acreditava estar a serviço exclusivamente da verdade e entre seu círculo de amigos, buscava por notícias verídicas acerca da guerra e mediante alguns boatos. Possuía uma posição político-crítica muito bem delineada e ao mesmo tempo em que era contra o regime nazista também não acreditava que o sionismo fosse a melhor saída aos judeus. De fato, Klemperer sentia-se alemão e não judeu, remete-se à sua germanidade durante os escritos, sentia nostalgia dos tempos antecedentes a guerra e sonhava com o fim da loucura nazista.

3.1 As origens do antissemitismo e a crítica ao nazismo.

Por se tratar de um filólogo e professor universitário, Victor Klemperer se posicionava como testemunha (e de fato era) ocular da história da barbárie nazista do século XX e sendo assim, a tarefa de escrever tais fatos em seus diários era uma necessidade. Buscava através de seus escritos, compartilhar a vivência de tempos

tão sombrios, considerando obviamente, aquele tempo como particular em toda história da humanidade e tendo plena consciência de sua contribuição para a sociedade pós-guerra. Klemperer não fora somente os olhos e os ouvidos dos intelectuais dessa época, fora também sua mente. Pensou e analisou os atos nazistas e tudo o que acontecia a seu redor, suas críticas vêm sempre acompanhadas de uma reflexão histórica-social.

Nos primórdios de 1933, pós a nomeação de Hitler, Klemperer e Eva estiveram na casa do casal de amigos Blumenfeld junto com Raab, economista e presidente do clube Humboldt, onde tiveram de suportar um discurso deste a favor dos nacionais-alemães, pois todos deveriam elegê-los a fim de fortalecer a ala direita da coalizão. Ele e Eva se opunham exasperadamente e achavam tudo aquilo um absurdo sem igual.

Em 29 de janeiro de 1933 o presidente Von Schleicher nomeou Hitler para o cargo de chanceler. Hitler foi empossado no dia 30 de janeiro de 1933, em uma procissão de tochas acesas, cantos, luzes e cruzes gamadas (LENHARO, 1995)

Analysava o episódio do incêndio ao Reichstag que ocorrera oito dias antes das eleições e acreditava que isto fosse trabalho encomendado das SS e não de autoria comunista, como todos pregavam e pensavam. A propaganda nazista aos poucos vinha ganhando forças e como meio de propagação o rádio obtinha uma importância relevante na política nazista.

He now reached the German people, not merely in print or at mass meetings, but in a powerful new medium: the radio. Oratory became identified with him. He would stand silently, motionless, before beginning slowly, in the voice of baritone-basso, with the words "Volksgenossen, Volksgenossinen!" - a Nazi appellation meaning literally men and women who were comrades belonging to audience heard to go wild, shouting, "Sieg Heil!" - the Nazi German victory and salvation. Hitler's portrait could be seen everywhere, it showed a man in his forties, cold and penetrating. His associates spoke of him as hypnotic³³. (HILBERG, 1993, p. 07)

³³. "Agora ele alcançou o povo alemão, não meramente impresso ou em comícios, mas em uma poderosa nova mídia: o rádio. A oratória se tornou identificada com ele. Ele ficaria em pé silencioso, imóvel, antes de começar vagarosamente, na voz de um barítono-baixo, com as palavras "Volksgenossen, Volksgenossinen!" - uma apelação nazista significando literalmente que homens e mulheres que fossem camaradas na audiência ouvissem e fossem ao êxtase, gritando "Sieg Heil!" - a salva e vitória alemã nazista. O retrato de Hitler podia ser visto em todos os lugares, ele mostrava um homem em seus quarenta anos, frio e penetrante. Seus sócios falavam dele como hipnótico" (tradução nossa)

Naquele tempo era possível observar as ruas repletas de bandeiras, microfones, e também se sabia de casas que eram ocupadas e pessoas fuziladas, a censura também se fazia presente por toda parte.

As proibições começaram logo nos primeiros anos do governo nazista e essa seria uma constante que Klemperer analisaria sempre com horror, desta vez a proibição era da associação central dos judeus da Turíngia, acusada de depreciação e críticas “talmúdicas” ao governo. A partir de tal episódio, seguem-se a cada novo dia, proibições e casas ocupadas, a violência levada ao extremo com pessoas fuziladas e submetidas às maiores atrocidades.

Durante uma visita do casal Thieme³⁴, que considerava horrível, o próprio Thieme pronunciou-se a favor do regime nazista. O sujeito possuía algum talento matemático, mas que se entregava a toda influência, toda propaganda que era proferida (KLEMPERER, 1999, p. 14)

O jornal Berliner Tageblatt foi proibido de circular enquanto que o *Dresdener NN*³⁵ não e obviamente isso não poderia ocorrer, pois era um jornal totalmente devotado ao governo. O comissário de justiça da Saxônia, Manfred von Kilin, responsável pela segurança e ordem em tal estado, ordenara que os escritos marxistas fossem abolidos das bibliotecas das prisões, pois o sistema penal necessitava ser novamente punitivo e regenerador (KLEMPERER, 1999, p. 15)

Notara em uma de suas idas ao cinema que a propaganda nazista lançava sérias indagações sobre Hindenburg³⁶ e ressaltava que este já não era mais o mesmo sujeito, o denominou como fantoche nas mãos de Hitler e que até mesmo seus passos já não eram precisos.

Não confiava mais na Alemanha como antes e pouco se importava que a Alemanha fosse uma monarquia ou república, mas acreditava que ela não seria resgatada das mãos desse governo.

³⁴ Johannes Thieme, conhecido dos Klemperer desde os tempos de Leipzig, morou em casa dos Klemperer no verão de 1920 e logo tornou-se seu “filho de criação”.

³⁵ Abreviatura do jornal *Dresdener Neueste Nachrichten*

³⁶ Paul von Hindenburg (1847-1934) foi presidente da Alemanha durante os anos de 1925 a 1934. Nos diários, Klemperer relata que o antecessor de Hitler mostrava-se com saúde debilitada e cabisbaixo nos últimos anos de seu governo e que foi forçado a entregar o comando político do país nas mãos de Hitler.

Nas escolas todos se curvavam diante da suástica, muitos temiam perder o emprego, a desconfiança pairava em todo lugar. Em uma farmácia, uma caixa de creme dental com a suástica nazista na prateleira, o símbolo estava presente em tudo e por todos os lados. O nazismo cultuava a arte e Hitler fazia de seus discursos grandes encenações que criticadas por Klemperer.

Os emblemas da águia e da cruz gamada, dispostos nas braçadeiras, nas bandeiras e nos estandartes, funcionavam como marcas de identificação. O símbolo mágico da suástica, de conhecida ancestralidade, uma espécie de cruz em movimento, sugeria a energia, a luz, o caminho da perfeição, como a trajetória do Sol em sua rota (LENHARO, 2003, p. 40)

A suástica, símbolo nazista, estava presente por toda parte, inclusive e para espanto do próprio Klemperer, em uma loja de brinquedos, uma bola com a suástica.

Os casos de maus tratos eram relatados aos montes, o último caso que soubera era o mencionado pela senhora Dember, conhecida dos Klemperer, e tratava-se de maus tratos dirigidos a um prisioneiro comunista, o qual torturaram com óleo de rícino e surras.

Em 1º de abril de 1933 foi anunciado o boicote geral contra os estabelecimentos comerciais judeus, o que se via nas ruas eram cartazes amarelos, homens da guarda, gente da SA diante de lojas fechadas com cartazes triangulares escritos: “Quem compra do judeu estimula o boicote internacional e destrói a economia alemã”. O boicote fora violento (KLEMPERER, 1999, p. 19) Segundo Fontette (1989) a operação foi executada pela SA³⁷ sob direção dos SS, com armas nas mãos, estes tentavam afastar qualquer comprador de entrar nas lojas, caso os cartazes não bastassem para afastar a clientela. Nesse mesmo período jovens alemãs que tinham namorados judeus foram levadas para as ruas com um cartaz no peito escrito: “sou a maior porca do lugar, tive relações com judeus.” (FONTETTE, 1989, p.87)

Em mais uma sessão no cinema, presenciou uma cena um tanto quanto chocante. Sentaram-se ao seu lado um soldado ainda jovem com sua namorada e durante a propaganda do filme, o rapaz menciona que achava correto os alemães não comprarem nada dos judeus, a namorada indaga o motivo, pois achava os

³⁷ Stürmabteilungen: milícia privada e paramilitar do partido nazista. Apareceu em 1921. Como ameaçasse a própria ordem nazista, foi golpeada mortalmente pelo próprio Hitler e substituída em importância pelas SS. Informações retiradas do vocabulário crítico de LENHARO, 2003, p.90.

produtos dos judeus baratos, e então, ele responde que se era barato era porque não era durável, logo não prestava, e então ela conclui que os produtos judeus eram tão duráveis quanto das lojas cristãs, deixando o rapaz sem palavras.

Em 7 de abril de 1933, entrou em vigor a “Lei para a restauração do funcionalismo público”, no qual funcionários públicos de origem “não-ariana” deveriam ser aposentados. Atestava-se que judeus não poderiam pensar à maneira alemã, tampouco reger alemães e nem administrar o Estado. Muitos judeus foram excluídos das funções administrativas ou judiciárias e também das profissões liberais. Criou-se então, uma legislação antissemita densa e particularmente importante, colocada em prática a fim de oprimir os judeus (FONTETTE, 1989)

Figura 16 - Lei de Restauração do Funcionalismo Público. Promulgação da lei em 07 de abril de 1933. Reichsgesetzblatt I 1933 S. 175, Digitalização Biblioteca Nacional da Áustria.

Amiga íntima do filólogo, a médica Annemarie Köhler, em uma de suas visitas à casa dos Klemperer, contou sobre o fanatismo de enfermeiras e enfermeiros de seu hospital e da saudação nazista que todos faziam ao ouvir a canção de Horst Wessel³⁸.

Figura 17 – Clínica de Annemarie Köhler. Fotografia: BORCHERT, Christian.

Sentia-se muito envergonhado diante de tudo isso e dizia que a vergonha se alastrava por toda Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 22) Frases vazias, mentiras, hipocrisias, absurdos eram ditos seguidas sempre de ameaças e promessas vãs. Ouvira que na cidade de Chemnitz, um advogado fora sequestrado e fuzilado. Naquele momento se sentia seguro, mas não sabia até quando tal sensação de segurança duraria, pois quando menos esperasse poderia surgir uma lei e aniquilá-lo.

O estado de espírito desses tempos, a espera, as visitas recíprocas, a contagem dos dias, a inibição de telefonar e escrever cartas, a leitura nas entrelinhas dos jornais que estão sob pressão – tudo isso teria que ser preservado em memórias. Minha vida, porém, está chegando ao fim e estas memórias jamais serão escritas (KLEMPERER, 1999, p. 27)

Indignava-se com o extraordinário poder que estava nas mãos dos nacionalistas. Durante uma sessão de cinema, analisou as cenas que viu e ouviu: Hitler passando as tropas em revista, a massa dos homens da SA diante dele, os

³⁸ Horst Ludwig Wessel (1907-1930) foi um ativista alemão famoso pela composição da canção Die Fahn hoch, conhecida como canção de Horst Wessel, como citada por Klemperer. A canção se tornou hino nazista e se tornou um dos hinos nacionais da Alemanha neste período.

microfones que espalhavam suas palavras a milhares de homens da SA em todo o Terceiro Reich, sua onipotência ficava às claras e todos se curvavam diante dele, todos baixavam a cabeça ao som da canção de Horst Wessel.

Ouvira que no congresso de medicina em Wiesbaden, todos os agradecimentos voltavam-se à Hitler, se indagava sobre onde estariam Wassermann, Ehrlich e Neisser³⁹? Mesmo estes grandes homens tendo fornecido algo significativo em prol da Alemanha, os agradecimentos foram para o Führer. Nas palavras de Stern (2004)

A meu ver, Paul Ehrlich, nascido em 1854, integrou uma segunda Era do Gênio na Alemanha – foi, na verdade, um de seus principais representantes. Só recentemente reconhecemos essa época pelo que foi: um tempo de descobertas e invenções pioneiras em que a medicina científica e experimental dava seus primeiros passos verdadeiramente largos. Na Alemanha, os tremendos avanços da indústria química ao longo do século XIX e a invenção de pigmentos sintéticos tornaram-se o fundamento do progresso em pesquisas biológicas e virológicas (STERN, 2004, p. 24)

Diante da posição que Thieme tomara em razão do novo governo, Klemperer rompe definitivamente com este em meados de maio. Sua amiga Annemarie temia por seu emprego porque recusara-se de participar do desfile de 1º de maio.

Annemarie teme por seu emprego, porque recusou-se a participar do desfile do dia 1º de maio. Ela (totalmente nacional-alemã) relata: reviraram o jardim de um comunista de Heidenau porque achavam que ali estava enterrada uma metralhadora. (KLEMPERER, 1999, p. 26)

No cadáver havia marcas de botas na barriga, ferimentos do tamanho de um punho nas costas, cheios de algodão. O que constava no laudo oficial da autópsia era que a causa da morte havia sido disenteria, que provocava “manchas” precoces no cadáver.

Joseph Goebbels⁴⁰, no dia 29 de junho, pela primeira vez diz em um discurso público que não tolerariam nenhum partido ao seu lado, pois Hitler era o “senhor absoluto” da Alemanha. Klemperer ouvira falar sobre a Palestina, o que não o atraía.

³⁹Klemperer se referia a August Paul von Wassermann (1866-1925), bacteriologista e serologista, Paul Ehrlich (1854-1915), serologista, criador da quimioterapia moderna e Albert Neisser (1855-1916), dermatologista; descobriu em 1877 a bactéria da gonorréia e determinou a detenção do vírus da lepra, descoberto por G.H.A Hansen, com métodos modernos, baseados em cores.

⁴⁰ Paul Joseph Goebbels (1897-1945) foi o ministro da propaganda do III Reich. Figura chave do partido por seus dotes retóricos.

Considerava uma troca de nacionalismos e estreiteza por nacionalismo e estreiteza e, além disso, era um país de emigrantes para capitalistas.

Nos jornais alemães, não havia mais nada do que alarde de guerra (KLEMPERER, 1999, p. 33) No dia 20 de julho de 1933, uma nova ordem impunha a todos os funcionários, e também a Klemperer de que pelo menos durante o trabalho e no local de trabalho usassem a saudação hitlerista. Pretendia-se, no entanto, que em outras ocasiões utilizassem também a saudação, caso quisessem evitar a suposta rejeição ao novo governo.

Nos atos do governo, a eterna ameaça de pena de morte, prisão de reféns, uma vez, interrupção de todo o transporte nas estradas. Entre os professores e funcionários subalternos havia o crescente descontentamento e o autor se indagava sobre o governo: “Quem iria derrubá-los? O que viria em seguida?”.

Surgiam mais relatos sobre a opressão e violência do regime nazista. Um homem tinha sido demitido por não ter erguido o braço ao cumprimentar, outro libertado do campo de concentração, revelou que era chamado de “cão de óculos”, e que ainda era obrigado a andar de quatro ao trazer sua tigela caso quisesse comer. Quando liberto, teve de assinar um documento, comprometendo-se a não revelar nada. “Humilhar os judeus, pô-los em situações ridículas, impor-lhes tarefas irrealizáveis para trocar de sua incapacidade, são divertimentos constantes a partir de 1938.” (SORLIN, 1974, p.89)

Soubera que autores judeus estariam tendo suas publicações recusadas nas editoras alemãs. Não acreditava que as massas estavam realmente a favor de Hitler, para ele havia muitos indícios contrários, pois a maioria das pessoas morria de medo. Não havia mais segurança em nenhuma carta, nenhum telefonema, em nenhuma conversa feita na rua. Tudo era motivo para desconfiança, via-se o outro como possível traidor ou informante do Estado.

Tentara publicar seu trabalho *Imagem da França*, havia procurado a Editora Diesterweg, que recusara publicar a obra, alegando ser uma obra totalmente voltada ao passado e que deixava de lado os pontos de vista nacionalistas. A busca por uma editora se torna incessante e conforme o tempo passava só ouvia recusas para a publicação. Aos poucos o cerco da própria universidade se fechava sobre ele, a

secretaria recusara seus temas para provas escritas e os alunos tornaram-se escassos.

O que vivenciava e via pelas ruas o indignava, durante o Dia do Partido em Nuremberg conseguia ouvir os gritos nas ruas, repletas de gente da SA. Na imprensa, Hitler era tratado como um “deus”, fato que o deixava ainda mais irritado.

Em outra sessão de cinema, mostrava o Dia do Partido NSDAP⁴¹. “Hitler procede à benção de novas bandeiras por meio do toque com a ‘bandeira de sangue’ de 1923”. E a cada toque das bandeiras, um tiro. Havia uma histeria perceptível e a manipulação das massas fazia com que sua indignação só se tornasse maior.

Na arquitetura de espaços abertos em avenidas dilatadas, edifícios neoclássicos e esculturas gigantes, uma torrente humana escorria em desfiles e marchas monstruosas. A massa de fiéis tinha a coesão assegurada através de uniformes, bandeiras, cantorias, desfiles, fanfarras, gritos de “Sieg Heil” e “Heil Hitler”, experimentando uma efusão sentimental de caráter igualitarista, coreografando, com seus corpos, gigantescas iniciais humanas, ou desenhando, com o empunhar de tochas acesas, a mística cruz gamada. Nos Congressos do Partido, a massa, convertida em ornamento, aguardava por horas as aparições de Hitler, que entrava através de um canal aberto entre a turba, a “via triumphalis” nas palavras de Goebbels. (NAZÁRIO, 1996, p. 50)

. Não tinha mais esperança de um fim breve e achava o comportamento de alguns judeus repugnante, pois se conformavam com uma nova situação de gueto, vivendo acuados como se fosse uma situação legal e confortável.

A propaganda pelo “sim” nas eleições de 12 de novembro disseminava-se e o autor relata os boatos de rua, em que poucos acreditavam no respeito ao voto secreto, muito menos na contagem correta dos votos. Os estudantes eram solicitados a organizarem passeatas, angariar simpatia para a eleição. Era possível observar a propaganda do “sim” em qualquer carro de firma, bicicleta dos carteiros, em todas as casas, vitrines, em largas faixas estendidas pelas ruas: “o sim pela paz!”. Passeatas e gritos em coro até de madrugada, microfones nas ruas, veículos com música e carros em comboio podiam ser vistos.

Seu voto havia sido “não” no plebiscito e também “não” sobre a cédula para o Reichstag. Eva depositou os dois votos em branco. O resultado da eleição havia

⁴¹ *Nationatsozialistische Deutsche Arbeiter Partei*

sido 93% dos votos a favor de Hitler, quarenta milhões e meio de votos “sim” e dois milhões de votos “não”. Ele não acreditava que o voto secreto pudesse ser violado, para ele “seria desnecessário por dois motivos: 1. Basta que todos acreditem na quebra do voto secreto, e portanto, tenham medo e 2. O resultado anunciado já estava garantido (...)” (KLEMPERER, 1999, p. 48) Ao passar dos dias, encontrava-se ainda mais desanimado diante dos fatos e começara a acreditar no poder e duração de Hitler. Contara que em Londres, anunciava-se que até mesmo nos campos de concentração a maioria dos votos era “sim”, o que ele desacreditava, alegando chantagem ou adulteração.

Tinha horror e abominava o Nazismo e também o Sionismo, considerava os sionistas tão repugnantes quanto os nazistas e que estes últimos viviam em comunhão com a Rússia Soviética e Sion. Estas afirmações revela um Klemperer que não se sentia judeu, tampouco se via assim, dizia-se apenas “alemão”. É esse germanismo junto a sua situação financeira, que o faz permanecer na Alemanha mesmo diante das maiores atrocidades que veria ao longo dos anos.

Pode-se imaginar facilmente o pavor e a angústia que, a partir de 1933, dominaram os judeus alemães, e que eram cuidadosamente mantidos e reativados a cada nova medida ou episódio antissemita. Alguns deixaram a Alemanha ou a Áustria, mas muitos (contavam-se ainda 300 mil em 1938) ficaram no país, pois se sentiam alemães de coração e tendiam sempre a pensar que o pior tinha passado, ou então que o futuro não seria tão terrível quanto os pessimistas (na verdade realistas ou lúcidos) temiam. Certamente, o número de suicídios aumentou em proporções inquietantes, mas reconfortantes para os nazistas, segundo um jornal de província, de 1933, que estampava esta oração fúnebre: 'Fritz Rosenfelder foi sensato e se enforcou. Estamos felizes com isso, e não vemos nenhum inconveniente em que ser congêneres nos digam adeus da mesma forma (FONTETTE, 1989, p.92)

Em 27 de janeiro de 1934 foi realizado o acordo de paz com a Polônia que procurava estabelecer um pacto de não agressão dos dois países a princípio por um período de dez anos. De sua casa, onde escrevia, ouvia cantorias nas ruas, músicas constantes e desfiles, uma marcha para o desfile de tochas diante do interventor do Reich, Mutschmann⁴². Outrora no jornal, havia o anúncio: “Homens e mulheres alemães! Marchem todos conosco! Nenhum compatriota deve faltar!”.

⁴² Martin Mutschmann, fabricante de rendas da cidade de Plauen, foi chefe de distrito na Saxônia de 1925-45; em 2 de junho de 1945, a imprensa de Dresden anunciou sua prisão; Mutschmann morreu em 1945.

O dia 30 de janeiro de 1934 determinava a lei que comemorava o aniversário do III Reich. Em uma das reuniões na Universidade, onde estiveram presentes um representante dos estudantes e vários professores extraordinários, o símbolo nazista se fazia presente em todos os lados. Sentia-se mal por estar com os braços erguidos e ressalta que a verdade falara por si e a mentira através do rádio e do jornal.

Os grandes eventos que reuniam as massas alemãs eram frequentes durante o nazismo e o grande encontro da SA da Saxônia em 25 de março de 1934 reuniu cerca de 125 mil homens diante do interventor e em meio a multidões, bandeiras, guirlandas, muito luxo e demonstração de poder. A lei do funcionalismo público na qual estava expresso que qualquer funcionário supérfluo poderia ser aposentado, foi promulgada por seis meses. Temia que sua hora também chegasse. A guerra se tornava cada dia mais provável e possível de acontecer.

Goebbels inaugurava uma campanha propagandística no seu discurso no Palácio dos Esportes no qual foi dado um último aviso aos judeus, ameaça pública de pogrom, caso o boicote internacional não cessasse, prometeu não lhes fazer nenhum mal “se eles se mantivessem quietos em suas casas” e não exigissem ser considerados “de igual valor aos alemães ou possuidores de plenos valores”. De acordo com Lenharo (1995):

A propaganda antissemita utilizou-se do livro apócrifo Protocolos dos sábios de Sion, que faz apologia da trama mundial que levaria ‘uma’ nação à conquista do mundo. Apesar da inferioridade em número, território e poder estatal os Protocolos afirma que tal povo poderia conquistar o mundo, pela força e organização. Graças à imagem de uma poderosa conspiração global atribuída aos judeus é que os nazistas os converterão (a eles e às forças coligadas) nos inimigos objetivos que precisavam ser destruídos a qualquer custo (LENHARO, 1995, p. 83)

Em Berlim, as pessoas contavam com um fim rápido do governo, mas não se deixava convencer de tal ideia. A massa sim, se convencia.

Uma carta de sua amiga Heyne a Klemperer contava sobre o campo de trabalho obrigatório e que sua chefe havia lido uma espécie de catecismo para elas que evidencia o fanatismo das pessoas: “Creio no Führer Adolf Hitler...Creio na missão da Alemanha...” Não conseguia estender o braço para fazer a saudação nazista e muito menos dizer ‘Heil Hitler’, o máximo que conseguia dizer era apenas ‘Heil’.

No início de junho do mesmo ano, durante uma visita dos Köhler, soubera do decreto do ministro da Educação do Reich, Rust⁴³, que determinava que todos os professores fossem reciclados “nacional-politicamente” durante quatro semanas por ano, no campo comunitário.

A 15 de junho de 1934, Hitler e Mussolini se encontraram em Veneza, outro acontecimento daqueles dias era vitória de um boxeador californiano e judeu contra um “gigante” italiano chamado Carnera. Nos jornais alemães o lutador judeu foi posto abaixo e creditaram todas as chances de vitória ao italiano. O sentimento anti-judaico permanecia muito forte e ganhava cada vez mais simpatizantes.

Uma nova lei impunha aos alemães vender seus valores no estrangeiro, no caso, o governo tomava o dinheiro estrangeiro e devolvia-lhes em marcos. (KLEMPERER, 1999, p. 76) Houve até mesmo uma determinação do governo acerca da construção dos telhados das casas na Alemanha, telhados retos não eram considerados alemães, ele sabia disso, pois estava construindo sua casa em Dölzschen.

Em 13 de julho, na maior encenação, Hitler diante de seu Reichstag. Na Chemnitzer Platz havia um alto-falante montado na estátua da fonte, Klemperer ouvira algumas frases do discurso de Hitler. Quase que sentia compaixão por Hitler, sentia-o perdido e acreditava que ele percebia isso, pois discursava sem esperanças. O mais terrível de tudo isso era que o povo europeu se submetia à loucura dos doentes mentais e criminosos que eram os nazistas.

A chamada Revolta de Röhm, desencadeada por uma presumida revolta da SA; em que Ernst Röhm e outros oficiais foram fuzilados por ordem de Hitler e também outros opositores políticos, como o general Kur von Schleicher e sua esposa, tais fatos contribuíam para que a depressão do autor aumentasse principalmente por conta da calma que se seguiram dias após o golpe. Em Lenharo (1995):

Faltava a Hitler resolver um sério problema interno da “família” nacional-socialista: o que fazer com o poder das SA e com seu comandante Röhm, que se mantinha praticamente irreduzível?

⁴³ Bernhard Rust (1883-1945), professor, ministro da Cultura da Prússia em 1933-34, de 1934 a 1945, ministro da Ciência, Educação e Instrução pública do Reich. Em 1945, Rust cometeu suicídio.

Röhm deixou claro em sua autobiografia o desejo de um *Soldatenstaat* (Estado de soldados), insistindo na primazia dos soldados sobre os políticos. Tinha em suas mãos mais de três milhões de homens, um número muito superior ao do exército e das SS juntos. Com o apoio das SS, Hitler planejou o massacre de Röhm e das principais lideranças das SA, executando-o durante a noite de 30 de junho de 1934, que ficou conhecida como a Noite dos Punhais [...]

Hitler aproveitou a oportunidade para ampliar o banho de sangue e destruir diversos inimigos. Primeiramente, espalhou-se, como de costume, o boato de que as SA e aliados preparavam um golpe de Estado. A seguir, veio o massacre. Gregor Strasser, remanescente da ala esquerdista do partido, foi também eliminado. Com Von Schleicher, que ainda tinha influência sobre o exército, aconteceu o mesmo. Von Bose e Jung, secretários de Von Papen, e Klausener, chefe da Ação Católica, são outras vítimas entre as centenas de pessoas eliminadas (LENHARO, 1995, p. 30)

Em meados de agosto de 1934 soubera da notícia da morte de Hindenburg⁴⁴. Logo após, o governo do Reich determina a lei que unificava os cargos de presidente e chanceler a Hitler. No dia 19 de agosto, mediante um “plebiscito” Hitler foi confirmado presidente da Alemanha. Mesmo com a participação reduzida de votantes, diziam que Hitler foi eleito com noventa por cento dos votos (KLEMPERER, 1999, p. 84-85)

Com a morte de Hindenburg, Hitler assume a presidência. Já sob um regime de violência totalitária, deu-se ao luxo de expor-se a um plebiscito, que viria referendar, ou não, sua política de Estado. Diante dos 100% de votos positivos que um governo totalitário sempre espera, Hitler foi obrigado a amargar o resultado imprevisto de 30% de *não*, dados pelos eleitores das principais cidades alemãs (LENHARO, 1995, pp.31)

Os acontecimentos seguidos da morte de Hindenburg evidenciavam um golpe de Estado, porém, o povo mal percebia tal fato. O Exército prestaria juramento a Hitler sem que fosse feito eleições. Indignava-se com o fato das Forças Armadas, primeiro, prestarem juramento para depois realizarem uma possível “eleição” (KLEMPERER, 1999, p. 86)

As corporações estudantis foram diminuídas de doze mil para quatro mil, motivo de orgulho de muitos, dizia-se que esta medida era uma tentativa de evitar um “proletariado acadêmico” e que deveriam, portanto, formar uma equipe uniforme, morar em casa de camaradagem e vestir trajas uniformizados.

⁴⁴ Após vários problemas de saúde Hindenburg faleceu em 2 de agosto de 1934, dando lugar de fato a Adolf Hitler.

Boatos circulavam de que o secretário de Estado do ministério da educação do Reich disse que os professores primários não deveriam se preocupar em serem acadêmicos e que apenas precisavam ensinar a ler e a escrever.

O ministro da propaganda, Goebbels, intitulava-se “doutor”. Ironiza: Doutor Goebbels, muito sábio e estudioso. Os boatos acerca de uma possível deflagração de guerra aumentavam a cada dia.

A 9 de novembro de 1934, se fazia luto pelos mortos do NSDAP. As bandeiras do partido e dos prédios públicos estavam a meio pau. A população também deveria fazer o mesmo. Na vizinhança dos Klemperer mais da metade das casas estava sem bandeiras e ele faz o mesmo.

Nas fábricas em Döhlen trabalhava-se em três turnos, produzindo artefatos de guerra, fato que sustentava os boatos e indícios de uma próxima deflagração de guerra (KLEMPERER, 1999, p. 101-102) Boatos circulavam sobre quem assumiria o poder caso Hitler fosse assassinado, ninguém mais conseguia imaginar que se governasse sem ditadura, imaginavam como seria um “Quarto Reich”.

Ao findar o ano de 1934, suas memórias voltavam-se para algumas mudanças naquele ano: conseguira comprar sua casa em Dölzchen, seus estudos e escritos avançavam, a repugnância pelo partido nazista aumentava, porém, a sensação de envelhecer rápido demais e angústia dos novos tempos o acompanhavam.

No início do ano de 1935, teve notícias diversas vindas da Suíça, de jornais ingleses e também das rádios estrangeiras que informavam que gente da SS fora fuzilada na cidade de Magdeburg, na Saxônia. Boatos circulavam sobre a situação da Alemanha na guerra, especificamente na região do Saar, o que algumas pessoas acreditavam ser o fim do governo de Hitler.

Em 9 de fevereiro de 1935 Göring⁴⁵ visitou Dresden. Uma determinação oficial exigiu que todos os prédios públicos fossem embandeirados por três dias. Observou atentamente muitas bandeiras pelas ruas, porém em sua rua havia pouquíssimas,

⁴⁵ Hermann Wilhelm Göring (1893-1946) foi um líder nazista na Alemanha de Hitler. Fundou a Gestapo, polícia secreta do Estado, em 1933 e tornou-se comandante-chefe da Luftwaffe, força aérea alemã, em 1935, posição que ocupou até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

caso o restante das casas correspondesse à ordem, ele também teria de fazer o mesmo. Nas ruas, muita aglomeração, congestionamento, ruas bloqueadas porque Göring iria passar (KLEMPERER, 1999, p. 113)

O ministro da Educação Hartnacke fora demitido, o considerava mais de direita do que propriamente nazista. Voltava a se preocupar sobre a durabilidade de seu cargo na Universidade.

Em meados de abril do mesmo ano, soube que durante o congresso de psiquiatria⁴⁶ fez-se alusão que somente naquele momento a criança nórdica adquiriria o seu direito, pois antes era prejudicada pela criança judia, que se desenvolvia intelectualmente mais depressa (KLEMPERER, 1999, p. 119) Era possível observar nas esquinas mais diversas, o jornal *Der Stürmer*⁴⁷ exposto em quadros especiais com o título: “Os judeus são nossa desgraça”, ou ainda: “Quem conhece o judeu, conhece o demônio”. Para os nazistas, o judeu era o inverso do ariano: “os antissemitas repetem-no há longo tempo, para que ninguém duvide. Quanto mais o judeu é humilhado, tanto mais o ariano se sente exaltado.” (SORLIN, 1974, p. 89)

Por todos os cantos a incitação contra o judeu e a atmosfera de *pogrom* crescia a cada dia. O antissemitismo estava simplesmente em tudo, até nos detalhes outrora despercebidos. Os atos violentos do partido estavam em Berlim, Breslau e na Prager Strasse. Crescia concomitantemente, os ataques contra católicos, julgados como “inimigos do Estado”, de tendência reacionária e comunista.

Nos bondes da Prager Strasse, cartazes escritos: “Quem compra do judeu é um traidor do povo”, nas vitrinas das pequenas lojas do subúrbio de Plauen, sentenças e versos de todas as épocas, autorias de todos os contextos, cheios de insultos, como: “Em Plauen, nossa bela localidade/não há lugar para judeus de qualquer idade”. No *Der Stürmer*, as mais pavorosas histórias de profanadores da raça, os violentos discursos de Goebbels, novamente a incitação contra católicos,

⁴⁶ O autor menciona o congresso, porém, não especifica onde e quando ocorreu. As anotações deste dia são frutos da conversa que ele teve com Bollert, diretor da biblioteca regional, um dos convidados do casal Kühn presente em sua casa no dia 12 de abril de 1935.

⁴⁷ O *Der Stürmer* foi um semanário nazista publicado por Julius Streicher de 1923 até 1945. Fazia parte da propaganda nazista e antissemita da Alemanha e tornou-se conhecido pelas várias caricaturas “monstruosas” que faziam dos judeus.

contra o catolicismo “político”, que se associava à “comuna”, que maculava as igrejas.

Em uma caminhada pela Prager Strasse, notara o trânsito congestionado, grupos de pessoas e muitos automóveis, avistou um homem pálido, com uma aparência enlouquecida, gritando a outro rapaz: “Quem compra do judeu é um traidor do povo!” e repetia insistentemente a mesma frase. As pessoas ao redor aparentavam certo desconforto, ficaram embaraçadas, mas ninguém se intervia e o homem continuou gritando.

Em 15 de setembro o Parlamento alemão, denominado Reichstag, havia aceitado em Nuremberg, as leis relativas ao sangue e à honra alemã, que impedia o casamento misto – entre judeus e arianos. A lei não permitia qualquer contato entre arianos e judeus, favorecendo assim a segregação e os classificando como cidadãos de segunda classe (KLEMPERER, 1999, p. 131) De acordo com Nazário (1996) o casamento ou o simples contato sexual entre membros de grupos diversos constituiria a “contaminação” do sangue, a eternidade seria transmitida pela reprodução, e somente aconteceria entre indivíduos do mesmo grupo, neste caso, a raça ariana.

Figuras 18 e 19— Leis de Nuremberg. Lei sobre proteção e honra alemãs. Página 1 e 2.

Figura 20 – Esquema explicativo sobre as Leis de Nuremberg - As "Leis de Nuremberg" estabeleceu uma base pseudo-científica para a identificação racial. Somente pessoas com quatro avós alemães (quatro círculos brancos em linha superior esquerdo) foram de "sangue alemão". Um judeu é alguém que descende de três ou quatro avós judeus (círculos pretos na linha superior direita). No meio estavam pessoas de "sangue misto" do "primeiro ou segundo grau." Um avô judeu foi definido como uma pessoa que é ou foi membro de uma comunidade religiosa judaica. Também inclui uma lista de casamentos autorizados ("Ehe gestattet") e os casamentos proibidos ("Ehe verboten"). Coleção do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos da América

Em 1935, após a conferência médica entre o doutor Wagner, oficial-em-chefe médico do partido, o doutor Brome, secretário da Associação Médica alemã e o doutor Gross, chefe do escritório sobre raças, foi determinado que $\frac{1}{4}$ dos judeus eram alemães, porém meios-judeus eram considerados judeus. (JOHNSON, 1989)

As leis também contemplavam a proibição de manter empregadas "alemãs" com menos de quarenta e cinco anos em lares judeus, assim como a cassação do direito dos judeus à cidadania (KLEMPERER, 1999, p. 133) Segundo Fontette "As penas infligidas aos infratores eram os trabalhos forçados ou a prisão; essas penas serão depois agravadas e o *Rassenschande* (crime contra a raça) punido de morte." (FONTETTE, 1989, p. 90) Neste momento, salienta Klemperer, também eram julgadas por um tribunal especial as "Testemunhas de Jeová", principalmente

peessoas simples e mulheres idosas que seguiam o Velho Testamento e eram pacifistas (KLEMPERER, 1999, p. 138) Há de se ressaltar a perseguição latente contra outros grupos, como o citado por Klemperer, além de comunistas, ciganos, homossexuais, negros, entre outros.

O ânimo dos judeus berlinenses era desolador e o povo estava afeiçoado a Hitler com muito entusiasmo. Comentava-se que nos próximos dias haveria guerra e que as fronteiras seriam fechadas. Mas, guerra contra quem? Ironizava ao ouvir um discurso de Hitler pelo rádio, achava que ele deveria estar com câncer de garganta, pois murmurava em voz baixa e somente o amplificador resolvia tal problema, fazendo provocar um trovão em sua voz.

A médica e amiga da família Annemarie⁴⁸ lhe contara sobre mais um caso de fanatismo religioso que achavam até ser um caso de hospício. Ela contou que uma mulher fora trazida a Heidenau⁴⁹ e estava com olhos extasiados, repetindo com paixão: ‘sei a quem pertenço; pertenço a Adolf Hitler’.

O ano de 1936 iniciara e pouca coisa mudara até então. Em 30 de janeiro completava-se três anos de Hitler no poder, Klemperer não via solução para tal mal, considerava o seu futuro como algo totalmente incerto, temia que os três anos do governo pudessem se transformar em cem (KLEMPERER, 1999, p. 150-151)

Soubera de um caso de um estudante judeu que teria matado a tiros um agente do partido nazista. Neste período, entretanto, se realizavam os jogos olímpicos e tudo fora abafado. Um caso de busca domiciliar de um marceneiro, conhecido seu, por conta de uma denúncia acerca de um livro científico que o judeu foragido Blumenfeld lhe deixara.

Ouvira um discurso de Hitler quando passava pela rua Bismarckplatz e soube que o Reichstag estava funcionando no prédio da Krolloper⁵⁰, o teatro-ópera Kroll em Berlim (KLEMPERER, 1999, p. 153) Hitler discursava com uma voz mais

⁴⁸ Annemarie Köhler era médica cirurgiã no hospital da ordem dos joanitas em Heidenau, a partir de 1937 em Pirna; amiga dos Klemperer desde os tempos de Leipzig e responsável por manter seguro seus diários até o fim da guerra. Morreu em 17 de setembro de 1948.

⁴⁹ Município da Baixa Saxônia.

⁵⁰ Depois do incêndio do Reichstag, o parlamento funcionava no prédio da Krolloper, o teatro-ópera Kroll em Berlim.

saudável, diferente de alguns dias atrás, presumiu então que deveria estar lendo algo escrito, não se comportava de forma patética, o que era muito comum.

O Reichstag havia sido dissolvido e ninguém mais conhecia quem o compunha. Houve novas eleições em 20 de março e o plebiscito aprovava em 99 por cento sobre a questão de remilitarização da Renânia (KLEMPERER, 1999, p. 153)

Um novo decreto instituído pelo governo nazista proibia funcionários públicos de terem contato com judeus, tampouco com os assim chamados “judeus decentes e com elementos de má fé”. O isolamento aumentava cada vez mais, não recebera notícias de sua amiga Annemaire e não conseguia imaginar o que lhe poderia ter acontecido.

Klemperer considerava o Fascismo italiano tão desprezível quanto o Nacional-Socialismo, mas o Fascismo ainda conseguia ser menos asqueroso, pois não questionava o sangue e nem perseguiram os judeus (pelo menos naquele momento).

No ano de 1936 a Alemanha sediara as Olimpíadas, considerava o evento uma louca supervalorização do esporte porque neste caso a honra de um país dependia de quantos centímetros a mais um sujeito conseguiria pular em relação ao outro e sobre isso, recordara-se do caso de um negro dos Estados Unidos que conseguira pular mais alto e também da judia Helene Mayer que ganhou a medalha de prata na esgrima pela Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 172)

Designava as olimpíadas na Alemanha como algo odioso por seu caráter esportivo e político. Hitler tentara promover o “Renascimento alemão”, estava relacionado a isso, portanto, o fator de desenvolvimento e do florescimento alemão, o surgimento de um novo espírito, a união, a firmeza e o esplendor. Os nazistas achavam que o prestígio internacional do regime seria engrandecido por essas cerimônias, que desde 1933 alguns americanos pretendiam boicotar (FONTETTE, 1989). Para não ganhar atenção da mídia internacional, durante as Olimpíadas foi dada a ordem que todos os cartazes antisemitas deveriam ser retirados das ruas e do comércio a fim de desmentir a já disseminada propaganda antisemita no exterior.

A tensão crescia a cada dia. Há alguns dias havia sido anunciado o serviço militar obrigatório de dois anos.

Soube que as associações judaicas declaravam não terem nada a ver com as notícias difamatórias estrangeiras a respeito da situação dos judeus alemães, algo que o irritava profundamente e completou suas anotações ironizando sobre estas e dizendo que era capaz destas darem um atestado ao *Stürmer* de que ele só publicava a verdade de um modo mais gentil (KLEMPERER, 1999, p. 177-178)

Em um discurso do porta-voz do Reich, mencionou-se uma estatística que reduziram os jornais alemães de cerca de três mil e quinhentos para cerca de dois mil e quinhentos depois da padronização, da desliberalização e do afastamento de todos os judeus.

O acesso aos espaços públicos tornava-se cada vez mais limitado e durante uma tentativa de visita à biblioteca, Klemperer foi informado que não poderia mais utilizar a sala de leitura, mas que poderia disponibilizar o material que ele desejasse e enviá-lo para sua casa. Em relação a isto e tantos outros fatos, ele se questionava sobre as chances de permanecer na Alemanha, decidira ficar até o “último momento” mesmo que este fosse “tarde demais”. A visita à biblioteca é relatada a 9 de outubro, data de seu aniversário que, para ele, foi o pior dia de sua vida.

O ano de 1936 que estava findando trouxera o aumento de sua pobreza somada às dificuldades financeiras, à solidão, à desesperança quanto a possibilidade de conseguir um cargo no exterior ou em relação ao fim do Terceiro Reich que o deixava cada vez mais triste e deprimido.

Acreditou por alguns dias que poderia ter irrompido uma guerra por conta do Marrocos espanhol, porém, dias depois, houve negociações entre Hitler e a França.

A nova lei do funcionalismo público do Terceiro Reich determinava que os funcionários públicos deveriam prestar fidelidade ao Führer, no “sentido puramente alemão de fidelidade pessoal e da obediência” (KLEMPERER, 1999, p. 198)

Hitler ordenara a construção de mais escolas, eram as “Escolas de Adolf Hitler” no mais puro sentido nazista. Ao analisar o currículo escolar, percebera que este aniquilava totalmente a cultura e que a “reforma” do Terceiro Reich era para ser

introduzida imediatamente. Os ginásios perderiam seu quinto ano e as aulas de francês seriam ministradas apenas em algumas escolas e somente para meninas (KLEMPERER, 1999, p. 200)

No dia 20 de abril do mesmo ano, no jornal *Dresdener NN* havia um artigo escrito sobre “o aniversário do Führer” e nele o uso abusivo da palavra “vivenciar”, neste momento fazia-se referência aos discursos de qualquer líder da SS ou qualquer chefe de distrito de que estes não seriam mais ouvidos, mas sim “vivenciados”.

Em meados de junho, soubera do confronto entre a Igreja Católica e os nazistas – que ocupava cada vez mais espaço. A Igreja Católica oferecia resistência contra a política religiosa do regime nazista, que atingira seu clímax com a encíclica do Papa Pio XI. Vários religiosos foram presos e houve a expropriação de editoras e tipografias da Igreja (KLEMPERER, 1999, p. 207)

Uma campanha contra os conventos iniciou-se e estava em vigor desde maio de 1936 (KLEMPERER, 1999, p. 206-207) Havia processos contra duzentos e setenta e seis membros de ordens religiosas que foram abertos, acusando-os de homossexualidade. Tal fato serviria de base para um teatro de um futuro escritor satírico, pois considerava deveras engraçado padres e nazistas se acusarem mutuamente de homossexualidade e luxúria.

Notava que o povo mostrava indiferença em relação às mortes e isso incomodava demais a Eva. Acreditavam que ninguém temia uma guerra, que não sentia-se compaixão relativa às vítimas, não se percebia nenhum envolvimento de forma natural. Viam que as pessoas se tornaram apáticas, sem reação alguma a qualquer ato violento, caminhava-se para a barbárie e ninguém notava.

No jornal, a inauguração da auto-estrada Dresden-Meerane e um trecho do discurso feito por Hitler que berrava com uma voz forçada ao máximo, que mais se parecia a um “operário bêbado e paranoico”. No discurso, percebia-se uma mistura de indignidade, megalomania e medo impotente que para ele era terrível, e não entendia como a Alemanha se deixava governar por isso.

Essa estagnação na política alemã levava Klemperer a acreditar que o Terceiro Reich ainda pudesse demorar décadas e que isso correspondia à vontade e

ao caráter do povo alemão. Ele não esconde sua insatisfação, pelo contrário, se sentia a cada dia mais desanimado e que todos esses fatos lhe consumiam sua coragem.

As proibições aos judeus prosperavam e podia-se ler algumas delas no jornal *Stürmer*. Em uma foto havia duas moças vestindo maiô na piscina e acima da foto, encontrava-se escrito: “Proibido a judeus”, logo abaixo: “Bom que agora podemos ficar só entre nós!”, em outro cartaz estava escrito: “Judeus indesejados!”. Ouvia-se coisas do tipo: “os judeus assassinam a Espanha” ou “os judeus são um povo de criminosos” ou ainda: “todos os crimes são culpa do judeu” (KLEMPERER, 1999, p. 212) Havia um misto de crença no Nacional-Socialismo hitlerista mesclada com apatia e indiferença em relação aos destinos da Alemanha e dos judeus.

Figura 21 – O cartaz do *Der Stürmer* mencionado por Klemperer. O cartaz diz: Entrada proibida a judeus. Mais abaixo: É realmente maravilhoso que hoje na Alemanha as pessoas possam estar entre os seus novamente. Agosto de 1937.

No discurso de Nuremberg, Hitler falou sobre a inferioridade moral e espiritual da raça judia, somado ao conceito de que o bolchevismo era algo subumano, não era uma raça como as outras, mas sim uma antirraça (KLEMPERER, 1999, p. 214) Em Bauman (1998):

O isolamento dos judeus só podia ser um paliativo, um estágio no caminho para a meta final. A questão possivelmente não seria resolvida com a simples extirpação

dos judeus da Alemanha. Mesmo vivendo bem longe das fronteiras alemãs, os judeus continuariam a produzir erosão e desintegração da lógica natural do universo. Ao ordenar a suas tropas que lutassem pela supremacia da raça alemã, Hitler acreditava que a guerra que ele desencadeava tratava-se em nome de todas as raças, era em suma um serviço que prestava à humanidade racialmente organizada (BAUMAN, 1998, p. 90-91)

A visita oficial de Mussolini ao Führer e o Dia do Partido em Nuremberg estavam presentes na maioria dos jornais, Klemperer comentou o discurso de Mussolini:

Muitos divertidas a mímica e gesticulação de Mussolini e também seu alemão ruim e pouco compreensível. Incrível a encenação grandiosa, mas, afinal de contas, trata-se sempre exatamente da mesma encenação: massa militarizada e passos de desfile e jogos de guerra para enfatizar a paz e a deposição de coroas de flores. Com o passar do tempo, isso vai nos deixando apáticos – caso não dê nos nervos. (KLEMPERER, 1999, P. 216)

No discurso de Goebbels o tom era: “eliminamos os judeus e nossos jornais aparecem com uma apresentação melhor que antes!” (KLEMPERER, 1999, p 217)

Ao término do ano de 1937, debruçava-se sobre suas tristezas, a solidão o afligia e tornava-se a cada dia mais pesada. Trabalhar para si mesmo era muito deprimente, a estagnação do tempo se fazia presente e ele “vegetava sem esperanças” (KLEMPERER, 1999, p. 218-219)

No início de janeiro de 1938, a incitação contra os judeus havia aumentado significativamente naquelas semanas, segundo ele, devido ao fascismo na Romênia⁵¹ (KLEMPERER, 1999, p. 218-219). A notícia de que médicos não-judeus estavam sendo demitidos das clínicas e convênios o levava a desacreditar de qualquer possibilidade de mudança.

O antissemitismo estava cada vez mais forte, principalmente nesses primeiros dias do ano. Ora o alvo era os católicos, ora protestantes, ora os principais: judeus. Um caso que lhe fora relatado, dizia que em uma escola, havia se perguntado sobre o que viria após o Terceiro Reich e a resposta deveria ser: “Nada, a Alemanha eterna”, porém ocorrera o inverso e disseram que após o Terceiro Reich viria o Quarto Reich, fato que levou a reprova dos alunos.

⁵¹ Klemperer pressentia os primeiros sinais de tal evolução na Romênia, cujo resultado foi uma ditadura pró-fascista do Rei Carol II, que estabeleceu estreitas relações com a Alemanha.

O Reichstag estava ainda funcionando no teatro de ópera Kroll em Berlim e todos ansiavam pelo discurso do Führer que provavelmente falaria sobre o posto de ministro da Guerra que ocupava desde 4 de fevereiro, após demissão de Blomberg e Fritsch e o fato de que a Áustria alemã estaria praticamente anexada. Na inauguração do Salão do Automóvel em Berlim, Hitler discursou a respeito do crescimento econômico da Alemanha e das falhas e crimes do governo anterior. Entendia o princípio básico de toda a linguagem do Terceiro Reich, que era: defender-se, vangloriar-se e acusar. Para ele, esse era o momento de um discurso verdadeiro.

Hitler discursou no Reichstag como uma ameaça de guerra, porém na Áustria o nacional-socialismo reinava, tudo parecia absolutamente calmo e sob controle. Chamberlain⁵² anunciou negociações com a Alemanha, em uma política de *appeasement* em relação à Alemanha e à Itália que depois se transformou em resistência contra Hitler devido às negociações secretas, que envolviam garantias à Polônia e posteriormente a declaração de guerra à Alemanha.

Na terça-feira de carnaval, dia 1º de março de 1938, em comemoração ao Carnaval em Berlim, Hitler outorgou numa grandiosa solenidade o título de marechal ao general de campo Göring.

Considerava a anexação da Áustria⁵³ como um ato de violência, um possível estremecimento de medo da Inglaterra e da França. Havia três dias que as bandeiras tremulavam e por outro lado, fazia um dia que colaram em cada ripa de madeira da cerca de sua casa, uma tira larga de papel amarelo, com a estrela de Davi escrita “Judeu”.

Ouvia-se muita coisa, talvez apenas fosse boato, mas soube de um caso que ouvira de um conhecido de que em Berlim um homem levava sua mulher para dar à luz em uma maternidade. Sobre a cama havia uma figura de Cristo, o homem diria à enfermeira que o quadro precisaria ser retirado dali porque ele não queria que o filho

⁵² Arthur Neville Chamberlain (1869-1940) foi primeiro-ministro do Reino Unido entre os anos de 1937 a 1940. Mesmo após um ano da assinatura do Acordo de Munique, a Wehrmacht invadiu a Polônia em 1 de setembro de 1939, o que levou o Reino Unido a declarar guerra contra a Alemanha.

⁵³ Depois de um ultimato de Hitler, Seiss-Inquart tornou-se chanceler austríaco a partir de 1º de março de 1938, possibilitou a invasão alemã e a anexação da Áustria ao Reich alemão, foi nomeado interventor do Reich na Áustria.

tivesse ‘o menino judeu’ como primeira imagem ao nascer. A enfermeira, no entanto, nada poderia fazer a não ser levar o caso para um superior. O homem foi embora e à noite o médico lhe enviou um telegrama no qual dizia que ele era pai de um menino e que o quadro não precisaria ser retirado porque o menino nascera cego (KLEMPERER, 1999, p. 228)

Ao passar por uma loja, observou de longe o novo mapa da “Grande Alemanha” na vitrine, logo após oito dias da anexação da Áustria. Hitler havia marcado um plebiscito para o dia 10 de abril para discutir a anexação da Áustria, que já estava anexada de fato, e conseguiu a aprovação de uma maioria significativa.

Hitler já ordenara a invasão da Áustria, iniciada no início da manhã de 12 de março de 1938, obtendo uma vitória barata e incruenta. Ao voltar a Viena, dirigiu a palavra a uma multidão que o adulava na Heldenplatz. No plebiscito que se seguiu, 99% dos votantes manifestaram-se favoráveis à redução da Áustria à condição de mera província alemã, sob o nome nada atraente de “Ostmark” (KITCHEN, 1993, p. 14)

Havia uma relação permanente que ligava Hitler a Deus e Klemperer percebia isso presente nos jornais. O caráter do Führer de ter sido enviado pela Providência Divina estava nos discursos e na imprensa, ele era o ungido do Senhor à maneira cristã. Na LTI, ele menciona:

Mesmo que essa aut divinização direta e essa identificação estilística com o Cristo do Novo Testamento tenham sido exceção e ocorrido uma vez só, resta o fato de o Führer ter reiterado o seu relacionamento estreito com a divindade, sua condição especial de eleito e filho de Deus, sua missão religiosa (...) Durante anos, quase em cada discurso, quase em cada invocação aparece “o escolhido pela Providência Divina”. (KLEMPERER, 2009, p. 188)

Alguns boatos diziam que o resultado das eleições que havia ocorrido nos dias anteriores tinha sido forjado. Comentava-se que Hitler não conseguira nem 50 por cento dos votos e que em um caso específico na província de Brandenburgo foi contado 83 votos “sim” num total de 583 eleitores. Indignava-se com o fato, por conta que a maioria assinalou “sim” e isso seria um desrespeito ao voto.

Em maio Hitler viajara para a Itália acompanhado por um grande séquito. Na imprensa, notava-se: “O Sacro Império Romano-Germânico” era nesse contexto algo

grotesco, pois não possuía nada de santo. D'outro lado grande aparato da recepção italiana, era um encontro dos dois homens “que criaram a nova Europa”.

Cada vez mais parecia certo que a Alemanha invadiria a Tchecoslováquia e que teria o mesmo sucesso já obtido com a anexação da Áustria. Hitler queria fazer com que a Tchecoslováquia desaparecesse do mapa e o conflito na região continuava.

A anexação da Áustria debilitou ainda mais a Tchecoslováquia, expondo seu flanco sul a um ataque alemão. Os sudetos alemães nazistas, açulados por seu líder extremista, Konrad Henlein, exigiram em altos brados a volta de sua terra nativa ao Reich alemão. Os tchecos resolveram iniciar conversações, mas trabalhavam sob duas ilusões muito sérias: a primeira, que os alemães queriam resolver sinceramente o problema e, a segunda, que britânicos e franceses os ajudariam se a situação se deteriorasse gravemente (KITCHEN, 1993, p. 14-15)

Dentre as normas e exigências estabelecidas aos judeus, surgira então um decreto referente à declaração dos bens dos judeus que dizia que todo judeu deveria declarar seus bens tanto no exterior quanto no interior, ou seja, no próprio país, com base em algumas determinações e quanto ao judeu estrangeiro, este deveria somente declarar seus bens no exterior. O dever de declarar os bens também cabia ao cônjuge não-judeu de um judeu. Sendo assim, os Klemperer passaram a manhã do dia 29 de junho preenchendo formulários desta declaração (KLEMPERER, 1999, p. 235) Não havia muito a declarar, a casa estava avaliada em vinte e dois mil marcos, dos quais doze mil estavam hipotecados. Não sabia ao certo o que pretendiam com esta declaração.

A favor dos alemães sudetos, a Inglaterra intervira na Tchecoslováquia, no *Stürmer*, a manchete: “Sinagogas são antros de marginais” e logo abaixo: “A vergonha de Nuremberg” acrescida de uma foto da sinagoga local. Na Itália, havia uns dias que se adotara a teoria racial e o antissemitismo alemão.

A partir de 1º de outubro os médicos judeus estariam afastados de seu cargo segundo o quarto decreto referente à lei relativa aos cidadãos do Reich. Suas licenças e registros ficariam suspensos, proibindo-os de exercer a medicina e àquele que fora concedida a autorização, só lhe seria permitido tratar de pacientes judeus.

A nova lei de adoção de prenomes judeus estava em vigor e por determinação desta, teria de comunicar ao cartório de Landsberg e Berlim que

A contradição dos fatos notificados nos jornais com a realidade vivida pelos alemães o deixava indignado. Perante os jornais, a Alemanha estava bem, o amor ao Führer era unânime, mas ninguém sabia o que acontecia na verdade. Era um momento de dúvidas e incertezas.

A Tchecoslováquia permanecia intocada, a Alemanha recebeu mais uma região dos sudetos e mais uma colônia, além disso. Hitler, Mussolini, Chamberlain e Daladier⁵⁴ encontraram-se em Munique no dia 26 de setembro de 1938, sem qualquer representante da Tchecoslováquia. Decidiu-se, portanto, que a Tchecoslováquia deveria entregar à Alemanha não só a região dos sudetos, mas também a região fronteiriça que antes pertencia à Áustria. A Tchecoslováquia deveria entregar suas instalações militares intactas à Alemanha. Uma grande encenação da imprensa alemã que tratava Hitler como príncipe da paz e diplomata genial.

Em 1º de outubro a Wehrmacht⁵⁵ invadiu a fronteira tcheca e Hitler estava cada vez mais sendo aplaudido.

O acordo de Munique deu a Hitler praticamente tudo o que ele queria. Teria permissão para ocupar os Sudetos, e as reivindicações polonesa e húngara contra a Tchecoslováquia seriam respeitadas. A Grã-Bretanha e a França deram uma garantia insuficiente ao que sobraria da Tchecoslováquia. Chamberlain, mais uma vez sem consultar os franceses, assinou um acordo com Hitler, dispondo que os dois países jamais iriam novamente à guerra um contra o outro, dessa maneira tornando a garantia praticamente inútil. Benes, que em nenhum momento fora consultado por seus supostos aliados, não contava nesse momento com qualquer ajuda externa e temia guerra civil no país. Em vista disso, não teve alternativa senão aceitar o ultimato de Munique e exonerar-se do cargo, no dia 4 de outubro de 1938. (KITCHEN, 1993, p. 16)

Recordara com pesar sobre o ocorrido no dia 7 de janeiro quando um jovem polonês, Herchel Grynszpan, matou a tiros o conselheiro da embaixada alemã von Rath em Paris, para chamar a atenção à situação dos judeus na Alemanha. Em 27 de outubro, em uma ação realizada pelo governo nazista, dezoito mil judeus poloneses, entre estes os parentes de Grynszpan, foram levados à fronteira da Polônia e lá depositados (KLEMPERER, 1999, p. 247) Tal episódio foi o pretexto

⁵⁴ Édouard Daladier (1884-1970) foi primeiro ministro da França e participou do Acordo de Munique em setembro de 1938.

⁵⁵ Wehrmacht é o conjunto das forças armadas da Alemanha durante o nazismo que corresponde ao exército, à marinha de guerra e à força aérea.

para os *pogroms* do dia 9 de novembro, a assim chamada “Noite dos Cristais”. De acordo com Nazário (1996):

Na operação desencadeada a 9 de novembro de 1938, posteriormente chamada de Reichskristalnacht (“Noite de Cristal do Reich”), como alegada represália ao bem sucedido atentado do jovem judeu Hershl Grynspan (ou Herschek Gröspan), contra a vida do Secretário da Embaixada Alemã em Paris, Ernst Vom Raht, cerca de 80 judeus foram mortos ou gravemente feridos pelas SA, que desempenharam, aí, “seu último ato de heroísmo”. Os SA jogavam judeus contra trens e ônibus em movimento, afogavam outros e abatiam a tiros aqueles que tentavam fugir. Entre 30 e 40 mil judeus foram levados a campos de concentração. Mais de 7 mil lojas judaicas foram saqueadas; 191 sinagogas foram incendiadas e 76 completamente demolidas. (NAZÁRIO, 1996, p. 46)

Já fazia um tempo que não se sentia bem de saúde e então resolveu viajar com Eva até Berlim a fim de se tratar. No regresso a Dresden ocorreu um acidente de carro com o casal, mas felizmente nada de grave aconteceu a eles (KLEMPERER, 1999, p. 247-248)

Na manhã de 11 de novembro de 1938, o casal sofre a primeira busca domiciliar, que seria seguida por várias outras. Tudo foi revirado, tirado do lugar. Uma revista foi apreendida, mas a baioneta não. O civil disse a ele que deveria o acompanhar até o tribunal na Rua Münchner Platz, afirmou que não seria nada de grave e que provavelmente à noite já estariam em casa. Após uma longa espera no tribunal e depois de várias perguntas e ligações, ele foi liberado (KLEMPERER, 1999, p. 250) Sentia-se livre, mas se perguntava até quando isso duraria.

O dia 3 de dezembro era o “Dia da Solidariedade Alemã”, estava proibido aos judeus circularem na rua do meio-dia às oito da noite. No dia anterior, o ministro do Interior ordenara que as autoridades locais pudessem por iniciativa própria impor limitações temporais e locais aos judeus em relação à circulação nas ruas. Antes, o uso da biblioteca estava restrito apenas à sala de leitura, um comunicado ditava uma nova ordem: a proibição para toda a biblioteca. A cada dia o estreitamento aumentava, no jornal, um artigo sobre a guetização e a “proscrição dos judeus” em Berlim. Os judeus estavam também proibidos de dirigirem e por isso, tiveram suas carteiras de motorista confiscadas.

A possibilidade de sair do país surgiu após receberem uma carta de Georg que sugeriu que migrassem para os Estados Unidos ou Havana. Klemperer lhe havia enviado uma carta dias antes perguntando se este os ajudaria caso emigrassem da Alemanha. Sendo assim, ele deveria decidir até janeiro se iria ou

não deixar a Alemanha, pois os navios estavam lotados e conseguiriam dois lugares para junho.

Às vésperas do natal de 1938, as reportagens dos jornais apareciam totalmente descristianizadas. Era o “Natal da Grande Alemanha”, significava o renascimento da luz da alma alemã, a ascensão do Reich alemão. O judeu Jesus fora eliminado e junto com ele toda a religiosidade e todo o humanismo. Sem sombra de dúvidas, era uma ordem para todos os jornais seguirem.

Como resumo anual, recordara de suas viagens, enquanto ainda podia passear dirigindo seu carro, as idas ao cinema de tempos em tempos, o sair para “comer fora”, a liberdade para fazer compras, enfim, havia ainda no começo do ano um pouco de liberdade. Com o passar dos meses, tudo foi desmoronando e sua liberdade se esvaindo.

4 “QUERO DAR TESTEMUNHO ATÉ O FINAL.”

*“Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
 Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites,
 Relembro, velando em modorra incômoda,
 Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
 Relembro, e uma angústia
 Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.
 O irreparável do meu passado — esse é que é o cadáver!
 Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.
 Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.
 Todos os meus próprios momentos passados pode ser que existam algures,
 Na ilusão do espaço e do tempo,
 Na falsidade do decorrer (...)*

*Se em certo momento
 Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;
 Se em certa conversa
 Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro —
 Se tudo isso tivesse sido assim,
 Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro
 Seria insensivelmente levado a ser outro também (...)*

*Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei,
 Mas poderei eu levar para outro mundo o que me esqueci de sonhar?
 Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.
 Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo, para todos os universos,*

*Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca
 Como uma verdade de que não partilho,
 E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é invisível pra mim.”*

(Álvaro de Campos in ‘Poemas’)

Neste capítulo aborda-se o período da Segunda Guerra Mundial presente nos diários de Klemperer. Na análise de seus escritos percebe-se o quanto a perseguição e a discriminação dos judeus na Alemanha aumentaram.

Somado a isso, é notável também a fragilidade da saúde do autor e também o constante pensamento de morte que o rondava – fruto do desespero de uma sociedade em crise. A medida que a guerra se inicia, o pessimismo e a incerteza em relação ao futuro alternam-se com a esperança de dias melhores após o término da guerra.

4.1 - O colapso da guerra (1939-1945).

No início de 1939 recebera a notícia de que professores do ginásio filantrópico estavam sendo enviados para Buchenwald (KLEMPERER, 1999, p. 265).

As professoras foram coagidas a tocar a escola sozinhas, uma delas fora empurrada e molestada pelo populacho e a polícia apenas observava sem fazer nada. Tudo na escola foi saqueado e destruído e ninguém interferiu. Outro caso desta vez em Ulm, um rabino fora perseguido pelo povo enquanto corria pela praça com a barba em chamas, batiam-lhe nas mãos quando este tentava apagar o fogo e salvar sua barba, acabou no hospital com queimaduras.

Relembra que há cinco anos, em 1933, os judeus alemães sempre se sentiram alemães. A estranheza e a desarmonia entre judeus e não-judeus, não correspondiam nem à metade existente entre católicos e protestantes ou entre patrões e empregados ou até mesmo entre prussianos orientais e os bávaros do sul, ou entre renanos e berlinenses. Os judeus foram e permaneceram sendo alemães, mesmo que estes não mais os aceitassem, eram pessoas em sua maioria, cultas e intelectuais alemães.

Havia lido um artigo em ocasião do aniversário de Himmler, que se referia às “ordens de sangue”, segundo o texto, a SS seria uma ordem de sangue nórdico, diferente das ordens cristãs, era uma “ordem contra o sangue”.

No discurso de 30 de janeiro de 1939, Hitler fez novamente incitações contra os judeus, transformou todos os inimigos em judeus e ameaçou aniquilá-los da Europa, caso forçassem a guerra contra a Alemanha. O caráter do discurso de Hitler pode ser analisado por Kershaw (1993):

Em seu discurso ao Reichstag em 30 de janeiro de 1939, entretanto, Hitler voltou à “Questão Judaica” com uma nova e assustadora ameaça na voz. Disse que seria profético: Se os financistas judeus internacionais, dentro e fora da Europa, conseguirem mais uma vez mergulhar as nações numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra, e portanto, a vitória do povo judeu, mas a aniquilação da raça judaica na Europa! [...]

As palavras, em parte, eram propaganda. Repetiram, numa linguagem mais aterradora, a ameaça, deixada implícita por Hitler em diversas outras ocasiões durante a década de 1930, de manter os judeus como “reféns”, na eventualidade de a Alemanha ser forçada a um confronto armado. (KERSHAW, 1993, p. 152)

Os casos em que sentia vergonha (alheia) e dele próprio aumentavam a cada novo decreto, uma mistura de frustração e vergonha quando teve que buscar seu cartão de identificação na administração municipal, o cartão tinha um grande “J” na frente, escrito: Victor Israel. Ao passar pelas ruas, de volta para casa, observava em todas as esquinas vitrines repletas do cartaz de propaganda da “exposição política

itinerante: o judeu errante”. No jornal, artigos convidando o povo para ver a exposição da “raça mais abominável, a mais abominável mistura bastarda”. Hitler considerava o judeu um parasita, um bicho, semelhante a um micróbio nocivo que se propaga cada vez mais, assim que encontra condições propícias.

Em um contraponto, as pessoas consideravam Hitler invencível, e era por isso que ele se tornava invencível. No dia 20 de abril de 1939, aniversário do grande Führer, muitas comemorações, dois dias de bandeiras, edições extras e festivas dos jornais, um endeusamento exagerado. Na revista *Berliner Illustrierten* uma foto de meia página das “mãos do Führer” e com o tema geral: “Celebramos a paz, ao nosso redor, o mundo está enfurecido”.

A questão polonesa⁵⁶ estava sendo decidida “pacificamente” a favor da Alemanha. A cada dia crescia a incitação contra a Inglaterra, maior ainda que contra a Polônia. Soube por boatos que Hitler invadiria a Polônia ainda em setembro daquele ano, o que deixava os judeus com medo de mais algum *pogrom* logo no primeiro dia de guerra e temiam pelo possível derramamento de sangue.

O pacto de não agressão com a Rússia havia sido acordado, acreditava que a catástrofe de uma guerra seria inevitável. A tensão era crescente, realizaram uma convocação em massa para o serviço militar durante a madrugada. Havia passado por uma estação de trem e viu um aglomerado de pessoas desiludidas com a diminuição do tráfego de trens. O correio também estava bloqueado.

No discurso de Hess não se falava mais em bolcheviques, e sim do povo russo, quem queria a guerra eram os “judeus e maçons”. As medidas tomadas na Alemanha, França e Inglaterra o levava a acreditar que a guerra estava próxima.

Soubera por outras pessoas que ouviram pelo rádio a notícia de que a Alemanha já ocupara Danzig desde o dia 1º de setembro e que a guerra contra a Polônia estaria em curso (KLEMPERER, 1999, p. 276) Começara a partir de então a escassez de alimentos que o irritara profundamente durante todos os anos da guerra. “Em fins de agosto de 1939, o governo instituiu o racionamento, prevendo

⁵⁶ A questão polonesa a que Klemperer se refere trata-se da iniciativa de invadir a Polônia, realizada em setembro de 1939, conforme mencionado no texto.

meio quilo de carne por pessoa por semana, 125 gramas de manteiga, 62,5 gramas de queijo e um ovo” (KITCHEN, 1993, p. 186).

A leitura de um discurso do Führer o levava a concluir o tom pessimista de Hitler. Tudo indicava que a ocupação de Danzig não ficaria isolada, pois nos jornais contavam com uma guerra geral. A Inglaterra seria a agressora, mas ainda não havia nenhuma declaração de guerra feita pela Inglaterra. Acreditava que esses primeiros dias de guerra eram dias inseguros, sem informação, desespero, parecia durar três anos e não três dias. Esperava ler nos jornais o que estaria acontecendo nesses dias, mas não se encontrava nada escrito.

O tom dos discursos de Hitler mudava de tempos e tempos e não se falava mais em bolchevismo judaico, mas sim em plutocracia judaica, talvez uma intenção de mudar o foco sob o inimigo, que sem sombra de dúvidas eram ameaçados de aniquilação. A amizade com a Rússia permanecera intacta, a Polônia havia sido “posta em xeque” e dentre alguns dias avançariam em direção ao oeste.

Apesar das várias tentativas de se manter informado, a imprensa permanecia obscura, tanto os jornais quanto o rádio emudeceram e as pessoas não sabiam o que realmente estava acontecendo. Não havia divulgação da lista de mortes, não hasteavam bandeira alguma, simplesmente se silenciavam a respeito da frente ocidental.

O racionamento de alimentos acontecia aos poucos, o imposto de renda aumentara em cinquenta por cento, o blecaute era permanente e o anúncio de penalidades para quem não obedecesse a ordem já havia sido exposto nas ruas. As universidades estavam fechadas, com exceção de Berlim, Viena, Munique, Leipzig, Jena, todas as Escolas Técnicas Superiores, à exceção de Berlim e Munique. Também faltava gasolina.

Uma busca domiciliar foi realizada na casa. Estavam à procura de rádio. Uma nova ordem do governo dizia que os judeus estavam proibidos de saírem de casa depois das oito da noite e também estavam proibidos de receberem visita de parentes judeus em suas casas. A segunda busca domiciliar ocorrera algum tempo

depois, em 4 de outubro de 1939. Duas pessoas da Gestapo⁵⁷ procuravam por livros a serem confiscados, tinham um catálogo na mão e procuravam por “bens culturais a serem postos em segurança”, publicações valiosas e coisas do gênero.

A propaganda do governo era veiculada em todo espaço e por todas as vias possíveis, o que se via pelas ruas eram retratos do Führer espalhados por todos os cantos contrapondo a escassez de alimentos que invadira a vida de Klemperer. Ao observar o líder nazista nos retratos, reparou que seu semblante imitava cada vez mais o de Napoleão com os cabelos na testa e o rosto mais redondo. Os alimentos tornavam-se raros e encontrava dificuldades em encontrar alguns destes, as conservas haviam sumido e na peixaria só se encontrava sardinhas em quantidades bem pequenas.

A amizade permanente entre a Alemanha e a Rússia era exaltada nos jornais, pois tinham “objetivos comuns de paz”, junto desta também eram comuns notícias sobre a invencibilidade alemã em jornais russos e italianos e como era de se esperar, os alemães se faziam vitoriosos.

No dia 08 de novembro de 1939, na cervejaria Bürger de Munique aconteceu um atentado a bomba contra Hitler⁵⁸. Após a notícia sobre o atentado, apontaram quem seriam os responsáveis pelo desastroso evento: a Inglaterra e, por trás dela, a “tribo de Judá”.

Na circular da congregação sob penalidade, dizia-se que era obrigatório acrescentar o nome Israel nas novas listas telefônicas, fato que o deixava aliviado, pois estava sem telefone há algum tempo e percebera que a pobreza tinha lá suas vantagens.

Alguns dias depois, em 28 de novembro, um navio armado inglês afundou, pois foi metralhado por cruzadores alemães que patrulhavam a região da Islândia. As manchetes dos jornais sensacionalistas diziam: “Vitória alemã no mar perto da

⁵⁷ *Geheime Staatspolizei* – Polícia Secreta do Estado: instituição básica para a criação do Estado de terror, comandada pelas SS.

⁵⁸ No dia 08 de novembro de 1939, Georg Elser planejou e executou o atentado a bomba contra Hitler. Às 21h20 a bomba explodiu matando oito pessoas e não conseguiu atingir seu alvo principal pois Hitler havia deixado a cervejaria minutos antes.

Islândia. A Alemanha domina o Atlântico Norte. A frota inglesa continua sendo dizimada.”

Finalizando seus escritos referentes ao primeiro ano de guerra, estava convencido de que o nacional-socialismo entraria em colapso no ano que estava por vir e que talvez tivesse de sucumbir com ele, mas que desse modo o terror terminaria. O medo de perder a casa também o afligia. Dentre as mais novas notícias estava a de que os judeus só comprariam seus mantimentos em lugares predeterminados pelo governo, a ordem passaria a valer no próximo ano e deixava claro que nenhum alemão era obrigado a ficar ao lado de um judeu em uma fila.

O ano de 1940 iniciara e com ele alguns boatos acerca de tropas que iriam ser transportadas de avião para a Inglaterra, mas apesar dos boatos ninguém garantiria a derrota inglesa e uma vitória alemã, tudo permanecia nebuloso.

Os alimentos começaram a tornarem-se rarefeitos, e, além disso, ainda tomaram os cupons de carne de Klemperer, um policial fora buscar em sua casa. A manteiga tornara-se cada vez mais escassa e na peixaria ele fora presenteado com um pequeno saco de batatas.

Todos os dias sentenças de prisão eram decretadas devido à escuta de rádios inimigas e a alegação era de que a nação precisava ser protegida do veneno corrosivo das mentiras. No jornal *Freiheitskampf*, ameaças de pena de morte pela escuta.

Os discursos de Hitler tornavam-se religiosos, havia já algum tempo que o líder nazista falava de sua fé na Providência Divina. No dia comemorativo dos heróis dizia-se que esperava “humildemente pela graça da Providência”.

Ficou sabendo do caso Lublin que logo após a campanha da Polônia os judeus daquela região começaram a ser perseguidos e posteriormente deportados pelo chamado “Governo Geral” nas cercanias de Lublin e lá foram depositados. “O restante da Polônia – o ‘Governo Geral’ colocado sob a responsabilidade de Hans Frank – tornou-se um repositório de ‘inferiores raciais’” (KERSHAW, 1993, p. 154) A situação no lugar era caótica, a fome e a falta de higiene geraram epidemias aumentando o número de mortos.

As reservas propostas deveriam ser, na melhor das hipóteses, enormes prisões – como os guetos cercados por muros que os alemães edificaram para os judeus poloneses –, formando um território economicamente insustentável, em que os judeus, isolados do resto do mundo, morreriam lentamente. Os idealizadores do plano, em sua maioria, estavam bem cientes de que os locais propostos eram deploravelmente insuficientes em recursos para os judeus serem lá trancafiados. Não existem evidências, além de tudo, especialmente no caso de Lublin, de que tais deportações não seriam mais do que uma parada no caminho, até o momento em que estivesse pronto o dispositivo final alemão (GOLDHAGEN, 1999, p. 160)

A Noruega e a Dinamarca foram invadidas a 9 de abril de 1940. No aniversário de Hitler, uma citação de Hess dizia: “o Führer mantém a paz na Europa ao protegê-la do bolchevismo”. Acreditava na vitória da Alemanha no momento em que ocorreram vitórias alemãs ante os ingleses na Noruega.

Entre os boatos que rondavam o círculo de amigos dos Klemperer, afirmavam que havia crises internas e atentados significativos, como a bomba contra a Escola Técnica Superior de Dresden, teria sido perpetrado um atentado contra Himmler, existiria um grupo com o seguinte lema: “tudo para a Alemanha, nada para Hitler”.

A Alemanha seguia com a ofensiva através da Holanda e da Bélgica, Hitler conseguira seu objetivo de invadir a França, com sua tropa de blindados invadiu a parte mais frágil da fronteira inimiga. A Holanda inteira e metade da Bélgica haviam sido conquistadas, o povo estava inebriado. A respeito disso, Kitchen (1993) escreve:

A invasão dos Países Baixos começou no dia 10 de maio. A despeito de preparativos demorados e detalhados, certo número de ousadas operações alemãs fracassou melancolicamente. Embora o forte de Eben Emael, na Bélgica, que defendia o canal Albert, tivesse sido capturado por paraquedistas, outros ataques de surpresa tiveram menos êxito. Os alemães sofreram pesadas baixas no ataque a Haia, e os holandeses conseguiram destruir certo número de pontes importantes, antes que pudessem ser tomadas por comandos alemães. O maior sucesso foi a cooperação estreita entre o Exército e a Luftwaffe, que desempenharia um papel importante no resultado da campanha. [...]

Tropas francesas posicionadas perto de Breda foram submetidas a ataques aéreos pesados. Julgando-se fracas demais para atacar, recuaram na direção de Antuérpia. Esse recuo possibilitou aos alemães arremeter na direção de Rotterdam e cercar as forças holandesas na chamada “Fortaleza Holanda”. Negociações para a capitulação da cidade encontravam-se em andamento quando aviões alemães decolaram para atacar a cidade. Ordens chamando de volta os aviões nunca foram recebidas, e a cidade foi arrasada em um ataque inteiramente desnecessário, no qual morreram mais de 800 civis. O comandante-chefe holandês, general Winkelmann, ansioso para evitar outros ataques aéreos às cidades de seu país, e convencido de que a situação era irremediável, resolveu assinar um armistício no dia 15 de maio (KITCHEN, 1993, p. 31)

Depois desse sucesso alemão, já não mais considerava impossível que Hitler marchasse sobre Londres até o dia 1º de agosto.

Devido ao confisco de bens e imóveis que o governo impunha, Klemperer teve de deixar sua casa em Dölzschen e seguir para uma Casa de Judeus na Caspar-David-Friedrich Strasse, a primeira das várias que viveria nesse período. Os primeiros dias foram de arrumação, havia perda de tempo com a intromissão de pessoas na casa e por isso só voltou a escrever depois de alguns dias. Novas ordens eram dadas. Os judeus só poderiam ficar na rua até às nove horas. Tinha recebido uma carta da congregação israelita com dados pessoais para o trabalho obrigatório que se destinava a todos os judeus dos dezesseis aos sessenta anos de idade. Pensou que se tivesse de trabalhar não aguentaria, com a saúde tão frágil.

Figura 24 – Página manuscrita do diário de Klemperer referente a agosto de 1941. Ele registra a mudança para a *Judenhaus*.

Na casa, todos estavam certos de que a Alemanha venceria a guerra. O discurso de que os alemães eram irresistíveis, invencíveis também fazia parte de alguns dentro da casa. Boatos diziam que a participação da América na guerra estava cada vez mais provável.

Em 10 de julho de 1940, a Itália declarou guerra à França e à Inglaterra, com o avanço alemão na França, a Itália tornou-se mais ativa e entrou na guerra. Na França, o triunfo alemão e perseguição aos “culpados”. Dizia-se que em Toulouse e em outras cidades atearam fogo a sinagogas, soldados franceses atiraram em soldados ingleses.

No jornal, várias histórias de terror e cartas acusatórias de alguns correspondentes, do outro lado Hitler mencionava em uma entrevista sobre a liderança miserável e da miserável condução da guerra pelos inimigos, enquanto isso parecia para Klemperer o “preâmbulo” das condições para um armistício, com palavras belas a respeito da honra do inimigo, e um dia depois, o antigo descomedimento junto a insana arrogância do vencedor.

Os jornais publicam constantemente que a Europa fora libertada, a França estava lançada à ruína pela Inglaterra. A Rússia havia tomado a Letônia e a Bessarábia para si. Uma nova proibição impedia os judeus de utilizarem o Grande Jardim Público e outros parques. Não se sabia ao certo o que ainda era permitido ou não, em todos os lugares sentia-se ameaçado.

Novos boatos diziam que trens e mais trens seguiam em direção ao leste, com tropas, canhões e tanques, talvez para a proteção da Hungria ou da Romênia contra a Rússia, que estava em negociação com os ingleses.

O telefone fora proibido aos judeus, se sentia ainda mais cerceado e aprisionado. Na Romênia, medidas contra os judeus de lá, na Eslováquia, adesão maior à Alemanha. No governo geral da Polônia, foi instituído um gueto e determinaram que os judeus usassem a faixa de Sion, e realizassem trabalhos forçados (KLEMPERER, 1999, p. 322)

Os “Esquadrões de Ação do Serviço de Segurança” (Einsatzgruppen) de Heydrich puseram mãos à obra para eliminar a intelectualidade polonesa. Himmler, em sua nova função de Comissário de União Étnica Germânica do Reich, orquestrou a deportação e recolocação de incontáveis milhares de pessoas. Por ordem de Heydrich, os judeus passaram a ser reunidos e colocados em guetos, onde as condições que se agravavam rapidamente e as epidemias incontáveis de doenças aceleraram dramaticamente a necessidade de encontrar uma “solução final” para o “problema judaico”, imensamente ampliado pela inclusão de cerca de três milhões de judeus poloneses sob o domínio nazista (KERSHAW, 1993, p.154)

Os mestiços⁵⁹ haviam sido retirados do front porque o exército queria que somente pessoas capazes avançassem. Nas escolas superiores não se permitia mais que mestiços as frequentassem, porém, oficialmente isso ainda era permitido. Um reitor que tolerasse um mestiço entre os estudantes recebia uma reprimenda do partido, através da juventude hitlerista e dos pais.

Ouviu comentários sobre um ataque aéreo em Berlim, e a notícia se confirmou com o comunicado do exército. Um “bombardeio planejado e covarde sobre bairro berlinense”, de meia noite até depois das três da madrugada, com muitos mortos e feridos entre a população civil.

A cada dia surgiam rumores sobre novas torturas e até aquele momento todos estes rumores se concretizavam. Estavam previstas braçadeiras amarelas para identificação dos judeus, nas fábricas os operários já as usavam, confiscaram as máquinas de costura e de escrever que pertenciam a judeus (KLEMPERER, 1999, p. 324)

Desde 1º de outubro daquele ano, acontecia prisão domiciliar a partir das oito da noite. Também haviam decretado, logo após a proibição da utilização das bibliotecas públicas, a utilização da biblioteca circulante e se perguntava sobre o motivo e concluía que deveria ser medo ou evitar qualquer contato do povo com cabeças críticas. Conforme Goldhagen (1999) uma das características da política nazista era a incessante separação social entre judeus e alemães, que era promulgada legal e administrativamente. Quando chegaram ao poder, esta separação foi efetivada e intensificada durante as décadas de 30 e 40. A partir disto, podem-se compreender os constantes decretos promulgados que restringiam os judeus da vida em sociedade, juntamente com atividades e relações sociais proibidas.

Na casa, todos se preocupavam com a evacuação em massa de judeus de Württemberg⁶⁰. Nos jornais notícias de que Londres havia sido destruída, aliás,

⁵⁹ Klemperer não menciona sobre quais pessoas se enquadrariam como mestiços.

⁶⁰ Após a ocupação da França, surgiu o assim chamado “plano de Madagascar”, que previa a deportação de todos os judeus da Europa àquela ilha, até então, uma colônia francesa. Um estágio preliminar desse plano deu-se nos dias 22 e 23 de outubro de 1940, com a deportação dos judeus de regiões do sudoeste da Alemanha para o sul da França, para antigos campos de internação nos Pireneus. Devido à longa guerra com a Inglaterra, o plano fracassou.

segundo os jornais, todo dia Londres era dizimada, como se uma cidade conseguisse ser destruída tantas vezes, observa o filólogo. “(...) Ouvimos que Londres estava submetida a ‘ataques ininterruptos de represália’, suportando o ‘maior bombardeio da história mundial’, comparando a uma ‘noite de São Bartolomeu’.” (KLEMPERER, 2009, p. 209) Nesse interim, a Inglaterra sobrevoava a Alemanha todos os dias, a cada dois ou três dias, sobre Berlim. Sirenes de alarme soaram pela terceira vez naquela noite e tiros de canhões antiaéreos eram escutados.

Na madrugada do dia 21 de novembro, a sirene soou das quatro até a cinco e meia da manhã, percebia-se foguetes luminosos, canhões antiaéreos e algumas bombas incendiárias. O alvo principal era Chemnitz e mesmo assim, o povo de Dresden estava impressionado.

Os italianos fracassavam na Grécia, a guerra havia começado em 28 de outubro.

A política relativamente cautelosa da Alemanha nos Balcãs passou a correr sérios riscos quando a Itália atacou a Grécia, em 28 de outubro de 1940. Os peritos militares alemães julgavam que seria extremamente difícil aos italianos derrotar os gregos. Tudo isso criava a possibilidade indesejável de intervenção britânica nos Balcãs, algo que Hitler estava resolvido a evitar. Militares alemães pensavam que a Grã-Bretanha enviaria pelo menos três divisões à Grécia. (KITCHEN, 1993, p. 51)

No discurso de Mussolini havia um tom de nebulosidade em torno da visita de Molotov a Berlim, que fora encerrada às pressas. Molotov visitara Berlim de doze a treze de novembro na tentativa deste convencer a União Soviética a um pacto de quatro nações, porém Molotov tinha ordens estritas de não selar mais nenhum compromisso, uma vez que Roosevelt, em um discurso, havia declarado que a União Soviética era “uma potência amiga”.

Sobre a incitação pública contra os judeus, Klemperer dizia que havia aumentado e escreveu sobre os filme-propagandas *Jud Süß* e *O judeu errante* este segundo, considerado o pior, e ‘alardeado’ com o maior barulho, havia desaparecido e concluída que poderia ser pelo asco do público.

O ódio aberto contra os judeus parece ter envolvido os alemães numa crise de consciência [...]

Aqueles que achavam insuficientes as explicações públicas para tal ódio deviam se sentir perturbados e buscavam, para a racionalização desse fato, argumentos emocionais que o justificassem [...]

O judeu Suss, de Veilt Varlan conta a estória de um ministro de finanças do século XVIII, judeu, sedutor de mulheres e explorador do povo, de quem cobrava altos impostos. Acabou enforcado em praça pública. O filme obteve grande sucesso até mesmo na França não ocupada. Fora concebido para espalhar a imagem “intrinsecamente criminoso” do judeu; o filme pretendia avaliar o mal que há séculos os judeus infligiam ao povo alemão; daí a necessidade de sua eliminação. (LENHARO, 2003, p. 57)

A respeito da incitação crescente contra os judeus e sobre os meios utilizados para tal propagação, Goldhagen (1999) menciona:

A prática alemã mais consistente, frequente e difundida, embora seja discutida e reconhecida, raramente é analisada como integrante das características gerais da política antijudaica. Constantes e ubíquos, os vitupérios eram lançados por organismos e instituições públicas, abrangendo, a partir dos discursos de Hitler, intermináveis transmissões de rádio, jornais, revistas, filmes, sinalização pública, fuzilaria verbal e livros escolares [...]

Os pronunciamentos de Hitler e de seus seguidores, inclusive as declarações sobre suas intenções de livrar a Alemanha do suposto jugo destrutivo judaico, foram, acima de tudo, um ato expressivo. Essa violência verbal tinha como alvo não apenas os ouvidos dos alemães, mas também os dos judeus. (GOLDHAGEN, 1999, p. 150)

Os italianos fracassavam na Albânia e na África e tais fatos seriam um consolo para Klemperer. Na *Linguagem Terceiro Império*, o autor analisava a palavra em voga: único. Começara a fazer parte da língua alemã nazista a partir de um discurso proferido por Hitler em relação aos marechais: “O mérito *único* de Göring”.

O natal de 1940 transcorreu, na medida do possível, de forma agradável. Comprou-se o que podia com os cartões de abastecimento: vinho, café, chocolate, entre outras coisas. Conseguiu até mesmo comprar algo sem o uso de cartões, fato que o deixava com a sensação de satisfação. O resumo do ano era breve, no entanto, anotara que estavam vivendo na casa de judeus e que houve certa desesperança do fim da guerra durante o verão devido ao colapso da França.

No início de fevereiro de 1941, na Rússia onde tudo parecia transcorrer de maneira mais “asiática” possível, mais inculta, sangrenta e cruel do que na Alemanha, mas no que se referia à moradia e corrupção, se assemelhava aos alemães.

O discurso de Hitler no dia 30 de janeiro havia mudado o tom, ele não dizia nada sobre a amizade com a Rússia e os Bálcãs e dizia que a Alemanha estava preparada para quaisquer eventualidades e ameaças dos Estados Unidos da América através dos submarinos. Sobre este discurso, as pessoas diziam que soava como um grito de raiva com uma voz cada vez mais esganiçada.

Tivera um encontro com um amigo que esteve em Buchenwald. Ele tinha uma cicatriz na cabeça, um golpe de porrete que levava logo que desceu no campo. Permanecera seis semanas no campo de concentração, havia cerca de dez mil pessoas espremidas, sem ocupação. Não tinham cobertores, faltava água potável, pessoas armazenavam água da chuva para beber e não havia atendimento médico (KLEMPERER, 1999, p. 342)

O discurso de Hitler e um dia anterior o de Mussolini, contavam em alto e bom som da vitória certa, apesar das derrotas italianas na África, teriam vitórias ainda na primavera. Era uma comédia para Klemperer ouvir tais discursos, anunciavam tantas coisas como se fossem charlatões.

Soube que a Bulgária tinha aderido ao pacto das três potências, portanto, a Grécia estaria perdida, o caminho até o Egito seria percorrido através da Turquia asiática, o que levavam todos a crer na vitória da Alemanha na guerra.

Ocorrera um blecaute no dia 15 de fevereiro, e temia alguma multa muito alta em dinheiro, pois havia esquecido da orientação, porém até o momento nada havia acontecido, acreditou não ter sido anunciado. Na manhã do dia 14 de março, recebeu uma notificação de pena de detenção de oito dias no presídio policial. Sentiu muito medo por não saber o que lhe aguardava e principalmente por ter de deixar Eva sozinha em casa, mesmo assim tinha de permanecer calmo.

Estava proibida a entrega de leite na casa de judeus. (KLEMPERER, 1999, p. 344) A entregadora de leite não poderia mais entregar o leite aos judeus da casa, nada mais poderia ser entregue na casa de judeus, o fornecedor destes ficava longe demais e as lojas próximas não aceitavam novos fregueses.

Em meados de abril, a situação em que a guerra se encontrava: a Sérvia e a Grécia estavam destruídas, as tropas inglesas retiradas e toda a Cirenaica estava

sendo reconquistada. A fronteira egípcia fora ultrapassada, a Turquia e a Rússia permaneciam em silêncio.

Entre seus amigos, ouvia casos como os que Lissy contava a respeito de Hitler e do governo. Os chamados “inquilinos da demolição” não eram apenas aqueles de casas bombardeadas, mas sim que bairros inteiros do “tempo de sistema” eram demolidos para darem lugar a novas construções. Contava que Hitler se ocupava mais com seus planos de construção do que com a guerra, que possuía um astrólogo e se deixava influenciar totalmente por ele. De acordo com Nazário (1996) Hitler inspirava-se nos monumentos antigos e nos rituais coletivos que perduraram através dos séculos, projetando uma civilização em granito e mármore, para que como as catedrais do passado, resistissem ao tempo e permanecesse por milênios. “Mais do que as artes plásticas, é a arquitetura que eterniza a ‘raça’. Ela enquadra, organiza, modela e petrifica a massa; ela é, para Hitler, o ‘discurso feito de pedra’” (NAZÁRIO, 1996, p. 49)

Acreditava que a guerra acabaria em 1941. Creta tinha sido conquistada, o Iraque foi tomado pelos ingleses e o estado de espírito da Alemanha era apático. O ânimo estava péssimo, os trabalhadores estavam mudando, não diziam mais ‘Heil Hitler’ e sim apenas ‘bom dia’ (KLEMPERER, 1999, p. 352) Ouvira que havia bandos de “xingadores” que provocavam os cidadãos até que estes expressassem sua opinião, xingando também.

No rádio o assunto tratado era a Rússia judaico-bolchevista, Goebbels dizia sobre a ‘traição da Rússia’. No mesmo dia, 22 de junho de 1941, Hitler atacou a Rússia. O objetivo da guerra era, segundo Kitchen (1993), a eliminação da “destrutiva visão mundial” do bolchevismo e de seus propagandistas.

O Exército alemão cruzou as fronteiras da União Soviética em 22 de junho de 1941 não para travar uma guerra preventiva contra uma potência militar que julgava uma ameaça, mas para fazer uma guerra ideologicamente motivada para consecução de objetivos estratégicos, econômicos e político-raciais específicos [...]

Por trás de tudo isso, havia suas obsessões ideológicas: a destruição do “bolchevismo judaico”, a conquista de “espaço vital” no Leste e o triunfo duradouro de uma raça germânica purificada. (KITCHEN, 1993, p. 68)

Os dias em casa estavam terminando e se aproximavam os dias de detenção a serem cumpridos. Teria de se apresentar no dia 23 de junho para início do

cumprimento da pena, teria de pagar doze marcos para a alimentação e três marcos e cinquenta para as taxas e caso não comparecesse no horário e data previstos, foi avisado pelos policiais que seria conduzido à prisão à força. Sentiu-se amargurado, mas convenceu-se a aceitar tudo isso com filosofia e como enriquecimento de seu *Curriculum*⁶¹. Para ele, a detenção não era prisão, a polícia não conhecia a dureza da Gestapo, e acreditava que podendo ler e escrever o tempo passaria.

Alguns dias depois, Klemperer foi preso a fim de que cumprisse seu débito referente à multa de um blecaute que havia se esquecido. Teve seus óculos retirados e não pode levar nada consigo para dentro da cela, nenhum livro, nem uma folha de papel ou caneta. Ele descreve o momento com profunda tristeza e fazendo alusão ao medo que sentira no ato. Disse que a cela era escura, os policiais davam ordens e eram grosseiros, mantinham certa distância. A alimentação na cadeia não era tão ruim, algumas vezes fora até melhor que em sua própria casa, nesse item a prisão não significou nenhuma nova experiência a ele. O que lhe incomodava bastante eram as louças, a forma e o invólucro da comida. A caneca de café era ao mesmo tempo copo de água e copo de escovar os dentes, a tigela que serviam o mingau era lascada, o único talher era uma colher de metal velha. Atrás da mesa de refeições ficava o vaso sanitário. Os dias passavam vagorosamente e com eles seu desespero, a inquietude de ficar preso em uma cela às escuras, sem papel, nem caneta, sem o contar do tempo, esperando os oito dias de detenção passar, até chegar a terça-feira (KLEMPERER, 1999, p. 354-383) No dia em que saiu do presídio, sentia a felicidade mais inebriante, o reencontro com Eva o deixara completamente extasiado.

⁶¹ A obra de Klemperer *Curriculum vitae: memórias de um filólogo* foi publicada em 1989.

Figura 25 – Carta da polícia de Dresden a Klemperer. 27/02/1941. Fotografia: RICHTER, Regine.

Quando já estava em casa, recebeu a notícia de que os Estados Unidos ocupavam a Islândia e tal fato lhe parecia ser um ingresso direto na guerra. A incitação contra os judeus continuava aumentando.

No domingo, um hábito comum, com toque de clarins, fanfarras e tambores, o hino da Alemanha seguido pela canção de Horst Wessel. O avanço a partir da Romênia dava ênfase com razão, de que a guerra contra a Rússia estava decidida. Hitler passava a ser o senhor invencível de todo o continente e depois da Europa, viria a Ásia. A comida estava cada dia mais difícil, faltavam batatas, os judeus tinham obtido um acréscimo de quinhentos gramas de arroz cada um.

Escutara um rumor de que o Japão havia abandonado o pacto das três potências, porém no jornal constava apenas a mudança de gabinete do Japão. Quanto à situação da Rússia e dos Estados Unidos o que havia era mistério. Os insultos aos judeus estavam ainda mais repugnantes e descomedidos do que nunca. Em todos os lugares havia cartazes espalhados: judeus indesejáveis, proibido aos judeus.

Um novo anúncio sobre a apreensão das máquinas de escrever surgira, parecia que se limitava às máquinas de escrever de firmas e não de particulares, mas pensara que os judeus estavam sempre correndo riscos. Outro anúncio proibiu os judeus de fumarem o que levou a escassez de cigarros na cidade.

Os comunicados oficiais descreviam sucessos magníficos no Leste, onde fizeram um milhão de prisioneiros na batalha de Smolensk e depois na Ucrânia e Odessa. A Inglaterra tinha ocupado o Irã. Não se tinha notícia da Rússia, as próprias perdas eram silenciadas, algumas vazavam. A sensação para Klemperer era a de que nada se percebia em Dresden, ainda reinava uma tranquilidade pacífica, mas a pergunta era: até quando isso aconteceria? Muitas pessoas acreditavam na vitória final, o que o levava a acreditar que o regime poderia durar anos.

Em 8 de setembro de 1941, a notícia de que no Diário Oficial do Reich fora anunciada a instituição da braçadeira amarela para os judeus com a estrela de Davi que começaria a ser usada no dia 19 do mesmo mês.

Goebbels saudou a adoção do símbolo da estrela de Davi para marcar os judeus como uma medida “higiénica profilática”. Isolar os judeus de uma comunidade racialmente pura era “regra elementar de higiene, racial, nacional e social”. Havia pessoas boas e pessoas más, argumentava Goebbels, assim como há bons e maus animais. (BAUMAN, 1998, p. 94)

O uso restrito aos judeus da estrela de Davi resultaria no isolamento social destes, algo já planejado pelos alemães.

A partir de setembro de 1941, o isolamento social – marca de sua morte social – foi intensificado e simbolizado pelo decreto que determinava o uso público pelos judeus alemães da estrela de Davi amarela com a inscrição “Jude” em preto. Os efeitos foram óbvios. Assinalados dessa maneira, aumentou em muito o grau de humilhação dos judeus; usar tal sinal visível em meio a uma população hostil gerou mais insegurança para os judeus. Graças, ainda, a essa identificação, os alemães puderam ampliar os ataques físicos e verbais, especialmente contra crianças. (GOLDHAGEN, 1999, p. 152)

Nas fábricas, seções inteiras paravam por falta de material. O aço estava em falta, os aviões eram feitos de metal leve e este faltava. O mesmo acontecia com a produção têxtil, os casacos dos soldados eram feitos de um péssimo material que substituíam a lã.

Soubera que ônibus e nem bonde poderiam ser utilizados, apenas na parte dianteira do vagão. Para ele, a estrela dos judeus simbolizava humilhação e não se sentia preparado para usá-la.

A Alemanha estava avançando em direção a Moscou, já tinham tomado Kiev, a contraofensiva russa havia fracassado (KLEMPERER, 1999, p. 396) O jornal publicava no início de outubro o avanço através do centro da Rússia em direção a Moscou, o que significaria a verdadeira e total aniquilação dos russos.

A Wehrmacht moveu-se rapidamente na direção de Moscou. O Corpo de Voluntários de Moscou, no qual serviam numerosos intelectuais, foi lançado na batalha sem nenhum treinamento e sumiu do mapa. Muitos de seus membros nem mesmo sabiam como disparar um fuzil. Um destino terrível aguardava os muitos voluntários judeus que caíram em mãos alemãs. (KITCHEN, 1993, p. 75)

Ouvia-se muito a respeito de deportações de judeus para a Polônia e ele sentia medo, muitos judeus cogitavam até mesmo o suicídio (KLEMPERER, 1999, p. 398) Conforme Goldhagen (1999) os alemães estabeleceram os campos da morte principalmente na Polônia porque o país era o centro demográfico do judaísmo europeu, o que tornava o lugar logisticamente mais prático para o extermínio em massa.

Em um artigo intitulado “Os judeus são culpados”, Goebbels justificou as deportações em massa dizendo que os judeus queriam a guerra e que naquele momento, portanto, a tinham. Para ele o destino do judeu era mais que merecido e que, compaixão e lástima naquele momento eram despropositadas. O único culpado pela guerra era o judeu, e que o envenenador universal de todos os povos era o judaísmo internacional (HITLER 2001)

Although at this stage most Nazi anti-Jewish propaganda was aimed at the German public, Goebbels never forgot its potential impact beyond the Reich's borders, mainly among Germany's enemies. By endlessly repeating that the war was a “Jewish war”, prepared and instigated by the Jews for their own profit and their ultimate goal, world domination, Goebbels hoped to weaken enemy resolve and foster a growing demand for an arrangement with Germany.⁶² (FRIEDLÄNDER, 2006, p. 19)

O medo de que seus escritos fossem descobertos crescia a cada nova determinação ou decreto do Reich ou ainda com as buscas domiciliares. Uma circular referia-se sobre a inventariação dos bens móveis, o que para ele significava

⁶² “Apesar de que nesse estágio a maioria das propagandas nazistas antissemitas foram direcionadas para o público alemão, Goebbels nunca esqueceu de seu impacto potencial além das fronteiras do Reich, principalmente sobre os inimigos alemães. Por repetir infinitamente que a guerra era uma “guerra judia”, preparada e instigada pelos judeus para seus próprios lucros e seu objetivo final, a dominação do mundo, Goebbels esperava enfraquecer a determinação inimiga e fomentar uma crescente demanda para um acordo com a Alemanha.” (tradução nossa)

confisco e talvez deportação. Tinham que declarar a posse de “bens móveis”, toda propriedade judia, cada peça de móvel seria determinada, nada poderia ser levado a um lugar seguro.

As notícias sobre as deportações dos judeus para a Polônia e para a Rússia não cessavam. Os emigrantes foram declarados apátridas e tiveram suas contas bloqueadas. Alguns dias depois, estes foram expatriados e as contas confiscadas.

Teve notícias de que os japoneses declararam guerra aos Estados Unidos da América. Os japoneses atacaram a base americana em Pearl Harbor e destruíram grande parte da frota americana do Pacífico.

No dia 1º de dezembro de 1941, o imperador do Japão assinou a ordem que dava começo à guerra. Ao amanhecer de 7 de setembro, os japoneses atacaram Pearl Harbor, iniciando uma guerra que resultara de uma mistura de falta de insensatez, agressividade e arrogância nacional.

Rapidamente, os japoneses infligiram uma série de golpes arrasadores em britânicos e americanos, justificando a previsão de seus planejadores de que a guerra começaria com uma série de vitórias. Com o afundamento do *Prince of Wales* e do *Repulse*, pareceu que terminava a era de supremacia naval britânica no Pacífico. Hong Kong caiu dias depois do início das hostilidades, os britânicos foram ignominiosamente expulsos da Malaia e, no dia 15 de fevereiro, Cingapura, da qual dependiam as defesas britânicas no Pacífico, rendeu-se quase sem luta [...]

Os americanos não se saíram melhor. O ataque a Pearl Harbor destruiu a Frota do Pacífico, mas, devido a um erro grave dos serviços de espionagem, os japoneses só souberam algumas horas antes do ataque que os porta-aviões *Yorktown* e *Hornet* se encontravam no Atlântico. (KITCHEN, 1993, p. 132)

No dia 11 de dezembro de 1941 a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, previra isto, já que Hitler tinha convocado o Reichstag para “aceitação de uma declaração de guerra”, e no jornal anunciou-se várias prisões de ambos os lados, tanto alemães nos Estados Unidos quanto americanos na Alemanha.

Mais restrições surgiam para os judeus e a congregação entregou na casa de judeus uma circular que os proibia utilizar telefones públicos, proibição de sair de casa para todos os judeus que se explicava através do argumento que um judeu em público provocava indignação.

Os comunicados do Leste diziam das lutas “pesadas” e das severas perdas dos agressores soviéticos, e ainda das infindáveis vitórias do Japão e o desespero inerte da Inglaterra e da América.

No jornal, um apelo de Hitler e de Goebbels para que todos os artigos de pele ou lã deveriam ser doados ao front do leste e os judeus deveriam entregar “sem direito a indenização” ainda naquele dia. Alguns dias depois, conseguiram arrecadar cerca de cinquenta milhões de peças.

O Natal chegara e pela primeira vez em trinta e oito anos, Klemperer não tinha dinheiro para comprar um presente para Eva, sentia-se muito envergonhado por conta disso. No jornal *Frankfurter Zeitung* em uma reprodução de um artigo italiano no qual dizia que a situação no Leste era séria e na África era muito séria.

No seu resumo do ano de 1941, recordara da pena de detenção que havia cumprido, dizia que durante o ano todo se sentia preso, pois nem mesmo um passeio mais longo no verão foi possível realizar. A estrela dos judeus estava sendo usada desde 19 de setembro de 1941, e desde então estava isolado em casa. Era Eva que providenciaria as compras, almoçava sozinha na cidade, pois ele não se arriscava em sair de casa. Em sua opinião, havia sido o ano mais medonho de sua vida devido a constante ameaça e pelo sofrimento que vira as pessoas passarem com deportações e assassinatos.

Figura 26 – Cartão de identificação de Eva Klemperer. Com o cartão era possível adquirir alguns alimentos. Eva foi fundamental para a alimentação dela e do marido, uma vez que judeus não poderiam circular nas ruas, tampouco comprar alimentos. Fotografia: RICHTER, Regine.

No início de 1942, foi abordado por um policial que o levou até a Gestapo para prestar esclarecimentos que ele mesmo nem sabia e então conheceu o lugar de que já ouvira tantas histórias de terror. Após um interrogatório, e sob humilhação e tirania, ele foi para sua casa com o constante pensamento de morte na cabeça que não lhe abandonava mais (KLEMPERER, 1999, p. 415-416) Ao chegar em casa, relatou o acontecido aos amigos e estes lhe disseram que casos semelhantes estavam acontecendo e que a finalidade dessa ação seria laçar pessoas para o trabalho forçado.

A Rússia avançava pelo interior em direção à Polônia, algo que ele próprio não acreditava. Um comunicado das Forças Armadas mencionava que estava acontecendo batalhas nas proximidades de Leningrado e a leste de Charkow, portanto, o interior não poderia ter recuado tanto assim.

Uma ordem de evacuação aos judeus locais havia sido feita, não saíram aqueles que tivessem mais de sessenta e cinco anos, quem possuísse a Cruz de Honra I, quem tivesse casamento misto ou quem não tivesse filho.

Aos poucos o antissemitismo tornava-se mais forte, em parte devido à situação crítica externa, e em parte devido à repercussão que a estrela dos judeus provocou. A Gestapo havia impedido a solicitação de trabalhadores a uma fábrica, para isso eles iriam embora de Dresden. Antes do transporte, a Gestapo fez a lacração de todos os bens dos deportados, mas tudo se “perdeu”.

Recebeu uma notícia angustiante que dizia que sua casa em Dölzchen estava definitivamente perdida. Ele havia sido intimado “para averiguação” na polícia local, onde o trataram de modo gentil, diferentemente da Gestapo. O terreno estava praticamente abandonado, o conserto dos estragos lhe custaria muito, provavelmente seria necessário contratar um mestre de obras, que cuidaria, segundo a polícia, da “arianização” da casa. Iriam, portanto, tirar-lhe a casa e mais o dinheiro referente às reformas, o que o deixara ainda mais temeroso por sua situação financeira.

Um decreto proibia os judeus de utilizarem certos bondes nos quais a parte dianteira não estivesse separada da parte interna e, além disso, a utilização dos

bondes aos domingos. Na nova edição de cupons, foi cancelado o sabão de barba pela primeira vez aos judeus.

Soubera que os ingleses perderam novamente toda a Cirenaica e que Rommel havia recebido do governo Pétain-Darlan apoio material vindo de Túnis. Entre os japoneses estava havendo progressos, porém nenhum avanço entre os russos. Pensava que a guerra seria perdida pela Alemanha, mas se indagava em relação a quando isso iria ocorrer. As notícias sobre as buscas domiciliares, de roubos de toda sorte e maus-tratos que tornavam-se frequentes.

A congregação israelita enviara a Klemperer uma ordem para que ele se apresentasse em Räcknitz, distrito de Dresden, para realizar o trabalho de remoção de neve das ruas. Em 15 de fevereiro de 1942, ele começa o trabalho de remoção de neve das ruas de Dresden. No grupo de trabalhadores destinados a esse serviço havia poucos homens mais jovens que ele, o grupo de trabalhadores eram na sua maioria, homens idosos, mais velhos que o autor. Müller tinha quase setenta anos, Aufrichtig tinha setenta e dois anos, Steinitz, sessenta e sete anos assim como o Dr. Magnus Alsleben, médico ortopedista e cirurgião. Com o trabalho pesado as dores no corpo foram piorando e sua saúde se deteriorando (KLEMPERER, 1999, p. 424-426)

Das várias histórias que escutava, soube que um fabricante de cigarros chamado Müller foi deportado para um campo de concentração, e logo após alguns dias foi notificado de sua morte. Os campos de concentração eram iguais à sentença de morte, e esta de fato, era anunciada alguns dias depois.

Acerca da proibição dos judeus utilizarem os bondes, a justificativa era “o constante comportamento indisciplinado dos judeus no bonde”. Alguns meses atrás haviam proibido a parte dianteira dos bondes, agora era este por completo, também fora proibido o uso de ônibus por judeus.

Um mensageiro da congregação israelita trouxera novamente uma ordem de apresentação para “remoção de neve” referente aos dias 10 a 14 de março. Nas conversas entre judeus, o assunto era as buscas domiciliares. Todos conheciam as novas crueldades e rapinagens.

Em março de 1942 ouviu falar pela primeira vez do campo de Auschwitz como sendo o mais terrível dos campos: trabalho nas minas e morte depois de poucos dias (KLEMPERER, 1999, p. 437) “Nessa época, Auschwitz já contava com centenas de milhares de vítimas da Europa ocupada. Ao todo, os alemães haviam matado mais de dois milhões de judeus nos territórios tomados à URSS, principalmente à bala e em veículos adaptados com câmaras de gás” (GOLDHAGEN, 1999, p. 172).

Figura 27 – Portão de entrada do campo de concentração de Auschwitz com a frase “O trabalho liberta”. 27/11/2005. Fotografia: BERTORINI, Tulio.

Não havia um só dia sem um novo decreto contra os judeus. Nos jornais constava que as sete mil firmas de jardinagem de Dresden iriam transformar a metade de suas áreas em plantação de legumes. O aviso era para que colocassem os vasos de flores à disposição delas para plantio e para que comprassem menos flores. Para os judeus estava proibida a venda de flores. Vários artigos continuavam escassos, e faltavam alimentos como batata e pão. A alimentação nesse período resultava em um pouco de batatas, pão e raramente peixe (KLEMPERER, 1999, p. 439) Era muito difícil conseguir carne. Cozinhava-se duas ou três vezes na semana, não mais do que isso. Não havia corpo que tolerasse tamanha escassez, sua saúde se tornava muito delicada e Eva, sua esposa, ainda mais depressiva.

Eram tantas as privações que ele e sua esposa sofreram que mal conseguia enumerá-las. Escreve que Eva fora até Pirna mendigar por algo para comer e voltara de lá cheias de batatas e com cerca de um quilo de pão e ainda trouxera uma lata de vagens em conserva. Os dois esperavam por cupons de pão ainda naquela semana, caso não recebessem, temiam pela fome. A temperatura cada vez mais baixa fizera com que passassem frio, pois os quartos careciam de aquecedores, sendo assim o frio juntava-se à fome e adormecia-se pela exaustão. Algumas vezes surrupiava um pouco de geleia ou um pedaço de pão de sua amiga, Kätchen Sara, quando esta não estava por perto. Era um meio de driblar a fome.

Goebbels proferiu um discurso no dia 24 de março de 1942, que falava a respeito da guerra e que os russos não tinham atingido o “coração da Europa”. As coisas estavam difíceis para a Alemanha, as cotas de gêneros alimentícios haviam sido reduzidas e caso fosse necessário seriam tomadas medidas enérgicas radicais. Um artigo do ministro da propaganda, dias após o discurso, dizia que era preciso diminuir as cotas, que ameaçaria qualquer comércio clandestino com severas penas, como a pena de morte.

As proibições estendiam-se, os judeus não podiam mais transitar pela estação, era proibido aos judeus recorrerem a profissionais arianos para serviços pessoais. No comércio, eram poucas as lojas que ainda atendiam aos judeus (KLEMPERER, 1999, p. 443) As lavanderias não aceitavam mais as roupas dos judeus, já estava com suas roupas acumuladas desde dezembro. O aspirador de pó estava quebrado, onde poderia ser consertado?

Novo relato de suicídio, desta vez por Veronal⁶³. O casal havia sido intimado a comparecer na Gestapo depois de uma busca domiciliar, amedrontados, suicidaram-se (KLEMPERER, 1999, p. 443) A partir de 15 de abril, novos decretos entrariam em vigor, determinando que cada casa de judeu fosse identificada com uma estrela-de-davi na porta externa. Para utilizarem o bonde quando fossem trabalhar, os judeus só poderiam usá-los quando a distância entre a casa e o local de trabalho atingisse

⁶³ O *Veronal* era um medicamento da classe dos barbitúricos empregado como sedativo, foi introduzido no mercado no início do século XX, e seu uso provocava uma ação prolongada que paralisava quase todas as funções corporais.

mais de cinco quilômetros em Dresden e mais de sete em Berlim (KLEMPERER, 1999, p. 445)

Algumas notícias relatavam um assassinato em massa de judeus em Kiev. Crianças com a cabeça socada na parede, homens, mulheres, jovens, todos fuzilados e empilhados aos milhares, uma colina foi dinamitada e a massa de cadáveres foi enterrada sob a terra em explosão (KLEMPERER, 1999, p. 448)

Uma amostra das carnificinas alemãs inclui 23.600 judeus mortos em Kamenets-Podolski, em 27-8 de agosto de 1941; 21 mil, em Rovno, em 7-8 de novembro de 1941; um total de 25 mil, perto de Riga, em 30 de novembro e entre 8 e 9 de dezembro de 1941; de 10 a 20 mil, em Kharkov, em janeiro de 1942; e o maior massacre isolado, mais de 33 mil pessoas durante dois dias em Babi Yar, nos arredores de Kiev, ao final de setembro de 1941 (GOLDHAGEN, 1999, p.168)

Já era a segunda vez que Klemperer era alvo de chacota na rua. Um menino acompanhado por outro mais velho, cerca de doze anos, apontara para ele e gritou: “Judeu!”. Para o autor tal ato era muita humilhação, não suportava mais isso (KLEMPERER, 1999, p. 457) Uma nova proibição impedia os judeus de terem animais domésticos em suas casas e os que já possuíam que se desfizessem destes. Este decreto deprimiu ainda mais o casal, pois tiveram de entregar o gato Muschel, que tinham há onze anos, a congregação onde seria sacrificado. Eva ficaria ainda mais triste, pois tinha um carinho enorme pelo gato (KLEMPERER, 1999, p. 458)

Os judeus não poderiam mais ficar em filas e deveriam entregar suas máquinas de cortar cabelo, pentes novos ou sem uso. Deveriam lembrar, sob severa pena, de usarem a estrela firmemente costurada na roupa, pois estrelas apenas presas com alfinetes poderiam ser retiradas temporariamente.

Ao analisar um discurso de Hitler no Reichstag, analisou a relação dos números presentes na fala do Führer. Falava que Napoleão teve de lutar com uma temperatura de vinte e cinco graus negativos; e ele, com quarenta e cinco graus negativos e uma vez com cinquenta e dois graus e que mesmo assim seria vitorioso.

O ódio estava concentrado não na Inglaterra ou nos Estados Unidos ou na Rússia, os inimigos não eram os americanos, ingleses ou russos, mas somente e unicamente o judeu. Era fato corriqueiro que logo após uma busca domiciliar houvesse suicídio. As pessoas sentiam medo do que estaria por acontecer, o

suicídio as pouparia de maiores sofrimentos, dos quais já conheciam quando se apresentaram à Gestapo, onde eram humilhados, insultados, espancados e pisoteados.

Klemperer soube de uma busca domiciliar que aconteceu em um asilo de idosos da Güntzstrasse, onde mulheres de setenta a oitenta e cinco anos receberam cuspidas e foram colocadas com o rosto contra a parede e esguichadas por trás com água fria, roubaram-lhes a comida que compraram com seus próprios cupons e usaram com elas os mesmos insultos obscenos. Devido a fatos como esse, o medo de uma nova busca domiciliar aumentava e a cada intimação de comparecimento à Gestapo surgiam boatos sobre a violência incutida por esta. Ernst Kreidl fora intimado a apresentar-se à Gestapo, ainda em meados de 1941. Desde a data não mais retornou à sua casa, sua esposa, amiga dos Klemperer, Elsa Kreidl, recebera uma carta no dia 22 de maio de 1942 notificando-a da morte de seu marido. Nada mais estava escrito na carta, não se sabia como e porque Ernst estaria morto.

Uma nova visita fora feita na casa de judeus. Por sorte, não estava em casa e só pôde observar a bagunça que fizeram quando chegou a casa. Friedlheim, um dos moradores da casa, veio em direção a ele e lhe mostrou o pescoço e o queixo sangrando devido aos socos. O colega queixava-se de um pontapé que levava na barriga bem ao lado da hérnia, a senhora Kreidl e a senhora Pick também foram surradas. Quando entrou em seu quarto encontrou Eva serena e tranquila, ela então lhe contou sobre a invasão e que haviam lhe perguntado coisas como: “Você é ariana? Sua puta judia, por que você se casou com um judeu? Está escrito no Talmud: ‘Toda mulher não-judia é uma prostituta para vocês’”. Eva recebeu alguns tapas no rosto e também cuspiram-lhe na cabeça. Além dos insultos, da humilhação e das agressões físicas, o autor escreveu também que lhes roubaram muitas coisas, neste saque levaram mantimentos das famílias da casa, mas mesmo assim, devido a bagunça, era difícil reconhecer o que havia sido perdido ou roubado (KLEMPERER, 1999, p. 462)

Os judeus já não poderiam mais frequentar o teatro, cinema, museu, não podiam comprar ou assinar revistas, não poderiam usar o rádio ou telefone, estavam proibidos de viajarem de ônibus (com exceção se fosse a trabalho), não comprariam mais charutos, flores, as máquinas de escrever deveriam ser entregues, etc.

Também se fazia proibido o serviço de barbeiros arianos aos judeus e os cupons de leite haviam sido cortados. Não poderiam comprar nenhuma mercadoria escassa, charutos ou qualquer produto equivalente, não comprariam mais flores, não poderiam estocar mantimentos em casa. Alguns pertences dos judeus deveriam ser entregues, como bicicleta e cadeiras espreguiçadeiras. As compras estavam reduzidas há apenas uma hora, não havia mais cupons para roupas, nenhum cupom para peixes, nenhuma cota especial para café, chocolate, frutas, leite condensado. Para o autor, esses decretos talvez não fossem nada se comparados com as buscas domiciliares que havia sofrido somando ainda aos maus-tratos na prisão, da existência do campo de concentração e da morte violenta. (KLEMPERER, 1999, p. 470-471)

Outra busca domiciliar acontecera na casa de judeus, mas desta vez sem danos maiores. Após um longo interrogatório, os policiais foram embora, sem maiores percalços, porém toda essa rotina de terror o deixava ainda mais exausto e amargurado. Três dias depois dessa visita, a Gestapo apareceu novamente, seria a quarta vez em apenas duas semanas e novamente os mesmos insultos: “porca”, “porca judia”, “puta judia”, “vaca”, “vagabunda”. Reviraram tudo, em um ato de brutalidade, teve um livro socado em seu rosto, foi estapeado, foi cuspid no rosto, no mesmo momento em que Eva chegou das compras com uma cesta que foi logo arrancada de sua mão e numa tentativa de ajudá-la, ele foi estapeado novamente, levou pontapés e foi empurrado para a cozinha.

Toda a catástrofe desta busca domiciliar caiu sobre a senhora Pick, esta com setenta e sete anos, e mesmo assim fora horivelmente espancada e empurrada. Havia sido intimada a comparecer no outro dia na Gestapo e devido a sua aparência indignada com o que tinha acontecido, todos na casa presumiam que ela tentaria o suicídio a fim de escapar da possível humilhação ou morte se apresentando na Gestapo. Todos na casa a aconselharam a não cometer suicídio, disseram-lhe para que pensasse em seus filhos, Klemperer tentou animá-la, suplicou para que não fizesse nada contra sua própria vida, mas a senhora Pick disse que estava muito cansada e que não poderia prometer-lhes nada, pois precisava pensar um pouco. Pela manhã, quando acordou, ele e Eva juntos às outras pessoas da casa seguiram para o quarto da senhora Pick, que dormia profundamente, porém estava com a respiração fraca e por mais que fizessem barulho, entrando e saindo do quarto, a

senhora Pick não se mexera em momento algum. Ligaram para o médico, doutor Katz, e disseram-lhe do estado de saúde da senhora Pick e que suspeitavam de envenenamento por Veronal. Depois de examinada, o médico disse que a senhora Pick tinha tomado apenas um medicamento e se recuperaria dentro de três dias.

A Gestapo via nessas tentativas falidas de suicídio como “mascaramento” e “sabotagem”, diziam que as pessoas queriam apenas livrar-se da ordem de se apresentarem. Continuava achando que tão logo a Gestapo voltaria a casa e novamente poderia acontecer outra tentativa de suicídio. O medo e a insegurança cresciam a cada ruído na rua, a cada pessoa que chegasse à casa de judeus.

Em uma nova circular os judeus eram obrigados a entregarem todos os aparelhos elétricos, gramofones, discos e aspiradores de pó. Deveriam também entregar seus tecidos, as escolas judaicas seriam fechadas e não se permitiria aulas particulares às crianças. O pavor se fazia presente na vida do casal e se transformava em hábito corriqueiro que o paralisava vez em quando e depois o aliviava.

Escrevera boatos sobre uma possível conquista de Sebastopol, a guerra contra a Rússia havia começado em 22 de junho de 1941. Ocorria uma evacuação em massa de judeus por determinação da Gestapo, um asilo de idosos no prédio da congregação israelita seria evacuado, assim como uma série de pessoas idosas seriam evacuadas, isso acontecia em Berlim e também em Dresden. Não sabia ao certo como se realizava essa seleção, se era a partir da idade, fortuna ou pela antipatia social, porém, ainda assim, os idosos eram os mais visados neste momento.

Boatos circulavam a respeito de que a Inglaterra estaria preparando um bombardeio sobre Colônia e Bremen, o que seria o prenúncio de uma ofensiva aérea com muitos aviões sobre a Alemanha. Dresden seria uma das cidades visadas, portanto, estavam reforçando as baterias antiaéreas.

Uma notícia contada por Kätchen Sara dizia que no dia 1º de julho Sebastopol caíra. O transporte dos idosos para Terezin era horrível, o caminhão com bancos espremidos, apenas uma minúscula trouxa de roupas poderia ser levada e ainda eram vítimas de violência física.

O medo que todos sentiam pela Gestapo era imenso e dizia-se que quando a Gestapo encontrava cupons sem o “J” com os judeus, estes eram rasgados e o judeu cuspidos no rosto e surrado e em outros casos o judeu era intimado a comparecer no prédio da Gestapo. O que ocorria era que quando compravam pães, apresentavam os cartões de racionamento com o “J” de maior valor e recebiam como troco apenas cupons menores sem o “J”. A senhora Ida Kreidl esteve envolvida em uma situação dessas, rasgou o fundo de sua bolsa e pregou os cupons proibidos do lado interno da bolsa, até que pudesse trocá-los com Eva.

No jornal, notícias sobre os progressos na Rússia e no Egito, um tanto paralisados pelo artigo exemplar de Berlim. Em uma fábrica de armamentos do sul da Alemanha, espalhavam notícias difamatórias, o culpado tinha ouvido uma rádio do exterior e meia dúzia de outros trabalhadores tinham espalhado as “mentiras”. O principal culpado havia sido fuzilado, os outros receberam penas de prisão de dez anos e meio. As notícias sobre crimes de ouvir rádios estrangeiras eram frequentes na fase inicial da guerra e de tempos em tempos se comunicavam uma seleção de sentenças e cada vez mais as penas aumentavam.

No dia 4 de julho teve notícias da morte de Streicher no campo de concentração. Segundo informações e boataria, dizia-se que o odiado e extremamente corrupto Streicher poderia ter aguentado longas semanas na cadeia, depois ficara cerca de um ano e meio no campo de concentração. Era dois ou três anos mais velho que Klemperer e segundo o autor, não usava a estrela de Davi, era “privilegiado”, aliado da Gestapo e aproveitador do regime, até que começou a agir por conta própria e roubar (KLEMPERER, 1999, p. 496-497) A causa da morte foi dada como “infecção intestinal”, e, de acordo com sua esposa, isso poderia ser possível, pois ele já havia tido uma vez tal doença.

Uma nova restrição surgira para os judeus: a proibição de comprar ou assinar jornais e tampouco a mulher não judia que tivesse marido judeu poderia assinar um jornal em seu nome ou mesmo comprá-lo.

Acreditava na possibilidade da Inglaterra favorecer a criação do Estado sionista, o que acarretaria milhares de admiradores, partidários, propagandistas e agentes no mundo todo.

Isa Kreidl, dona da casa de judeus, recebeu uma carta do NSDAP, na qual teria de dispor o seu andar “a casa de judeus Voss”, até o dia 1º de setembro. Depois de dois anos e alguns meses morando na casa de judeus, deveriam então deixá-la rumo à outra casa. Eva recebeu a notícia friamente, desde a morte de seu gato ela reagia a tudo com muita frieza. De acordo com uma nova lei, estava em vigor a proibição absoluta de escolas superiores para estudantes cinquenta por cento mestiços. Outros decretos proibiam os judeus de comprarem sorvete, também todas as chaves disponíveis, em especial, chaves de mala, por exemplo, deveriam ser entregues imediatamente.

Novamente chacotas na rua. Ao passar de bicicleta um trabalhador de barba grisalha gritou para Klemperer: “Seu judeu vagabundo!”. Essas ações antissemitas expressavam o ódio incutido na população pelos meios de comunicação e propaganda nazistas, diante disso, sentia-se humilhado e temia seu futuro.

Ouviram o primeiro alarme de bombardeio durante a madrugada. Houve muitos disparos, mas nenhuma bomba caiu e depois de três quartos de hora soou a sirene de fim de alerta. Ainda de madrugada, outra sirene de alerta soou, mas não houve disparos dessa vez.

No dia 2 de setembro de 1942, mudou-se para a nova casa de judeus da Caspar-David-Friedrich-Strasse. A mulher do caseiro aconselhou que ele e os outros moradores judeus utilizassem o terraço o menos possível, pois poderia ser observado por uma casa vizinha onde morava um respeitado membro do partido.

Alguns dias depois, enquanto todos os moradores tomavam café na cozinha do porão, um grupo de homens da Gestapo apareceu para ver a casa. Entraram e ordenaram para que todos se levantassem e continuaram seu caminho, revistando toda a casa. No quarto do casal, apenas uma revista sobre Arte Moderna estava fora do lugar.

Os judeus estavam proibidos de utilizarem tinturarias e lavanderias arianas. No porão da nova casa, havia um espaço enorme, onde certamente poderiam lavar suas roupas, a Gestapo ainda não havia descoberto esse porão, onde todos da casa armazenavam também algum mantimento, como legumes e verduras, por ser um lugar mais úmido e fresco.

Analizou um discurso de Hitler no qual este fazia ameaças dirigidas à Inglaterra, aos judeus em todo o mundo, notava-se presente o exagero nos insultos contra os inimigos e nas palavras do Führer, os ministros eram burros, a Casa Branca era governada por um demente e Londres por um criminoso. A indignação do filólogo estava no fato dos alemães aceitarem tudo isso, era o décimo ato do governo nazista, o quarto ano de guerra, todos aceitavam e considerava isso pavoroso, porém Klemperer indignava-se e mostrava-se cada vez mais desanimado com qualquer possibilidade de mudança.

Os judeus receberam a ordem de entregar qualquer tipo de metal, zinco, níquel, chumbo e também qualquer espécie de luminária. As cotas de carne e pão branco haviam sido cortadas para os judeus, anunciou-se que devido aos problemas de alimentação da Alemanha, aumentariam as cotas de carne e pão, ou seja, de acordo com a declaração de Göring, o povo alemão não iria passar fome, quando muito, deixaria a fome para os territórios ocupados. Estava deprimido com sua situação e acreditava que logo os judeus poderiam então revirar as latas de lixo da mesma forma que os prisioneiros russos, pois não lhes sobriam nada.

A notícia que duas mulheres haviam morrido no campo de concentração foi um fato que o deixou extremamente surpreso, pois até aquele momento não ouvira notícias sobre morte de mulheres, mas sim de homens. Uma dessas duas mulheres guardara um peixe proibido em sua geladeira e a outra utilizara o bonde para ir ao médico, que só era permitido no caso de trabalho. Foram então transportadas do campo de mulheres da região de Meckelenbur para Auschwitz, que seria o matadouro.

Os alemães experimentaram uma “pequena” câmara de gás em Auschwitz, em 3 de setembro de 1941, matando cerca de 850 pessoas, entre elas seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos, com Zyklon B (cianureto de hidrogênio). O assassinato sistemático de judeus com gás começou em Auschwitz-Birkenau em março de 1942 (GOLDHAGEN, 1999, p.172)

Figura 28- Trem de carga onde os prisioneiros eram transportados para o campo em Auschwitz. 01/07/2010. Fotografia: SNELSON, Brian.

Boatos corriam acerca da guerra, dizia-se que os Estados Unidos não consideravam mais os civis italianos presos como estrangeiros inimigos e que por isso os libertariam. Na última semana, oito mulheres judias de Dresden teriam sido mortas no campo de concentração, diziam que uma mulher foi surpreendida sem estrela pela Gestapo, no caminho para a fossa de lixo de sua casa. Foi espancada até desmaiar e ficou coberta de sangue, teve de assinar que tinha se machucado devido a uma queda e quando esta recusou, foi então mandada para o campo de concentração onde foi morta.

A luta pela sobrevivência acontecia em todas as esferas e cada vez mais pessoas eram mortas acusadas de tráfico de gêneros alimentícios, soubera que cerca de vinte e cinco pessoas haviam morrido por isso, algo que acontecia com frequência em Dresden.

Na casa de judeus, a senhora Ziegler contava boatos um tanto confusos que diziam que estavam em curso negociações de paz entre os Estados Unidos e a Itália e que os russos teriam pedido um armistício, já se ouvia que a Itália estava

cansada da guerra e que com isso os Estados Unidos tentavam atraí-la com a libertação dos prisioneiros italianos internados.

A senhora Eger, amiga do casal, o havia procurado para que ele a ajudasse a arranjar uma estrela de Davi para pregar no paletó de seu marido. Ela soube que o marido iria para o campo de concentração, esta seria então, a última coisa que poderia fazer por ele. As pessoas seriam recolhidas em diversas cidades como Leipzig, Chemnitz, e passariam a noite nas prisões locais, grupos maiores chegariam juntos aos campos de concentração.

Soube da existência do “Acampamento de judeus Hellerberg”, e deduziram, ele e Eva, que seria uma nova espécie de evacuação, porém, desta vez uma evacuação desavergonhada, pois acontecia abertamente. Boatos diziam que o pior na história do acampamento eram os relatos de combate aos piolhos realizado nas mulheres. Enquanto elas andavam nuas no acampamento, eram fotografadas pela Gestapo, tinham de ficar de pé no pátio com cabelos molhados debaixo da chuva fria, também sua bagagem, aberta e remexida, ficava sem proteção à mercê da chuva. Relatos de alguns habitantes do acampamento diziam que os sanitários eram abertos apenas na parte da frente, a comida era ruim, mas ansiavam por melhorias. Klemperer acreditava que tal comparação se dava ao fato de esses moradores pensarem que o acampamento poderia ser muito pior do que de fato era.

Um comunicado do exército do dia 21 de dezembro dizia que pela primeira vez ocorria a invasão dos russos na curva do Don. Divisões alemãs estariam em marcha para aquela direção e teriam ocupado “posições preparadas na retaguarda”. Para ele, nunca um comunicado do exército russo tinha soado de maneira tão lastimável, nem mesmo no último inverno.

No Natal tudo transcorreu razoavelmente diante de tanta angústia e desolação. Faltaram, como no ano anterior, presentes, boa comida, doces, o Natal estava ainda mais pobre do que antes. O pensamento de todos na casa girava em torno de que esse seria o último Natal do Terceiro Reich, apesar de terem pensado assim no ano que se passara e nada havia mudado.

4.2 Os anos finais da guerra e a destruição de Dresden.

Estava angustiado, pois refletia sobre o que via e vivia e percebia que todos à sua volta estavam morrendo, e ele continuava vivo, perguntava-se por quanto tempo ainda iria viver e o porquê ainda vivia. Amava a vida e desejava ardentemente continuar vivendo, as incertezas dos dias futuros o amarguraram ao longo dos anos e concluiu que se tornara outra pessoa, muito diferente de antes.

Soube através de suas conversas entre amigos, que em Viena a situação dos judeus estaria pior do que a dos judeus alemães. A cidade estava sendo totalmente limpa dos judeus, em Berlim também haveria evacuações em massa. Um ano antes, em março de 1941, 5 mil judeus vienenses foram deportados para o governo-geral, mas a evacuação aconteceria em grande escala em outubro de 1941, quando pareceu que a vitória sobre a URSS estava iminente (KITCHEN, 1993). Ainda sobre o destino dos judeus vienenses:

Entre outubro e meados de novembro, 20 mil deles tiveram esse destino e, confinados em gueto em Lodz, esperariam a vez de seguir para o campo de extermínio de Chelmno, onde três caminhões de gás estavam prontos. O campo de Chelmno era improvisado, planejado para ser um substituto temporário até que os grandes campos estivessem em condições de receber as vítimas. Os prisioneiros eram mortos ao chegar – uma vez que não havia alojamentos onde pudessem ficar (KITCHEN, 1993, p. 172)

Também tivera informações de atrocidades contra os judeus romenos, e que estes precisavam cavar sua própria sepultura, despir-se por completo e então eram fuzilados, Eva já havia dito o mesmo com relação a Kiev.

O último dia do ano de 1942 trazia lembranças amargas e ainda mais desconsoladas. Ao voltar do dentista, foi parado por um homem da Gestapo na Prager Strasse que lhe disse: “Você não tem nada a fazer por aqui; suma para as ruas laterais!”.

A alimentação consistia em repolho e batatas, o que provocara fortes dores de estômago em Klemperer. O ano de 1942 tinha sido o pior dos dez anos de nacional-socialismo para ele e Eva, sofrera todo tipo de humilhação, maus-tratos, violações e a matança o havia atingido bem de perto e todos os dias sentia em perigo de vida. Existia ainda a possibilidade de o terror aumentar ainda mais e não era possível prever o fim da guerra e do regime nazista. Não conseguira produzir

nada durante o ano todo, apenas tentou aperfeiçoar um pouco de seus conhecimentos para a LTI.

No início do ano de 1943 a falta de papel era tão grande que não se achava um calendário em parte alguma. Várias demissões ocorreram já no início desse ano. A fábrica Zeiss-Ikon está demitindo os judeus em massa. As demissões teriam atingido metade dos trabalhadores. Constava no decreto do Reich que nenhum judeu poderia trabalhar em indústrias de armamentos.

Eva havia percebido que as crianças em idade escolar aparentavam-se com má saúde. Alimentos para crianças e principalmente, leite integral só eram fornecidos até os seis anos de idade.

A sirene de alerta soou no sábado, dia 18 de janeiro. Fazia muito tempo que a sirene não soava, mais uma vez Dresden fora poupada. Os boatos diziam que a Alemanha ia muito mal nos *fronts*. Os russos tinham como objetivo não somente a Ucrânia, ao sul, mas também o Báltico, ao norte, e Riga já não estaria mais distante deles. Em Stalingrado, o sexto exército, inteiro, junto com exércitos romenos e croatas estavam declaradamente perdidos, a Alemanha recuava ao longo de todo *front* oriental e na África não havia mais nenhuma colônia italiana, apenas Túnis se mantinha encurralada.

A incitação contra os judeus era sem tamanho, mas as medidas piores dadas a eles eram mantidas ocultas dos “arianos”. Segundo Klemperer, as pessoas mais próximas não tinham conhecimento nem das pequenas maldades, nem dos assassinatos cruéis.

Um discurso de Goebbels ameaçava agir contra os judeus, com os “instrumentos mais draconianos e mais radicais”, caso o exterior não parasse de ameaçar o governo de Hitler por causa dos judeus.

Vários casos de maus-tratos aos judeus pela Gestapo eram retratados, todos acompanhados de um constante terror, humilhação e torturas. O fato de ser convocado a apresentar-se na Gestapo já era motivo para temer, além dos casos de suicídio resultantes de tal convocação. A notícia de vários amigos mortos assustava o autor, pois pensava que a próxima notícia seria de sua própria morte.

Um novo decreto no início de março dizia que quem passasse algo para os judeus destinados à evacuação seria fuzilado por ordem policial. Soubera que duzentos judeus tinham sido evacuados.

Alguns dias antes foi emitido um selo em comemoração ao aniversário de Hitler que algumas agências do correio enfeitaram com um carimbo especial: “Protegemos a Europa do bolchevismo”. Os termos anti-bolchevismo e bolchevismo judaico estavam por toda parte.

Recebera novamente a ordem do serviço obrigatório, porém não se importava com o tipo de trabalho que seria obrigado a fazer, preocupava-se com a perda de tempo das oito horas de trabalho e o quanto poderia produzir com suas obras nesse tempo.

Sobre a guerra ouvia-se que os russos haviam fuzilado cerca de quatro mil oficiais poloneses. Soldados alemães descobriram os corpos enterrados em uma vala comum no bosque de Katyn. “Britânicos e americanos, embora soubessem perfeitamente quem eram os responsáveis pelo massacre de Katyn, acusaram em altas vozes os alemães pelo crime”. (KITCHEN, 1993, p. 229) Na Tunísia, o lado alemão estava em marcha ré, com isso crescia novamente a esperança.

Como resultado do controle da Gestapo feito na fábrica em que Klemperer estava trabalhando, teriam de usar braçadeiras amarelas durante o trabalho a fim de que os não-estrelados também fossem identificados. Incitação ininterrupta no rádio, da maneira mais absurda, mas indigna. Na fábrica, as pessoas diziam que mesmo que a guerra terminasse os judeus nunca mais teriam sossego, pois o antissemitismo estava profundamente arraigado no povo.

Na madrugada do dia 15 para 16 de maio de 1943, a sirene de ataque aéreo soou, tinha sido a segunda durante aqueles dias. Sem entender direito o porquê, Dresden havia sido poupada novamente.

Na congregação israelita, havia sido informado “oficialmente” que os judeus estavam proibidos apenas de possuírem o rádio, não de o ouvirem. Os ingleses haviam bombardeado duas barragens “de maneira criminosa”. Depois, foi comprovado através de uma notícia em um jornal inglês que tal plano tinha sido

elaborado por um judeu, desde então os judeus sofreriam ainda mais com incitações, ameaças e mortes.

Em um artigo do jornal *Freiheitskampf*, intitulado “A culpa dos judeus”, acusaram os judeus de prepararem a Primeira Guerra Mundial, e que se dedicaram desde o começo do século a tornar a Alemanha indefesa. O judeu era culpado de tudo, apenas o judeu.

Aos poucos, Klemperer desenvolve uma amizade sincera com seus colegas de trabalho na fábrica e eram vários. Konrad, Lazarus, Witkowsky, Lewin, Bergmann, Frank, Jacobowicz, Berghausen, Kornblum, Juliusburger, Prof. Conradi, Freymann, Feder, Stern, Neufels, Aris, Edelmann, Levy, Joachimsthal, o pintor Gimpel, ao todo, somavam com ele, 21 pessoas. Grande parte dos homens era composta por idosos, sexagenários, outros nem relação com o judaísmo tinham.

Um boato contado por um amigo dizia que teria havido um banho de sangue em Varsóvia. Os alemães teriam fuzilado o gueto inteiro, incêndios e milhares de mortos, por conta do levante de judeus contra a deportação para os campos de extermínio.

No rádio, o editorial de Goebbels no Reich informava que Stálin havia dissolvido o Komintern. Por trás de tudo estava o judeu, o bolchevismo, a plutocracia judaica, definitivamente os judeus estavam em tudo, e seu objetivo seria a hegemonia mundial judia. Em outro artigo de Goebbels, observava o tom abafado e resignado: o povo deveria arriscar sua vida como uma mãe a fim de dar à luz uma nova vida! Uma visão geral demonstrava que “apesar de tudo ainda estavam do lado vencedor”.

Os judeus estavam proibidos de irem à escola, considerava isso uma afronta desigual e acreditava que de fato todos queriam era que os judeus mergulhassem no analfabetismo (KLEMPERER, 1999, p. 620) Em meados de junho, ao passar pela Wormser Strasse, um grupo de rapazes de bicicleta passou por ele e gritaram: “Esse aí vai levar um tiro na nuca, eu aperto o gatilho...esse aí vai parar na forca-agiota.” Mais um insulto para sua coleção.

A guerra estava estagnada, sentia-se abalado por essa situação, pelo que Goebbels denominou de “guerra na penumbra”. Alguns dias depois, a Alemanha anunciou grandes sucessos em Kursk e ataque da entente à Sicília.

Pelo rádio notícias da guerra informavam que a situação parecia estar muito aflitiva para a Alemanha, a incitação ao judeu continuava forte. No Der Stürmer uma caricatura de judeu escrito: “Quem é o culpado pela guerra? Este aqui!”. O rádio ainda mencionava que o “ataque terrorista a Roma” tinha sido ordenado pelos judeus e que isto significaria a guerra do judaísmo contra a cristandade.

A escassez de produtos e alimentos tornava-se maior. Muitos artigos estavam em falta, não mais se encontrava lâminas de barbear a venda, em algumas lojas especializadas afiavam dez lâminas usadas por cinquenta pfennigs, havia escassez de batatas e a nova colheita destas só seriam fornecidas aos arianos.

Ouviam-se as notícias da guerra através de amigos, e também pelo rádio. Soube que Palermo tinha caído, no leste os russos avançavam. Em 26 de julho de 1943, o autor ouvira a notícia no rádio que Mussolini havia renunciado e também a ordem a todos os soldados de voltarem à Itália em licença de férias para apresentarem-se aos quartéis. Na imprensa, apresentavam a notícia de um jeito disfarçado, dizendo que o “primeiro-ministro Benito Mussolini, presumivelmente por motivos de saúde” teria apresentado sua renúncia que fora aceita pelo rei.

No dia 17 de julho, Roosevelt e Churchill prometeram que a Itália teria um lugar honroso na família europeia de nações se os fascistas fossem depostos. Em caso contrário, Roma seria bombardeada. Dois dias depois, Roma foi de fato atacada, resultando o bombardeio em 1.500 mortes, entre as queixas a do general Hazon, o comandante realista dos Carabinieri. Em 24 de julho, o Grande Conselho reuniu-se e discutiu uma moção magistral apresentada por Grandi, vazada em linguagem deliberadamente obscura e que, ao convidar o rei a assumir seu papel constitucional no processo decisório, solicitava ao monarca a exoneração de Mussolini. Após demorado bastante, a moção foi aprovada por maioria substancial. Ao visitar o rei no dia seguinte, Mussolini foi não só demitido mas preso, como aconteceu também com numerosos outros fascistas eminentes. (KITCHEN, 1993, p. 213)

Duas novas leis judias diziam que os bens judeus dos maridos dos casamentos mistos caducariam em caso de sua morte e a mulher ariana poderia receber uma indenização.

Os dias que seguiram à renúncia de Mussolini foram acompanhados do silêncio da imprensa. Simplesmente não se tinha notícia, não se falava mais do *Duce*, nem mesmo no dia de seu aniversário.

No dia 1º de agosto, recebeu uma nova carta da Gestapo, intimando-o a apresentar-se na segunda-feira no prédio da Gestapo, o assunto seria: informação referente a bens guardados no depósito. Ele sentia que a morte o rondava, mesmo assim compareceu à Gestapo (KLEMPERER, 1999, p. 629) O interrogatório durou apenas 5 minutos e a espera 15 minutos. A Gestapo queria saber se ele tinha móveis na firma Thamm, pois precisavam liberar espaço nesses depósitos. Ao sair do prédio da Gestapo, respirou aliviado e olhava para a vida novamente, diante do temor que sentiu durante o interrogatório.

No rádio escutara um comunicado do exército de que tropas inglesas desembarcaram na Calábria e que tropas italianas e alemãs estariam em luta. A situação em que a guerra se encontrava fazia com que ele tivesse suas esperanças renovadas, afinal, o aliado tinha se tornado o inimigo mais ferrenho, sem dúvida, o exército todo não foi desarmado, a outra parte, desarmada, precisaria ser substituída por tropas alemãs. Hitler assegurava que na Alemanha não haveria um 3 de setembro, ou seja, a queda do *Duce* e a capitulação.

O rádio transmitia o que a imprensa espalhava. Em Salerno, os alemães estariam vencendo dois exércitos anglo-americanos, e teriam libertado o *Duce*, o que seria uma vitória grandiosa, “uma batalha perdida” para o inimigo.

Na madrugada do dia 21 de setembro de 1943, soou a sirene de alarme por meia hora e, provavelmente o alarme era em relação aos aviões bombardeiros retornando de Berlim. Um novo decreto dizia que todo judeu teria de designar uma pessoa de confiança que comunicasse seu falecimento imediatamente a Neumark. Isso foi decretado, porque a fortuna dos judeus recairia ao Estado após sua morte.

A fábrica era um lugar poeirento que deixara seus óculos embaçados e o fazia enxergar as lâmpadas elétricas enevoadas. Ouviu relatos de seus colegas de trabalho de como era o campo de concentração em Dachau. Um amigo da fábrica, companheiro de trabalho, Kretzschmar esteve seis anos no campo de concentração em Dachau, descrevia que não havia cerca em torno do campo, apenas uma faixa

branca e diante dela, a cada dez metros, posicionava-se um homem da SS com a metralhadora, caso alguém avançasse sobre a faixa, a metralhadora esfaqueava-o. Kretzschmar relatou à Klemperer casos como a sentinela que deu um tapa em um sujeito e seu boné caiu rolando para fora da faixa, o sentinela disse: Vá buscar o seu boné! A metralhadora disparou e o sujeito foi fuzilado 'durante a fuga'. Um grupo grande tinha de cavar uma sepultura, colocavam-se diante dela e eram fuzilados. O trabalho era cultivar o pântano de Dachau, uma área de dez metros por dois metros e meio e vinte de profundidade. Quem não cumprisse a tarefa diária, como castigo teria de fazer exercícios, carregando sacos de areia, envoltos com panos pesados. A comida era 'batatas com anéis', o que significava que apenas uma tira era descascada, quem não engolissem a casca restante estava sujeito à punição.

Desde 9 de outubro de 1934, ele dizia a cada aniversário: 'No ano que vem estaremos livres!'. Ele nunca tivera acertado até então. Desta vez, contudo, realmente tudo leva a crer que o fim estava próximo, mas ele e Eva mudariam para a terceira casa de judeus e não sabia por quanto tempo ainda sobreviveriam.

Naqueles dias estava totalmente sobrecarregado e não conseguia escrever uma página sequer do seu diário. A vida estava uma mesmice total, os fatos se repetiam, a guerra tornava-se infundável, arianos e judeus achavam que a guerra ainda duraria um ano. Desde o começo do mês de novembro, ele estava sem a aposentadoria.

Não conseguia escrever todos os dias, como vinha fazendo, e suas anotações eram feitas a cada 10 dias. O casal se mudara para a nova casa de judeus na Zeughausstrasse em 30 de outubro do mesmo ano e talvez esse fosse o motivo dos escritos espaçados.

Casos de delação também eram frequentes e soube de dois casos contados pela senhora Winde, disse que no cupê do trem de passageiros, um oficial e uma senhora estavam lendo. Duas senhoras subiram no trem e começaram a falar mal do governo, a discussão tornou-se algo insuportável e o oficial a fim de cessar a discussão, deu um basta. As mulheres, no entanto, mostraram o distintivo da Gestapo e disseram ao oficial: "É muito grave que o senhor, como oficial, tenha ouvido tudo em silêncio. E essa senhora aí não protestou de forma nenhuma. Os dois serão denunciados." Outro caso ainda relatado pela senhora Winde, referia-se a

um judeu que usava a estrela de Davi como identificação e que foi insultado na rua, a cerca dele formou-se um pequeno grupo de pessoas, alguns tomaram partido do judeu. Depois de certo tempo, o judeu mostrou o distintivo da Gestapo do lado interno da gola de seu paletó e seus partidários são anotados.

Em 14 de dezembro de 1943, estavam na terceira casa de judeus, na Zeughausstrasse. Sentia-se mal em alguns momentos na casa, mas a pior coisa da casa era a promiscuidade. Tratava-se quase de uma vida em barracas, uns tropeçavam nos outros, a maior confusão. O banheiro e o toalete eram comuns, cozinha em conjunto, a pia era dividida entre três pessoas, a falta de privacidade na casa era a pior coisa para ele.

Ouviu notícias da guerra, eram detalhes tenebrosos a respeito de Leipzig. Grande parte da cidade teria sido destruída em vinte e cinco minutos, a universidade, o museu, o novo teatro.

A 29 de dezembro, durante a noite, alarme curto soou e todas as pessoas da casa ficaram no abrigo antiaéreo. Berlim foi mais uma vez severamente atingida, Dresden ainda era poupada, o que fazia reinar um pavor por toda parte.

O resumo do ano de 1943 se restringia ao trabalho desde abril na fábrica, a mudança para a casa de judeus na Zeughausstrasse, o estado de saúde de Eva, cada vez pior, e havia poucos dias, o médico confirmara que ele estava com angina.

No início de 1944, tivera notícias da guerra que dizia que os russos tinham avançado na região de Shitomir, portanto, a contraofensiva alemã em Kiev teria fracassado definitivamente. No início de janeiro, soou outra sirene de alarme contínua, que era utilizada no caso de perigo imediato. Logo após no rádio, escutou que se tratou de um ataque frustrado a Berlim e Leipzig. A imprensa naquele momento enfatizaria muito a força crescente da defesa antiaérea alemã. Não sabia mais qual era a verdadeira opinião do povo ou sobre qual era o verdadeiro estado de espírito do povo e do exército, dizia ele que a decisão viria de uma iniciativa qualquer, um grupo qualquer, um estado de espírito qualquer que se propaga. Uma semana depois, o alarme curto soou, mas logo os três tons breves como fim de alerta.

No dia 30 de janeiro, comemoração do dia da “tomada do poder”. Pela manhã, desfile de moleques e da juventude hitlerista com música e barulho. Lenharo (2003) menciona as características das comemorações nazistas, um “espetáculo do poder”:

Cada acontecimento era preparado minuciosamente pelo próprio Hitler. Cada entrada em cena, a marcha dos grupos, os lugares dos convidados de honra, a decoração geral, flores, bandeiras, tudo era previsto. Aos poucos, a forma foi sendo definida, e os acontecimentos ganharam o sentido de um ritual religioso – um ofício -, que se manteve imutável em sua forma. Florestas de bandeiras, jogos de archotes, a multidão disposta disciplinadamente, a música envolvente, os canhões de luz. (LENHARO, 2003, p. 39-41)

Incomodava-se com os constantes insultos que sofria na rua e o que seus amigos também passavam. Um dia ao passar pela rua, estava caminhando até Katz, quando um homem mais velho passou por ele e gritou: “Judas!”. No corredor da assistência médica, ele era o único com a estrela, ao passar por entre os bancos repletos de pessoas, ouviu um trabalhador dizer: “Deveriam dar-lhes uma injeção. Assim se acabaria com eles!”. Ao sentar-se do lado de uma senhora, esta disse que aquilo era uma maldade, e que aquele senhor deveria sentir na pele o que havia desejado a ele.

Em meados de fevereiro ele e sua esposa ouviram muito claramente russos cantando em marcha. A canção da marcha era monótona e melodiosa, as vozes eram suaves, com alguns tons isolados do sonoro solista, o resto cantado em coro, os acordes semelhantes ao de música sacra. Eram ucranianos em uniformes alemães, russos à semelhança dos franceses da região da Vendée.

A guerra estava estagnada. Porém, as cidades alemãs estavam sendo destruídas a todo instante, de dia e à noite. Nos jornais, tudo era escamoteado ou mencionavam os fatos com um texto curto, estereotipado. Entre o povo era possível ouvir as histórias mais assombrosas.

A imprensa alemã confirmou o que sabia através da rádio inglesa, que os finlandeses estavam em negociações com os russos. Acreditava que tal acontecimento não representaria um fim próximo, mas já servia de alento a todos.

Anotara no diário que ele e funcionários da fábrica haviam ganhado um pedaço de coração ou fígado de cavalo, ou seja, uma parte da distribuição regular aos arianos. Este donativo acontecia às escondidas, pois era proibido pela Gestapo.

Na madrugada do dia 2 de abril de 1944, a sirene de alarme soou. Alarme curto, logo após, o alarme longo. Somente o fato de ter que ir até o abrigo antiaéreo fazia muito mal para Eva, para ele era cerca de horas perdidas de sono, o que aumentava seu cansaço durante o trabalho na fábrica.

Boatos diziam que durante o dia inteiro os americanos castigavam a Alemanha Central, porém apenas uma parcela mínima disso tudo aparecia nos jornais. As pessoas diziam que as coisas estavam catastróficas no front do sul da Rússia, também na Galícia e na Romênia.

Alguns dias depois, na noite do dia 29 de abril, outra vez a sirene de alarme, primeiro um alarme curto, depois o longo, acompanhado de disparos. No abrigo, um microfone anunciou que os aviões inimigos encontravam-se ao sul de Brandenburg e alguns tinham sido abatidos em Dresden.

No jornal um encontro do Führer com o *Duce*, de quem não se falava mais nada, uma coisa realmente fantasmagórica. As manchetes eram as mesmas, sobre o eixo e a vitória final, como nos velhos tempos. Mussolini tinha passado em revista novas “divisões” italianas, recém-formadas, que lutariam pela “república fascista”, pelo eixo e pela Alemanha. Fotos do *Duce*, que não deveriam ter sido publicadas, o homem que antes era vigoroso, corpulento, autossuficiente como um César, estava encovado e abatido, era um servo e escravo dos alemães, humilhado, doente. Ele reafirmou que era uma farsa propagandística fantasmagórica, em outra parte, uma grande piada, até mesmo para os nacional-socialista.

Soube que a sobrinha de um amigo, Steinitz, que morava em Berlim, fora até Dresden em uma excursão de fim de semana. Ele se sentia abalado pelo que a jovem contou sobre Berlim, algo que confirmaria o que Goebbels sempre enfatizara: os berlinenses já estavam acostumados com os bombardeios. No último alarme que tiveram em Dresden, enquanto estavam no abrigo antiaéreo, Berlim sofreu um pesado ataque. As ruas foram severamente destruídas, por toda parte perdas humanas, mas dizia-se que no geral o ânimo das pessoas era bom, estavam perseverantes. Recebiam cotas extras de comida, que os ajudava muito, havia algumas queixas, mas a maioria das pessoas mantinha-se na irreverência berlinense, bem-humorada e autoconfiante. A sobrinha de Steinitz dizia que não se via nenhum judeu usando a estrela de Davi em Berlim e que a Gestapo estaria de

acordo com isso, ou fazia-se despercebida. A estrela não era usada ou era escondida, e caso a Gestapo fosse forçada a intervir por conta de uma denúncia, o denunciado recebia primeiramente uma advertência e só depois uma multa em dinheiro.

Na manhã do dia 30 de abril era possível escutar cantos, fanfarras, marchas e gritos, era o desfile da juventude hitlerista e também da liga das moças alemãs que passavam sobre a Ponte Carola. Só conseguia sentir aversão a essa desindividualização e à encenação de massa, mas concluía que era um indício geral da época.

Durantes alguns dias, analisou os editoriais de Goebbels, e disse que este repetia seus poucos pensamentos em constante superação. Goebbels escrevia que na Alemanha existiam as melhores medidas sociais, que possuíam o verdadeiro socialismo, tudo era realizado para o povo. Os alemães tinham as mãos limpas, até mesmo os estrangeiros que moravam na Alemanha estariam convencidos que no país reinava a justiça, talvez até vivessem em condições melhores na Alemanha em guerra do que em seus países de origem.

Em 5 de junho de 1944 foi confirmada a retirada de Roma e, ao mesmo tempo, tornou-se público o manifesto de Hitler de que a invasão traria a derrota definitiva dos inimigos. Eva chegou a casa com notícias de que a invasão havia começado na região de Cherbourg. Havia conseguido uma declaração da qual estaria inapto para o trabalho, obtendo a dispensa do serviço obrigatório por um prazo indeterminado.

Os ingleses estavam próximos de Caën e Bayeux, o desembarque fora bem-sucedido. Na Normandia, a batalha oscilava, na Itália, a Inglaterra avançava rapidamente, no sul da Rússia estava tudo muito quieto, na Finlândia, os russos ganhavam terreno.

Boatos sobre a guerra diziam que a situação na Rússia era péssima, desesperadora e catastrófica. Dizia-se que os alemães estavam recuando rapidamente, deixando até mesmo o equipamento para trás, as cidades de Vilna e Dünaburg caíam dentro de três dias, mais quinze dias e o inimigo estaria na Alemanha e então viria o fim.

A ofensiva de verão soviética começou na noite de 20 de junho com participação em grande escala de guerrilheiros. Cerca de 10 mil explosões ao longo das estradas de ferro que abasteciam o Grupo de Exércitos Centro alemão desorganizaram eficazmente os suprimentos. Iniciada a ofensiva principal dois dias depois, as ordens de Hitler de que não haveria retiradas e que certas áreas, designadas como “pontos fortes”, deveriam ser defendidas até o último homem, resultaram no isolamento do 3º Exército Panzer em Vitebsk e no cerco do 9º Exército em Bobruysk. (KITCHEN, 1993, p. 234)

Eva viajara até Pirna, ela tinha de suplicar por cupons de pão, estavam vivendo daquilo que mendigavam, e esperava que o fim estivesse o mais próximo possível.

Ouvira um caso que dizia que operárias polonesas eram sempre mandadas para casa quando engravidaram. Muitas querendo voltar para casa, ficaram grávidas. Dizia-se que tinham tirado os bebês de quinhentas grávidas porque precisavam delas como mão-de-obra e não queriam nenhum aumento da população polonesa.

Ao ler os comunicados do exército, dizia que tinha a impressão de que as coisas estariam ruins para a Alemanha, estavam recuando no leste, Grodno foi evacuada, a oeste, combates ferrenhos, “bomba de sucção” anglo-americana, na Itália recuo constante. Já nos jornais, os fatos demonstravam que a Alemanha estava muito bem, os inimigos da Normandia estavam se esvaindo em sangue, não conseguiam nada decisivo na Itália e nem no leste. Só esperava pela catástrofe que iria acontecer, só não sabia ainda o dia.

Analizando a linguagem usada por Goebbels, frisou a relação das palavras do superlativo. No jornal *Dresdener Zeitung* do dia 17 de julho, um artigo de Goebbels dizia que a fé alemã corroborou-se na certeza inabalável da vitória. Naquele instante nenhum poder do mundo e nenhum demônio poderiam arrancá-los do inferno mais profundo, pois tinham se tornados uma raça de ferro.

Outro artigo do mesmo jornal, do dia 18 de julho dizia: “Judeus na Normandia”, ainda haveria combates e surgiram então os eternamente ávidos, os “narizes aduncos” para tomar posse. Seria, de fato, a “sua” guerra, “a guerra de toda a Judá”. Estavam todos aguardando uma justificativa para o artigo, ele consistia em um decreto de De Gaulle, que dizia que as leis contra os judeus estariam suspensas.

No dia 20 de julho de 1944 aconteceu um atentado contra Hitler. Soube do fato através da senhora Witkowsky que disse que o atentado contra Hitler tinha acontecido no quartel-general, por oficiais alemães, citados nominalmente e imediatamente fuzilados. No jornal, a pronúncia de Hitler dizia que quem tentou lhe matar fora “uma pequena malta de oficiais idiotas”, mas que já teria sido eliminada, e ele teria sido poupado “pela providência”. Hitler transferiu o comando geral do exército da pátria a Himmler.

Eva tinha ouvido um comunicado do exército na Pirnaer Platz, que havia ocorrido pequenos avanços dos anglo-americanos na Normandia, os russos progrediram no leste, a Itália permanecia em silêncio.

No jornal *Dresdener Zeitung* do dia 7 de agosto, a notícia de que Himmler falou da “guerra santa popular” em uma recepção dos chefes e dirigentes no quartel-general do Führer. Hitler declarava estar protegido pelo destino, porque a nação precisava de um homem que não capitulasse sob nenhuma condição, e sim empunharia com tenacidade a bandeira da fé e da confiança, e acreditava que nenhum outro faria como ele.

Fora até uma farmácia perto da casa que estava sempre superlotada. Ele já desconfiava que a balconista fosse uma criatura hostil aos judeus, e realmente estava certo. A moça simplesmente atendeu o máximo de pessoas possíveis ou conversava sem parar com algum freguês. Ficou esperando até que um senhor disse à moça que ele havia chegado antes dele, a moça se fez de desentendida e perguntou o que o homem desejava, o homem relutou dizendo que quem era para ser atendido era Klemperer que já estava ali havia tempo. Isso o amargurava e simplesmente não conseguia ser indiferente a essas coisas, se sentia muito ferido.

Soube de vários judeus idosos, cerca de trezentas pessoas que haviam sido levadas de Terezin e, em seguida, a rádio inglesa comunicou a morte deles em meio ao transporte, teriam sido asfixiados por gás.

Não havia mais entre os judeus a ideia de propriedade dos livros. Muitos foram roubados, deixados para trás, passados de mão em mão. Nada que fosse propriedade judia estaria seguro. Um apelo nos jornais por livros, principalmente

dicionários de propriedade particular deveriam ser doados, houvera muita destruição de bibliotecas públicas durante os ataques aéreos.

A 25 de agosto do mesmo ano, notícias da rádio alemã sobre a queda da Romênia. Um alarme longo no dia anterior era devido algumas bombas que caíram no vale de Freital. No início de setembro, a notícia através do jornal *Freiheitskampf* de que a Finlândia tinha capitulado e que a Bulgária teria recebido um “ministério suicida”, isto é, um ministério voltado para a Rússia.

Uma notícia de uma rádio estrangeira dizia que quando os russos avançaram por Larusha, fronteira de Varsóvia, encontraram homens da SS em vias de fuzilar mil judeus, entre homens, mulheres e crianças. Os russos libertaram os judeus e puseram os homens da SS no paredão, acreditava e muito nessa notícia, e que na verdade todos se perguntavam quantos judeus viveriam na Polônia.

Duas notícias seguidas no jornal de um ataque aéreo sobre o campo de concentração de Auschwitz, também sobre o campo de concentração de Buchenwald perto de Weimar, estavam entre os mortos, os prisioneiros Thälmann e Breitscheid. Klemperer indagou-se sobre os acontecimentos, questionava sobre quem bombardeou Buchenwald, e se Thälmann e Breitscheid ainda viviam nessa ocasião, ou se já estavam mortos antes do ataque.

Figura 29- Estes são trabalhadores escravos no campo de concentração de Buchenwald perto de Jena, muitos morreram de desnutrição quando as tropas americanas da Divisão 80 entraram no campo. O homem muito doente deitado na parte de trás na parte inferior do beliche é Max Hamburger, que tinha desnutrição e grave tuberculose. Ele se recuperou e tornou-se um psiquiatra na Holanda. Segunda linha, sétimo da esquerda é Elie Wiesel. Foto tirada 5 dias após o resgate. 16 de abril de 1945. Fotografia: MILLER, Private H.

No jornal *Dresdener Zeitung* de 19 de setembro de 1944, um artigo dizia que os alemães continuavam a proteger a terra finlandesa. A destruição era inevitável aonde quer que os soviéticos atacassem. Dizia ainda que onde as destruições fossem necessárias, não se tratava de uma ação contra o povo finlandês, e sim contra o inimigo mortal do povo finlandês, o bolchevismo. Sobre os combates ferrenhos enfrentados pela Alemanha, Kitchen (1993) menciona:

O major-general Brian Horrocks disse que a guerra poderia ter terminado em setembro de 1944. Concorde com isso a maioria das autoridades. Não havia forças alemãs apropriadas por trás do Reno e a frente se encontrava aberta de par em par. Em fins de agosto, os britânicos se encontravam na Antuérpia, a apenas 160 km do Reno e do Ruhr e havia uma brecha de 160 km na frente alemã. O general Student recebeu ordens de Hitler para fechar a brecha e defender o canal Albert, mas seu 1º Exército de Pára-Quedistas era composto do que conseguira raspar no fundo do barril. Em toda a Frente Ocidental, os alemães tinham apenas 100 tanques, os Aliados, 2 mil; a Luftwaffe possuía 570 aviões contra 14 mil. (KITCHEN, 1993, p. 254)

A todo o momento e principalmente naqueles tempos de guerra temia que suas anotações fossem descobertas. Pensava que pagaria com a vida se fossem descobertos, não só a sua, mas as de muitas pessoas que citava e que precisou citar nominalmente, caso quisesse alcançar um valor documental. Sentia obrigação em escrever, além disso, já fazia doze anos que não pode publicar mais nada e apenas foi ajuntando mais e mais material. Anotou tudo o que pôde todos os dias, porque não queria deixar uma folha em branco.

No dia 8 de outubro às onze e quarenta e cinco da noite, soou o alarme de bombardeio, seguiu então até o abrigo antiaéreo e conseguiu ouvir tiros de bateria antiaérea, seguido de detonações fortes que certamente eram bombas. Logo após, a luz acabou, ouvira um forte e crescente estrondo e um chiado no ar, provavelmente bombas caindo nas proximidades. Depois de certo tempo tudo se acalmou. Da entrada do abrigo antiaéreo podia se ver no céu serpentinas e círculos brancos. Diziam que nas cercanias da estação Wettiner havia nuvens de fumaça e ouvia-se a sirene de bombardeios. Dresden tinha sido bombardeada pela primeira vez.

O jornal comentou que o ataque propriamente dito à muralha do oeste ainda estava por acontecer e para impedir o envio de reforços, a Alemanha toda seria bombardeada. A tranquilidade entre todos havia acabado, o momento era de turbulência.

O comunicado do exército mencionava várias cidades atingidas, mas não incluíam Dresden. A Inglaterra comunicou que havia cinco mil aviões sobrevoando a Alemanha no dia do ataque, mas nos jornais nada era mencionado, apenas um artigo, a seu ver muito grosseiro, de caráter didático, de como as pessoas deveriam se comportar no caso de um ataque aéreo. A omissão de fatos era constante nos jornais alemães, algo que chegava a soar de modo grotesco. Os jornais diziam que das cidades grandes, apenas Dresden e Breslau tinham sido poupadas. Havia pouco tempo que Breslau tinha sido mencionada em ruínas pelo comunicado do exército.

Os dias que se seguiram foram dias de angústia e medo para o casal. Ele ouvia insistentes alarmes de aviso de ataque aéreo, alguns curtos, outros longos, alertando ao risco iminente de bombardeio. Nos finais de semana, os americanos

eram esperados, tal como caixeiros viajantes que percorrem certas regiões em dias fixos.

Na noite do dia 16 de outubro de 1944, Lang e Neumark, moradores da casa, acordaram Klemperer para avisar de uma nova ordem aos judeus de se apresentarem no outro dia pela manhã na Wettiner Strasse 33. A rua estava interditada para pedestres, ele observou algumas casas destruídas, na calçada duas filas estavam formadas e ao lado do grupo de judeus havia também alguns arianos e pequenos grupos de mulheres. O administrador de trabalhadores judeus, Köhler, fez a chamada e a divisão de tarefas, os grupos formados partiram. Não partiu e permaneceu junto ao grupo de doze pessoas aproximadamente, que segundo o administrador, não teriam utilidade.

Seu amigo Konrad lhe visitou e conversaram a respeito do destino dos judeus e que segundo relatos de soldados, os judeus foram todos assassinados antes da retirada dos alemães e que cerca de seis ou sete milhões de judeus teriam sido massacrados, fuzilados e mortos com gás. Também os judeus de Dresden corriam o mesmo risco.

Do lado “ariano”, também se ouviam reclamações quanto à fome intensificada e o crescente risco de vida. Os judeus eram ainda mais atingidos por estas coisas, recebiam uma quantidade bem menos de comida e suas vidas não estariam somente ameaçadas por bombas, mas também pela Gestapo.

No dia 24 de outubro, na hora do almoço, soou a sirene de alarme. Por alguns minutos, artilharia pesada, ouvia-se a queda estrondosa de estilhaços da bateria antiaérea. Após aproximadamente um mês, outro ataque, ouvia-se a artilharia pesada por meia hora sem parar. Deveria ter sido um ataque severo, ocasionando muita destruição e mortes nas proximidades, mas ninguém sabia onde de fato teria sido o bombardeio, tudo era omitido.

Uma nova determinação obrigava os judeus a utilizarem apenas a parte dianteira do bonde elétrico e não pisar no interior do veículo. Os bondes traziam um grande cartaz com novas ordens de trânsito: subida só pela porta dianteira, descida apenas pela porta traseira.

O ano de 1944 trazia como data verdadeiramente importante para Klemperer, o dia 24 de junho, quando recebeu a dispensa do trabalho obrigatório. Sentia-se pouco esperançoso e apático, considerava duvidoso o fim da guerra. O estudo era a melhor forma que encontrava para livrá-lo da ideia de morte. Sua condição financeira também estava péssima, mas dizia que essa situação lhe afligia menos do que a sensação de morte cada vez mais próxima. O ano finalizara de maneira muito decepcionante para todos, afinal, esperavam que até dezembro a guerra estivesse terminada. Na noite de São Silvestre, das vinte e duas e quinze até as vinte e duas e trinta da noite o alarme soou.

No início do ano de 1945, tivera contato com um artigo de Goebbels glorificando o Führer. Considerava cada vez mais repugnante para ele estudar os jornais: *Dresdener*, *Reich*, *Deutsche Abendzeitung*, pois reinava neles uma esterilidade total, uma constante competição tanto do ponto de vista do estilo, quanto do conteúdo. Segundo Kitchin (1993) a situação da Alemanha em janeiro de 1945 era irremediável.

A cada dia a guerra se afirmava como a guerra judia para o Terceiro Reich, pois ninguém podia vivenciá-la de maneira mais central e trágica do que o judeu. No jornal *Dresdener Zeitung* de 12 de janeiro de 1945, um artigo de Estocolmo publicado sobre a planejada “reeducação” da juventude alemã.

O comunicado do exército do dia 14 de janeiro anunciou o começo de uma ofensiva na Prússia Oriental, o comunicado inglês forneceu informações precisas sobre a ofensiva do Weichsel, os russos teriam partido de Baranow e Sendomir e atravessado três posições alemãs em uma faixa de sessenta quilômetros de largura e quarenta quilômetros de profundidade, teriam marchado por Kielce e estariam a sessenta quilômetros de Cracóvia, em direção à Alta Silésia.

Dresden fora novamente bombardeada. Após o alarme curto seguido pelo alarme longo, o casal dirigiu-se ao abrigo, onde era possível ouvir os aviões se aproximando, uma série de denotações, bombas solitárias. Um forte zunido dos bombardeiros bem acima do abrigo e a pressão que o ar fez, estremeceu a porta. A luz apagou por alguns minutos, todos esperavam no abrigo em uma tensão desagradável. Quando saíram, podia-se ver a fumaça no céu, ouviram outro zunido,

eram mais bombas. Somente depois de algum tempo receberam um aviso definitivo de fim de alerta.

Os americanos haviam bombardeado não só a estação de Friedrichstadt, mas também os trilhos da estação principal, junto às pontes Hohen Brücke e Nossener Brücke. Durante a noite, novamente soou o alarme, todos seguiram para o abrigo e escutavam a artilharia distante, contínua e violenta. Varsóvia, Cracóvia, Lodz e Czentochau tinham sido tomadas, a fronteira da Alta Silésia foi atingida.

No dia 19 de janeiro de 1945, uma declaração russa transmitida pelo rádio, informava que no ano do jubileu da “tomada do poder”, no dia 30 de janeiro, estariam em Berlim. A partir de um boletim inglês, os russos estavam em Liegnitz, em toda Alta Silésia e em Danzig (KLEMPERER, 1999, p. 752) Soubera que em um discurso de Thomas Mann⁶⁴, o escritor teria dito que os alemães assassinaram um milhão e meio de pessoas e algumas centenas de milhares de judeus na câmara de gás, teriam triturado seus ossos e utilizado como adubo.

Quando voltou de seu trabalho, a senhora Stühler trouxe a notícia de que “veículos blindados” russos teriam avançado sobre Berlim. Eva trouxera outra notícia através de Kreisler de que Berlim teria um congestionamento caótico de massas de refugiados e transportes de tropas, e nesse caos teria ocorrido um duplo bombardeio, que seria o motivo dos dois últimos alarmes. No mesmo dia desta anotação, depois de algumas horas, já à noite, que os russos não estariam em Berlim e que seu avanço teria parado, notícia que o deixou desanimado.

No dia 5 de fevereiro, Eva ouviu o rádio na Pirnaer Platz, que os russos estariam em Arnswalde, cerca de sessenta quilômetros de Stettin e a ofensiva inglesa nas proximidades de Colônia. “Mais ao sul, o 1º Exército americano chegou a Colônia no dia 5 de março e empurrou os alemães para o outro lado do Reno.” (KITCHEN, 1993, p. 258) Um dia depois, os cinemas estavam fechados, provavelmente por falta de carvão.

⁶⁴ Referência ao discurso de Mann, de 14 de janeiro de 1945, onde consta: “De 15 de abril de 1942 a 15 de abril de 1944, foram assassinados apenas nestes dois campos alemães [Auschwitz e Birkenau] um milhão, setecentos e quinze mil judeus.”

Os boatos circulavam rapidamente e a nova notícia seria a de que havia um controle rígido nas ruas exercido pelos soldados da SA.

Os dias 13 e 14 de fevereiro de 1945 nos diários se referem à destruição de Dresden (KLEMPERER, 1999, p. 758-760) A sirene de alarme soou e todos correram para o abrigo antiaéreo, logo se ouvia o zunido sempre mais baixo e mais barulhento de esquadrilhas que se aproximavam, a energia acabou e ouvia-se do lado de fora: “Bomba incendiária, precisamos apagar o fogo!”. Quando tudo se acalmou, na parte de cima da casa que dava acesso aos quartos, estilhaços, janelas arreventadas no vestíbulo, na cozinha vidraças quebradas, a luz faltava e a água também.

Figura 30 – Dresden vista do alto em 1910.

Figura 31 – A cidade após o bombardeio de 1945. Mais de 90% do centro foi destruído.
Fotografia: BEYER, G.

Havia adormecido e Eva o acordou, pois ouvira outro alarme, agora mais baixo. O casal seguiu até o abrigo, a rua estava clara e quase vazia. Avistaram um guarda e perguntaram a este se realmente havia soado o alarme e ele respondeu que sim, neste momento caiu uma pesada bomba próxima dele, que se encolheu de joelhos próximo a uma parede perto da porta de entrada e neste instante não viu mais Eva. Achou que a esposa estaria dentro do abrigo e quando se aproximou do abrigo, gritava o nome dela, mas ninguém respondia.

Dentro do abrigo, ao lado de uma janela, sentiu um impacto, algo bateu em seu rosto e queimou feito brasa. Ao sair do abrigo, rumo ao encontro de um grupo de russos que apareceram na porta, caiu na frente deles e um dos homens o ajudou a levantar. Os russos saíram correndo e Klemperer os seguiu, chegou até um corredor aberto com uma enorme cratera ao centro, muita claridade e impactos. Movido pela tensão e desespero, pulou de um parapeito e caiu dentro da cratera e aí escutou alguém chamando: “Para cá, senhor Klemperer!”. Foi quando avistou Eisenmann ao lado de um banheiro destruído e lhe disse que se perdera de Eva. Correram em busca de algum lugar que lhes oferecessem proteção, mas tudo a sua volta era chamas, não se conseguia distinguir nada, ouvia-se o ruído do fogo e do

vento. Eisenmann e ele correram em direção ao Elba, onde parou exausto e sem fôlego.

Estava enrolado no cobertor para se proteger das faíscas e então, começou a chover. Segurava firmemente a preciosa bolsa na mão onde estavam as folhas com anotações dos diários e as joias de Eva e também uma valise de couro com roupas de lã. Não conseguia parar de pensar em Eva, no que poderia ter acontecido com ela, onde ela estaria e imaginava que ela deveria estar melhor que ele porque era mais forte e corajosa que ele. Torcia para que a noite passasse rápido, olhava a seu redor e só via fogo, o Belvedere em chamas, a Academia de Artes também, um grupo de pessoas de pé, outras sentadas e a chuva continuava, deixando o chão escorregadio.

O dia finalmente clareou e depois de avistar um grupo de pessoas a certa distância, caminhou até o local onde reencontrou Eva, abraçaram-se demoradamente. Após conversar, Eva contou o que tinha visto, ele disse que a diferença estava no fato de que ela tinha agido e observado e ele apenas seguiu seus instintos, seguiu outras pessoas e nada viu. Os bens que haviam perdido não importavam naquele momento, o fato de estarem juntos já era o suficiente para sua felicidade. Em meio às pessoas, ele logo se desfez de sua estrela pregada no paletó, assim como seu amigo Eisenmann também fizera.

Eva e Klemperer caminharam ao longo da margem do rio e via tudo em ruínas. No solo, junto ao rio, viam-se cápsulas vazias de bombas incendiárias fincadas, de quando em quando, havia mortos espalhados no caminho. Tinham decidido ir até o cemitério judaico, lugar onde imaginaram estarem mais protegidos. O cemitério também estava parcialmente destruído, muitos túmulos revirados, algumas lápides tombaram ou foram lançadas a distância. Quiseram avançar até outra rua próxima, mas os escombros e a poeira os impediram de seguir e então voltaram pelo mesmo caminho que percorreram e tudo permanecia no mesmo cenário. Caminhavam na tentativa de reencontrar algum amigo, não sabiam onde poderiam estar. Enquanto caminhavam encontraram alguns amigos e através desses souberam que outros haviam se salvado também.

Figura 32 – Ruínas do Mercado Antigo em fevereiro de 1945. Fotografia: Hahn.

Ouvira um zunido amedrontador que se tornava cada vez mais forte, era um avião que se aproximava, voando baixo. Correu para o muro e tentou se proteger com o rosto escondido entre os braços, deitado no chão assim como várias pessoas. De repente, ouvira o barulho da detonação e logo um cascalho caíra sobre ele, pensara que não poderia morrer ali, não daquele jeito, não naquele momento, depois de tudo que aconteceu! Quando se levantou notara que Eva não estava mais ali. Depois de um tempo a encontrara, ela também procurara por abrigo para se proteger no momento da explosão.

Figura 33 – O Ópera Semper destruído em 1945. Fotografia: ZIMMERMANN, J.

Figura 34 – Ruínas da Frauenkirche.

Logo após uma ambulância se aproximou deles e junto a outras pessoas receberam atendimento médico, seguiram até o hospital onde conseguiram alojamento. Havia vários feridos deitados no chão, as pessoas estavam espalhadas esperando serem atendidas. Estava com fome, fazia algum tempo que não comia, recebeu pão que dividiu com Eva. Logo, até mesmo a água acabou, não havia mais nenhuma gota, nem para feridos nem para os moribundos. Os feridos não paravam de chegar, junto novos enfermeiros e novos civis apareciam. O casal iria embarcar em um veículo cheio de doentes, com destino à base aérea militar.

Permaneceram, ele e Eva, em um alojamento americano. No dia 17 de fevereiro sentiu-se feliz pelo simples fato de comer sopa de macarrão. Encontraram alguns conhecidos, mas se questionara sobre onde estariam as pessoas cultas? Durante a madrugada, ouvia-se sem parar os ataques dos aviões, foram informados no horário do almoço que todos os civis deveriam deixar a base aérea, os desabrigados seriam transportados para localidades próximas, decidiram então seguir até Piskowitz.

Em meio a essa loucura, pensara nos prejuízos que tivera. Seus livros, dicionários, suas próprias obras, um exemplar datilografado do século 18 e do Curriculum. Ia além: temia que se acontecesse algo em Pirna, todo seu trabalho desde 1933 estaria destruído.

Em 19 de fevereiro de 1945, ele e Eva estavam em Piskowitz. Retirara sua estrela do peito, comeu em restaurantes, andou de trem e de bonde – coisas impensáveis no Terceiro Reich. Após uma longa caminhada do quartel até a cidade, ficaram hospedados na casa de Agnes que trabalhara por muito tempo em sua casa. Faltava tudo, segundo o autor, qualquer coisa que fosse característica da civilização ou urbana, ou tudo que seria óbvio da cidade. Conforme constava nos jornais, permanecia o caos em Dresden, falava-se sem parar dos monumentos artísticos destruídos, mas nenhuma palavra sobre os duzentos mil mortos.

De Piskowitz seguiram a viagem em uma carroça, queriam chegar até a casa de Annemarie em Pirna. No meio do caminho, pararam na estação para comprar passagens para seguirem até Pirna. Quando chegaram à casa de Annemarie foram bem recebidos e hospedados confortavelmente. Annemarie aceitou guardar os documentos de Klemperer, claro que sem nenhuma garantia e ainda lhe emprestou

duzentos e cinquenta marcos. Almejavam chegar até a Baviera, compraram os bilhetes e seguiram a viagem de trem. Durante a viagem, porém, ouviam-se os ruídos dos aviões, detonações bem próximas que podiam ser as bombas. Klemperer sentia seu coração bater acelerado de medo e sentia a morte muito próxima deles. Chegaram à casa de Scherner, exaustos depois de uma longa caminhada e permaneceram hospedados ali por alguns dias.

Na madrugada do dia 21 de março, ouviram a sirene de alarme soar. Durante duas horas ouviram um zunido ameaçados, uma das moradoras da casa contou que se tratava de formações de bombardeiros que vinham da região da Turíngia em direção à Saxônia. Na noite do dia 28 de março, Scherner informou que havia escutado na rádio inglesa que os anglo-americanos estariam perto de Würzburg e de Fulda. No dia anterior, no jornal, estava o comunicado do exército de que as cidades de Aschaffenburg e Limburg tinham sido ocupadas pelo inimigo. Compraram passagens para Falkenau e comunicaram à polícia sua viagem prevista para o dia 3 de abril, quando chegassem à cidade saberiam a continuação da viagem.

A viagem fora longa, passaram por diversas cidades, como: Muldenbergm Zwotental, Graslitz, Falkenau, depois seguiram para Eger, Marktrechwitz, tiveram sua primeira noite de espera. No dia 4 de abril seguiram até Regensburg e depois até Landshut, passaram por Munique e no quinto dia estariam em Dachau, Pfaffenhofen, seguiram no outro dia até Schweitenkirtchen, onde pernoitaram. No dia 12 de abril, chegaram à cidade de Inchenhofen, seguiram em um veículo militar até Aichach e à noite em Unterbernbach onde dormiram na casa do dirigente dos agricultores locais. No total, dez noites viajando, sete delas passadas em salas de espera, abrigos antiaéreos, trens, sem tirar a roupa do corpo, sem lavar-se e com alimentação insuficiente.

Quando passara por Munique, o que mais chamava atenção era a quase total ausência de crateras nas ruas, era uma cidade terrivelmente atingida, mas comparada a Dresden, ainda era uma cidade viva, ainda havia muito que destruir em Munique, de fato Munique seria bombardeada várias vezes. A maioria das cidades por onde passaram continuavam a serem destruídas, eram bombardeios constantes, ataques aéreos, etc. O alarme não parava de soar, podiam esperar por ataques, a cada bombardeio, se sentia mais próximo da morte do que em relação às várias

presenças na Gestapo. Nas diversas cidades por onde passaram, os Klemperer se hospedaram algumas vezes em abrigos, outras vezes em hospitais, casas de amigos, estações, quartéis, etc., qualquer lugar onde pudessem estar seguros naquele momento.

No dia 20 de abril, dia no aniversário do Führer, o comunicado do exército informou que toda a região do Ruhr estava perdida, incluindo o exército do marechal Model. Os russos estavam se preparando para o grande ataque, os outros detinham Leipzig, Chemnitz e Plauen.

Na Baviera, no dia 25 de abril, o casal estava na casa dos Gruber, onde podia-se ouvir o barulho dos tiros vindos do front, detonações de bombas, esquadrilhas em pelo voo, caças em voo rasante, achava que eram os americanos e procuravam por blindados que pudessem ter chegado. A cidade de Ingolstadt caíra assim como Siemensstadt, próxima a Berlim. O prefeito da cidade mandou que retirassem a suástica colocada acima do brasão da cidade, no telhado da prefeitura.

No dia 2 de maio, depois do almoço e enquanto Eva dormia, ele caminhou até Kühbach a fim de fazer compras e viu na praça da igreja, uma coluna de americanos estacionados para assistência e reparos: um caminhão com guindaste, outro com pneus, veículos menores. Um dia depois, soube por amigos da casa onde estava, que Hitler estaria morto, Asam tinha escutado pelo rádio, mas não informaram maiores detalhes. Uma mulher que estava na casa, que viera do norte de Berlim, mencionou ter ouvido um comunicado do rádio que Hitler e Goebbels teriam se matado com um tiro e de que os russos estariam ajudando os berlinenses a combater os incêndios. A guerra estaria terminada.

Em 28 de abril, recebeu a notícia espantosa de que Himmler estava negociando um armistício, tendo como intermediário o conde Bernadotte, da Suécia. Ordenou a Von Greim que deixasse Berlim, prendesse Himmler e assumisse inteira responsabilidade pelo socorro à capital. Himmler procurara o consulado sueco em Lübeck no dia 24 de abril e propusera uma paz em separado com os Aliados. A resposta de Churchill foi que os alemães teriam que se render simultaneamente a todos os três Aliados, com o que concordou Truman. Ao saber do fracasso dessa tentativa de romper a Grande Aliança, Hitler resolveu-se casar com sua antiga amante, Eva Braun, em uma cerimônia rapidamente improvisada, servindo como testemunhas Goebbels e Bormann. Pouco depois, ditou seu testamento político, um documento patético e sórdido. No dia seguinte, 30 de abril, recebeu um telegrama de Keitel, informando que não havia esperança de socorrer Berlim. Às 15h30, os recém-casados tomaram cianeto e Hitler certificou-se duplamente que morreria, atirando em si mesmo com uma Walther 7,65mm. Os corpos foram embebidos em gasolina e queimados. (KITCHEN, 1993, p. 261-262)

Até o dia 28 de abril tudo era temerosamente omitido, porém depois veio à tona de maneira triunfal, mas igualmente ninguém quer admitir ter sido nazista, tanto mais aqueles que indubitavelmente o eram. Mais um boato seria que a Alemanha capitulou diante de Eisenhower, porém, continuava a lutar contra a Rússia, Goebbels teria matado a família e se suicidado, Hitler teria desaparecido. Ele só se perguntava quando e como poderia voltar a Dresden.

Soube pelo dono do moinho local, que escutara através do rádio, que no dia 8 de maio foi assinada a capitulação absoluta, do lado alemão pelo almirante Dönitz, com a entrega de todos os submarinos, grandes e pequenos. “Bormann informou ao almirante Dönitz que Hitler o nomeara como sucessor, mas não que Hitler morrera.” (KITCHEN, 1993, p. 262) Havia boatos de que a América teria dado um ultimato à Rússia para abandonar o leste da Alemanha imediatamente.

Enquanto os soviéticos tomavam Berlim, Montgomery cruzava o Elba e, em 2 de maio, chegava a Schwerin e Wismar, ameaçando dessa maneira a retaguarda do Grupo de Exércitos Vístula. As tropas alemãs, justificavelmente preocupadas em não cair nas mãos dos russos, renderam-se em massa aos americanos e britânicos. Com a chegada do Exército Britânico a Lübeck, Dönitz ordenou a rendição de Hamburgo. No dia 3 de maio, Montgomery parou e ficou à espera do fim [...]

No início, Dönitz pensou que Hitler ainda estava vivo e, como nazista sincero, anunciou que a guerra continuaria até o último homem. Ao saber da morte do Führer, sua principal preocupação foi terminar a guerra tão cedo e tão vantajosamente quanto possível. (KITCHEN, 1993, p. 262)

Naquele momento, o clima era de que o Terceiro Reich estava praticamente esquecido, todos se mostravam seus opositores, “sempre” foram e faziam as projeções mais absurdas a respeito do futuro.

De fato, estava naquele momento cheio de esperanças, pensava em assumir novamente uma cátedra ou um ministério da educação, continuar a publicar, trabalhar enfim. O casal viajou até Aichach e durante a viagem, na praça principal ao lado do velho portal, no mastro que era tão alto quanto os mastros nazistas, tão grande e ostensivo como a bandeira com a suástica, tremulava a bandeira dos Estados Unidos, sentiu-se surpreso.

Ele chegou até alguns policiais que estavam diante da loja de Strasser a fim de tentar permissão para viajar para Munique, porém ninguém obtinha tal autorização. Uma atendente, muito atenciosa, o orientou e lhe disse que não havia

mais o que temer, pois até a casa que tinha perdido iria receber indenização. Estavam dispostos a voltar para casa e seguiriam para Munique.

Em uma escola estavam funcionando com livros didáticos do período anterior ao nazismo. Soube que em Frankfurt teriam sido encontrados cento e quarenta e quatro judeus, imediatamente convocados para o serviço de reconstrução.

O casal seguiu rumo à Munique, viajaram primeiramente de carona em uma carroça, junto a outras pessoas e camponeses. Quando chegaram lá, o que observou foi os carros americanos que passavam de um lado ao outro da cidade destruída, ali começara o pesadelo que seguiria alguns dias. Não havia nenhum bonde em toda cidade, por todos os lugares, muita poeira, casas em ruínas e carros americanos que voavam pelas ruas cheias de destroços, provocando nuvens de poeira. Os restaurantes também estavam fechados, devidos aos saques, não se encontrava um lugar adequado para comer. Seguindo até a prefeitura, encontraram uma “casa de refeições rápidas” onde comeram algo. Quando chegaram à prefeitura, outra decepção: havia inúmeros guardas da *Military Police* e diante deles cordões de isolamento e do outro lado, uma multidão de pessoas esperando. Klemperer, no entanto, ao falar com a atendente não conseguiu autorização para viajar.

A cidade encontrava-se em ruínas, os destroços bloqueavam os caminhos, os prédios se reduziam a amontoados de tijolos, a poeira no ar e a humilhação de alemães e judeus, juntos e humilhados.

O Hospital de São Martim era um asilo católico, parecia abrigar cerca de quinhentos moradores, entre homens e mulheres. Estava superlotado de refugiados alojados por toda parte, eram enviados soldados a caminho de casa, refugiados arianos, judeus, pessoas do campo de concentração de Dachau. Os dois também estiveram abrigados no hospital por alguns dias, até decidirem seguir viagem até Dresden.

O caminho até Dresden foi longo e iniciado com caminhada, que lhe permitiu observar a cidade. Logo após, seguiram viagem com um bonde que passara por perto e quando desceram dele, caminharam mais um pouco até a chegada de um

veículo no qual entraram imediatamente e junto deles havia outras pessoas que também seguiram com a carona.

Ainda em Munique, ele procurou pela delegacia novamente, onde ficaram no abrigo antiaéreo. Eva tinha como plano avançar em direção ao norte, até Regensburg, passando a leste de Landshut, para poupar alguns quilômetros, depois para melhor passar por quaisquer controles e bloqueios. A viagem foi feita com caminhada, sob calor intenso, uma viagem cansativa e só depois de muito implorar na aldeia de Langenbach, conseguiram um almoço farto que proporcionou não só alento físico, mas também psicológico. Continuaram a caminhada até que receberam uma carona de carroça, foram até Gammelsdorf, pediram informação sobre a casa paroquial, mas ninguém os atendera, foram até uma taberna mais próxima onde tomara uma cerveja. Ficaram hospedados na casa de Wagner Schmid, um camponês que também era fabricante de carroças.

No outro dia, descansaram um pouco antes de retornarem às suas caminhadas. Estava decepcionado por não terem encontrado o pastor nem por fazer suas compras, achava que algo deveria estar errado com seus cupons, pois, ninguém os aceitava. Recebiam comida a troco de nada ou não conseguiam comida alguma. Dizia que no início isso lhe afligia um pouco, mas que depois acostumara com o jejum temporário e a mendigar e morrer de fome era apenas uma das causas de morte entre as muitas dos últimos meses.

Em uma taberna, onde Klemperer e Eva resolveram descansar um pouco antes de seguir viagem, as pessoas falavam a respeito dos americanos e como em todos os lugares da região em que viajaram todos se queixavam dos americanos, pois diziam que eles pilhavam, roubavam joias e relógios. Partiram logo após, em uma longa caminhada e foram ajudados por desconhecidos que também viajavam. No quinto dia de caminhada, conseguiram vencer o trecho Schierling-Regensburg, entraram na cidade, passaram pelo centro não demasiadamente destruído, no sétimo dia avançaram cerca de quarenta quilômetros, no trecho Regensburg-Schwandorf.

A viagem seguiu na maior parte de caminhada com algumas paradas em tabernas para tomaram café e em algumas estações a fim de encontrar um trem que pudessem os levar até Plauen, o que não aconteceu e então tiveram de seguir

caminhando até a chegada em uma aldeia já nas proximidades da cidade. Quando passaram ao longo da caminhada, por outra taberna, além do bule de café, ganhou também um jornal do sul da Alemanha, chamado Hessische Post, escreveu ainda, que o ato final da guerra havia ficado obscuro para eles.

Chegaram a Falkenstein no dia 5 de junho e foram impelidos pela fome a abandonar a cidade. Obteve cartões de racionamento na prefeitura, mas nada se podia comprar com eles, pois o pão junto a outros tantos alimentos estava escasso. Com a ajuda de um advogado chamado Reichenbach, Klemperer foi até Auerbach na tentativa de conseguir autorização para sair da cidade. Deparou-se com um oficial russo e lhe explicaram a situação a este, depois de ter entrado em uma repartição qualquer, voltou dizendo que o comando não permitiria que nenhuma pessoa atravessasse a zona fronteira de ninguém, nem mesmo adentrasse a zona de ocupação russa, aconselhou-os a voltar para Falkenstein e ele recusou a proposta, disse que sabia de pessoas que tinham conseguido atravessar a fronteira às escondidas, e por iniciativa própria, o oficial lhe disse que conseguiria um passaporte para eles no comando. Com o passaporte em mãos, continuaram a viagem, que a princípio deveria acontecer com veículos de uma transportadora, mas descobriu que tais veículos não teriam o mesmo destino que eles, seguiriam para outra cidade.

No dia 8 de junho de 1945 estavam em Chemnitz, o centro da cidade parecia totalmente destruído, embora muitas casas estivessem intactas, porém inabitadas e inabitáveis, eram somente ruínas, escombros, uma praça cheia de entulhos, algo já habitual aos olhos de Klemperer. Seguiram até a estação de trem, porém o próximo trem para Dresden partiria no outro dia cerca de três horas da tarde, estavam superlotados e irregulares. Em um restaurante, era grande a movimentação que viu: soldados alemães, soldados e civis russos, tudo misturado. Foram bem recebidos pela proprietária e então entregaram seus cartões e comeram, logo mais dormiram nos fundos do restaurante, onde também dormiam alguns soldados, era um enorme salão com um grande espaço para a orquestra e que naquele momento beliches espalhadas ocupavam seu espaço.

Depois de acordar ainda no salão do restaurante, ele fazia algumas anotações quando ouviu batidas vigorosas na janela, era um soldado russo que

queria entrar. Continuou suas anotações e depois seguiu até o barbeiro, onde pediu serviço completo: barba e cabelo. O casal foi então até a estação já desesperançados, mas conseguiram viajar e no dia 10 de junho chegaram a Dresden. Cansados, caminharam até a delegacia de polícia, onde um funcionário lhes disse para dirigirem até Dölzschen e Klemperer retrucou dizendo que levaria tempo até que conseguisse entrar em sua casa. O funcionário ironizou, dizendo que às vezes isso aconteceria mais rápido do que imaginara, e de fato, Berger, que ocupava a casa de Klemperer, havia fugido. Alguém na rua lhe informou que haveria um abrigo na Marggranfenstrasse, e então seguiram até o local, mas encontraram apenas uma enfermeira e não distribuição de alimentos. Caminharam até um bairro suíço e viram destruídas as casas de amigos, como a da senhora Ahrens e a casa dos Winde. Encontraram a casa dos Glaser, por dentro um pouco danificada, mas bem conservada entre os escombros. A senhora Glaser os recebera com lágrimas e beijos, para ele, uma transformação fantástica, a amiga tinha os julgados mortos. Foram bem servidos e conseguiram descansar, no final da tarde continuaram o caminho até Dölzschen.

Os escritos dos diários de Klemperer terminam de forma abrupta, diante da destruição de sua cidade, Dresden. Após o relato incansável na tentativa de nos mostrar todos os detalhes desse terrível bombardeio, o casal se reencontra e segue uma viagem rumo a Dölzschen, mesmo diante da incerteza do que iriam encontrar pelo caminho. O caminho tivera várias paradas, em casas de conhecidos, lugares onde sentiam-se de alguma forma seguros. Tanto a fuga do casal como a destruição de Dresden são narradas e escritas por Klemperer dias após quando recupera seus manuscritos em Pirna.

Quelle: Deutsche Fotothek

Figura 35 – Desabrigados em Dresden. Fotografia: PETER, Richard.

Quelle: Deutsche Fotothek

Figura 36 – A arte em meio ao caos. Theodore Rosenhauer atuando entre ruínas em sua pintura a óleo “Olhar para o palácio Japonês após o ataque”. Fotógrafo: PETER, Richard.

Diante de todas as dificuldades que passou, Klemperer percorreria um caminho ligado ao seu trabalho que era para ele uma tarefa incansável e que exigia uma disciplina quase obsessiva e desesperada. Com o passar dos dias e seu

forçado desligamento da Escola Técnica Superior, Klemperer se foca em seus escritos diários e também em obras que pretendia publicar naquele momento, mas que tornaram-se impossíveis devido ao regime vigente. Somado a tal fato, o impedimento do uso de bibliotecas o afetou demais, afinal, a fonte para seus escritos se findara. Eva se torna responsável por arranjar livros em bibliotecas circulantes, as leituras variavam e iam desde o assunto que estudava no momento até outras obras, como livros sobre o judaísmo ou as leituras obrigatórias dos arianos.

Entretanto, as obras pelas quais se dedicou durante o período nazista e que são mencionadas em seus diários só foram publicadas após o fim da guerra. Depois de algumas reformulações, a obra *História da literatura francesa no século XVIII* teve seu primeiro volume publicado em 1954 e o segundo em 1966.

O futuro a partir daquele fevereiro de 1945 foi pensado de maneira diferente para ele. Talvez para a maioria das pessoas o medo e a incerteza quanto ao futuro fossem uma incógnita daquele momento em diante, mas Klemperer viu nesse terrível episódio sua salvação. Após ter visto tantas catástrofes, pois a destruição de Dresden fora somente uma parte delas, Klemperer conseguiu reunir forças para recomeçar, mesmo sem saber ao certo como seria esse recomeço.

Ele organizou seus manuscritos que felizmente tinham sobrevivido em Pirna e escreveu os primeiros capítulos de sua LTI. Possuía em mãos um tesouro valioso. Era um sobrevivente da barbárie e consagrou o que pretendia desde o início: prestar testemunho até o final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De que serve a bondade
Quando os bondosos são logo abatidos, ou são abatidos
Aqueles para quem foram bondosos?

De que serve a liberdade
Quando os livres têm que viver entre os não-livres?

De que serve a razão
Quando só a sem-razão arranja a comida de que cada um precisa?

Em vez de serdes só bondosos, esforçai-vos
Por criar uma situação que torne possível a bondade, e melhor;
A faça supérflua!

Em vez de serdes só livres, esforçai-vos
Por criar uma situação que a todos liberte
E também o amor da liberdade
Faça supérfluo!

Em vez de serdes só razoáveis, esforçai-vos
Por criar uma situação que faça da sem-razão dos indivíduos
Um mau negócio!”

(Bertold Brecht, in 'Lendas, Parábolas, Crônicas, Sátiras e outros Poemas')

Nesta longa jornada com Victor Klemperer, minhas experiências e aprendizados foram enriquecidos a cada novo dia. Digo longa jornada pois nos conhecemos há um certo tempo. Para ser mais precisa, foram longos sete anos de estudos e leitura sobre este homem exemplar. Uma ideia que foi se concretizando aos poucos, ideia esta persistente e que enfrentou vários obstáculos para hoje se materializar. Antes de mais nada, é uma satisfação imensa poder escrever sobre este grande homem e saber que de alguma forma este trabalho poderá render novos frutos e perspectivas a pesquisadores e afins.

Essa relação duradoura entre pesquisador e sujeito pesquisado se faz com afinho e como qualquer outra relação exige não só a dedicação, mas também o tempo destinado à pesquisa e várias leituras. O mais interessante nesta relação de anos é perceber o quanto me transformei e o quanto meu olhar também se transformou. E isso é fantástico. Sentir Klemperer hoje é diferente de quando o li pela primeira vez. Percebê-lo hoje é compreender uma rede de acontecimentos integrados entre si e da qual ele foi vítima e espectador. Mais ainda: é viver aquela vida.

Sabe-se, a partir da historiografia básica de qualquer estudante de História, que é necessário certa distância de seu objeto de estudo para que possa ser possível um discurso neutro, isento de paixões, porém, não há como esconder a admiração por Victor Klemperer que foi construída ao longo deste trabalho. Aparentemente um sujeito comum, mas a cada página e a cada novo contato com suas ideias, essa percepção vai se esvaindo.

Professor, filólogo, cronista, literato. Judeu assimilado convertido ao Luteranismo, mas, não era judeu, nem protestante, nem sionista. Era apenas alemão. Um sujeito tão complexo e inefável quanto seu tempo.

Os olhos do cientista sempre atentos procuraram não perder nada e relatar tudo, sempre à luz dos acontecimentos, pois assim era necessário. Talvez esteja aí o seu maior heroísmo: a necessidade de relatar. Sabia que seus escritos possuiriam valor documental e que teriam caráter pedagógico para também ensinar à posteridade o que se deve evitar – a barbárie.

A complexidade de se estudar uma vida estivera presente desde o momento dos primeiros rascunhos desta pesquisa até este momento final. Representar uma vida é, sem sombra de dúvidas, uma tarefa árdua e que requer inúmeras precauções, principalmente em um período tão conturbado quanto a Segunda Guerra Mundial.

Victor Klemperer presenciou e testemunhou acontecimentos terríveis durante o período nazista na Alemanha, período este em que a violência se fazia valer desde a propaganda do partido até o extermínio de milhares de pessoas. Foram anos sombrios. Para Klemperer, algumas vezes a morte lhe pareceu tão próxima que não poderia escapar. Viu aos poucos, pessoas conhecidas e parentes e amigos destas sumirem, morrerem, tentar suicídio, entre outras formas de fugir da máquina mortífera nazista. Ele próprio também pensou que não sobreviveria. O futuro era algo incerto para ele, não sabia o que poderia esperar a cada amanhecer. Com o cerco se fechando cada vez mais aos judeus, sua liberdade foi se perdendo e viver tornou-se um desafio.

Muito embora Peter Gay o descreva como hipocondríaco, cheio de manias e dores, Klemperer sofre com o estado de saúde da esposa, Eva, essa sim

apresentava um quadro de depressão nervosa acentuada seguida de constantes ataques de nervos. Ele também sofria de angina no peito. Pelo contato que tive durante esse tempo com seus escritos e agora em vias de finalizar meu trabalho, acredito que Eva era mais doente que Klemperer. É certo que os dois sofreram bastante, até mesmo porque viveram um pelo outro e enquanto um sofria o outro era o sustentáculo para o apaziguamento emocional. A esposa, na verdade, se manteve leal a ele e foi sem sombra de dúvidas, muito corajosa. A alimentação dos dois no período da guerra só foi possível porque Eva enquanto não-judia, podia circular pelas ruas e adquirir alimentos. A escassez de alimentos foi outro fato que marcou os anos de guerra, muitas vezes Klemperer relata a falta de carne ou o consumo exclusivo de batatas. O corpo reagiu. A fome também fez parte do martírio que se transformara sua vida.

Quando Klemperer menciona que seus diários era a vara que o equilibrava, não era à toa. Diante de todas as privações que sofrera, um homem como ele, intelectualmente ativo e que tinha em seu ofício uma fonte de satisfação, ao se ver afastado da Universidade, sem conseguir publicar qualquer texto, sem possibilidade de uso de bibliotecas e posteriormente até proibido de usar máquina de escrever, percebeu que precisava anotar tudo. Os diários foram para ele o meio mais próximo de produção intelectual. Dos escritos cotidianos, surge a necessidade de análise científica – estudar a linguagem dos nazistas, os esboços de sua *LTI* estavam presentes em seus diários e que mais tarde seria uma de suas obras mais importantes.

Ao retornar para sua casa em Dresden, o casal percebe que um bunker a havia invadido, sendo assim, a administração da cidade decidiu que voluntários deveriam ajudar a tirá-lo. Ele torna-se novamente professor na Escola Técnica Superior de Dresden. Ainda assim, pensou na possibilidade de aposentar-se. Seria a hora de parar? Os anos seguintes do fim da guerra são de incessantes trabalhos junto à universidade e também com as publicações que havia produzido.

Abaixo, selecionei algumas fotos de momentos importantes em sua carreira no período pós-guerra.

Quelle: Deutsche Fotothek

Figura 37 – “Um ano Cuba”. Professor [Max?] Pechstein, John Stroux, Kraus, Benedik, Lederer, Theodor Plivier, Prof. Victor Klemperer e Klaus Gysi. Julho de 1946. Fotografia: PISAREK, Abraham.

Figura 38 - Victor Klemperer durante o Congresso do artista em Dresden. 27/10/1946. Fotografia: HÖHNE, Erich & POHL, Erich.

Figura 39 - Em uma cerimônia do estado, no Deutsche Staatsoper, o Presidente Pieck premiou os destaques nacionais de 1952 para a ciência, tecnologia, arte e literatura. Prof. Dr. Victor Klemperer foi agraciado com o Prêmio Nacional da III. Class. 06/10/1952.
Fotografia: QUASCHINSKY, Hans-Günter.

Bundesarchiv, Bild 183-18093-0001
Foto: Krueger | 23. Januar 1953

Figura 40 - No Instituto Romano, da Universidade Humboldt, em Berlim, o laureado Prof. Klemperer realiza uma palestra em 22/01/1953. Fotografia: Krueger.

Bundesarchiv, Bild 183-42844-0001
Foto: Sturm, Horst | 14. November 1956

Figura 41 - Ordem do Mérito Patriótica de Victor Klemperer. O presidente da República Democrática Alemã, Wilhelm Pieck, deu a medalha Worth Patriótica em Prata ao laureado Prof. Dr. Victor Klemperer e Sr. Bruno Lau (Presidente do Conselho Distrital de Grimsby) em 14 de novembro de 1956, em seu castelo, residência oficial. Fotografia: STURM, Horst.

Em 1948, torna-se professor na Universidade Greifswald, mesmo período que lecionaria na Universidade de Halle até sua morte, em 1960. Sua companheira Eva falece em 8 de julho de 1951 de um ataque cardíaco. Casa-se novamente com Hadwig Kirchner em 1952, que havia sido sua aluna.

No período pós-guerra que estamos tratando, várias edições de seus diários e principalmente de sua *LTI* foram lançadas. Isso nos prova o interesse não só das editoras pelo tema, mas também da necessidade de se explicar a barbárie que toda a Europa, especificamente a Alemanha, passara. Da metade do século XX, a era das grandes catastrofes, até o final dele, estudiosos procuraram entender a *Shoah*. Não é de se espantar que ainda hoje obras que tem a *Shoah* como foco de estudo sejam publicadas em demasia, filmes de ficção ou ainda documentários sobre o assunto sejam lançados e tornam-se fenômenos de público, ou ainda, a quantidade de biografias, autobiografias e diários de sobreviventes da guerra que enchem as prateleiras das livrarias de todo o mundo.

As tentativas de explicações sobre a catástrofe em que a humanidade foi vítima e espectadora não cessaram e não seria possível cessá-las. Ainda buscamos por explicações. Mais do que entender e nos indagarmos sobre os “porquês”, devemos refletir no “como” isso pode ter acontecido, afinal, o século XX chegara com tanta modernidade e mudanças que um crime contra a humanidade seria impossível de se imaginar. Acontece que, como sabemos, todo a modernidade deste século foi acompanhada de derramamento de sangue e de engenhosas máquinas mortíferas e planos sistemáticos de genocídios.

As obras de Klemperer contribuem para a historiografia da Shoah, delatam os opressores e nos revelam minúcias que só quem as viveu, saberia. Para qualquer estudioso da *Shoah* e da literatura de teor testemunhal, seus diários tornam-se leitura obrigatória e fonte valiosa.

Para além de conhecer a vida de um estudioso incansável como Klemperer, este trabalho propôs entender o século das catástrofes e como o antissemitismo se disseminou por toda a Europa dando fim à milhares de vidas. Através de seus escritos, fomos seus olhos e ouvidos, vivemos cada penúria e sofrimento, choramos cada lágrima e tememos diante do amanhã. A profundidade de seus escritos leva o leitor e estudioso a uma viagem no tempo.

Apesar de vivermos ainda em outra modernidade e em outro século, a humanidade necessita aprender com os exemplos de intolerância do passado. Afinal, precisamos de um exemplo mais marcante do que a *Shoah*? São vários os casos de intolerância religiosa, étnica, entre outros, que desenrolam guerras ainda hoje. A máquina mortífera da guerra não silenciou e a mente humana precisa analisar e compreender o passado para não errar mais. Enquanto historiadores que somos, sentimos tristeza ao perceber que os exemplos terríveis do século passado parecem não resultar em mudanças para o bem, para a paz.

Que a voz imbatível de Victor Klemperer e de outros que, como ele sofreu durante o nazismo, possa se fazer audível e ocupar a mente de todo ser humano. Que este trabalho auxilie demais pesquisadores a buscar compreensões para a barbárie da *Shoah* e que novas discussões sejam fomentadas.

Que nos tornemos tão imbatíveis quanto suas palavras na busca pela paz e união de todo o mundo. Que Victor Klemperer viva.

Figura 42 - Memorial em bronze de Gerhard Geyer (1907-1989), quatro pesquisadores de quatro séculos da Martin Luther Universidade de Halle. 1972. Nietlebener, estrada 14. Fotografia: SCHMIDT, Dagmar.

Figura 43 – Lápide de Eva e Victor Klemperer no cemitério em Dresden-Dölzchen. Na lápide está escrito: “Você sempre passou por cima de mim, ó coração, dia e noite.”

FILMOGRAFIA

CHAPLIN, Charles. O grande ditador (*The great dictator*). Estados Unidos, 1940, 125 minutos, DVD.

COHEN, Peter. Arquitetura da destruição (*Undergångens arkitektur*). Suécia, 1989, 119 minutos, DVD.

DEHNHARDT, Sebastian. *El drama de Dresden (Das Drama von Dresden)*. Broadview TV, Alemanha, 2005, 90 minutos, youtube. Link: https://www.youtube.com/watch?v=PHain_KgVO8.

GANSEL, Dennis. A onda (*Die Welle*). Alemanha, 2008, 107 minutos, DVD.

GAVRAS, Costa. Amém (*Amen*). França, Alemanha, Romênia, 2002, 132 minutos, DVD.

LANZMANN, Claude. *Shoah*, França, 1985, 592 minutos, DVD.

NEUMANN, Stan. La langue ne ment pas. Arte France (SLUB/Mediathek), França, 2004, 79 minutos, youtube. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=MUsBJyMtrFs>.

POLANSKI, Roman. O pianist (*The pianist*). Polônia, 2002, 150 minutos, DVD.

SPIELBERG, Steven. A lista de Schindler (*Schindler's List*). Estados Unidos, 1993, 195 minutos, DVD.

VERHOEVEN, Michael. Uma cidade sem passado (*Das Schreckliche Mädchen*). Sentana Filmproduktion, ZDF, Alemanha, 1990, 92 minutos, DVD.

SITES

www.deutsche-digitale-bibliothek.de

<http://www.slub-dresden.de>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: **Dialética do Esclarecimento**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do Nazismo**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia, **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas : Ed. Unicamp, 2001. p. 15-36.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo. Companhia das letras, 2000.
- _____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2011.
- ARON, Irene. O Rio de Janeiro de 1925, sob o olhar de Victor Klemperer. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 2, p. 35-45, Nov. 1998.
- ASCHHEIM, Steven E. **Scholem, Arendt, Klemperer: intimate chronicles in turbulent times**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOOM, H. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
- CANETTI, Elias. **A consciência das palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto** – crime contra a humanidade. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy. Linguajar totalitário: LTI & lagerjargon – estudo de casos in **Revista de Estudos Judaicos**, ano 1, n. 1, nov. 1998. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 1998.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da Barbárie**. A História do Genocídio dos Judeus na Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Nova Stella; Edusp, 1990.

De DECCA, Edgar Salvadori. A humilhação: ação ou sentimento? In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia. **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: Ed. UFU, 2005.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1997.

FINKIELKRAUT, A. **The imaginary jew**. University of Nebraska Press, 1994.

_____. **A memória vã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FONTETTE, F. **História do Anti-Semitismo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1989.

FREUD, S. **História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Volume XIV, RJ: Imago, 1996.

_____. **História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Volume XVI, RJ: Imago, 1996.

_____. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1976.

FRIEDLANDER, S. **The years of extermination**. New York. Harper Perennial. 2006.

GAGNEBIN, J.M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro. Imago Ed., 2005.

_____. Verdade e memória do passado. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. O que significa elaborar o passado? In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. Após Auschwitz. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. Memória, História e Testemunho. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e Identidade judaica. In: **Interações – cultura e comunidade**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 87-98, 2008.

GOLDHAGEN, D. **Os carrascos voluntários de Hitler**: o povo alemão e o Holocausto. São Paulo. Cia. Das Letras, 1999.

GORENSTEIN, L., CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Ensaio sobre a intolerância: inquisição, marranismo e anti-semitismo**. São Paulo: Humanitas, 2005.

HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

HERTZBERG, Arthur. **Jews: the essence and character of a people**. New York: Harper Collins, 1998.

HILBERG, R. **Perpetrators, victims, bystanders**. The Jewish Catastrophe. NY: Harper Collins, 1993.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf (Minha Luta)**. São Paulo. Centauro, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2. Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

JOHNSON, Paul. **História dos judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KERSHAW, Ian. **Hitler: um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KITCHEN, Martin. **Um mundo em chamas: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia 1939-1945**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

_____. **Os diários de Victor Klemperer**. Testemunho Clandestino de um Judeu na Alemanha Nazista 1933-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Literatura universal y literatura europea**. Barcelona: Acantilado, 2010.

KOUBI, G. Entre sentimentos e ressentimento: as incertezas de um direito das minorias. In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia. **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: Ed. UFU, 2005

LENHARO, Alcir. **Nazismo** “o triunfo da vontade”. São Paulo: Ed. Ática, 1995..

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

LÉVY, Bernard-Henri. **Left in the dark times: a stand against the new barbarism**. Random House, 2008.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães!** Discursos contra Hitler (1940-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

MARKOWITZ, Rabbi Sidney L. **What you should know about Jewish religion, History, Ethics and Culture**. New York: The Citadel Press, 1955.

MENDES, Ângela M. **A República de Weimar e a Ascensão do Nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NASCIMENTO, L; JEHA, J. (Org). **Estudos Judaicos: Shoá, o Mal e o Crime**. Ed. Humanitas, 2012.

NAZÁRIO, Luiz. **A escalada do mal**. In: Cultura Vozes, Petrópolis, v. 88, n. 5, p. 41-56, set-out/1994.

_____. **Reflexões sobre a estética nazista**. In: Cultura Vozes, Rio de Janeiro, v. 90, n.3, p.33-51, maio-jun/1996.

NOVINSKY, Anita. **Reflexões sobre o holocausto**. In: Cultura Vozes, Petrópolis, v.89, n.4, p. 16-21, jul-ago/1995.

NOVINSKY, Ilana Waingort. **Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios**. 2011. 250 f. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

O'CONNOR, Anne-Marie. **A dama dourada**. Retrato de Adele Bloch-Bauer – a extraordinária história da obra-prima de Gustav Klimt. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. **A linguagem como instrumento de dominação. Victor Klemperer e sua obra LTI – Lingua Tertii Imperii**. 2002. 215 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

POLIAKOV, Leon. **A Europa suicida**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RABINOVITCH, G. Schoá. **Sepulcros nas nuvens**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

REHFELD, Walter I. **Nas sendas do judaísmo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSEMAN, Mark. **Os nazistas e a solução final**. A conspiração de Wansee: do assassinato em massa ao genocídio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SCHOENBERNER, G. **A estrela amarela**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia. **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: Ed. UFU, 2005

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **O local da diferença**. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. A “vontade de potência” e o “prazer em fazer sofrer” nietzschianos diante das barbáries do século XX. In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia. **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: Ed. UFU, 2005.

_____. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

_____. “Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. In: **Letras**, n. 22-Literatura e autoritarismo, jan-jun/2001, p. 121-130.

_____. Deletar arquivos, apagar o passado: ‘ars oblivionalis’, entre a necessidade e a resistência. In: **Caderno AEL**, v. 13, n. 24/25, 2008.

_____. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. In: **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005.

SILVA, Helenice R. Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (judeu e resistente) dos campos de concentração nazista. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 221-252, dez. 2008.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: **Revista Brasileira de Sociologia da emoção**, João Pessoa, v. 4, n. 12, p. 265-271, dez. 2005. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

SORLIN, Pierre. **O anti-semitismo alemão**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

STERN, Fritz. **O mundo alemão de Einstein**. São Paulo: Schwarcz, 2004.

WISTRICH, Robert S. **Hitler and the Holocaust**. Random House, 2001.

ANEXOS

Anexo I – Principais acontecimentos na vida de Victor Klemperer.

1881 Em 9 de outubro na cidade de Landsberg, nasce Victor Klemperer, filho do rabino Wilhelm Klemperer e Henriette Klemperer.

1884 A família se muda para Bromberg.

1890 O pai de Klemperer torna-se orador da Sinagoga Reformista de Berlim, neste mesmo ano mudam-se para Berlim.

1900-1902 Faz o curso secundário em Landsberg.

1903 Converte-se ao luteranismo, porém nunca fora um religioso praticante. Era agnóstico.

1902-1905 Período de estudos universitários, cursa filosofia, filologia latina e germânica em cidades como Munique, Genebra, Paris e Berlim.

1906 Casamento com Eva Schlemmer, pianista alemã, não judia. Produz vários textos e narrativas.

1912 Muda-se para Munique. Morre o pai.

1913 Realiza o doutoramento com Franz Muncker e Hermann Paul, escrevendo a tese *Os antecessores de Friedrich Spielhagen*. Retorna a Paris por conta da livre-docência sobre Montesquieu.

1914 Faz a livre-docência com Karl Vossler, reitor da Universidade de Munique. Início da Primeira Guerra Mundial.

1914-1915 É professor-visitante da Universidade de Nápoles. Sua obra Montesquieu é publicada em dois volumes.

1915 Serve no *front* como voluntário de novembro deste ano até março de 1916.

1919 Torna-se professor na Universidade de Munique.

1920-1935 Torna-se professor titular da Escola Técnica Superior de Dresden.

1923 Publica *Prosa francesa moderna: 1870-1920*.

1925-1931 Publica *Literatura francesa: de Napoleão à época contemporânea*. Posteriormente, em 1956, a obra é reeditada com o título *História da literatura francesa nos séculos XIX e XX*.

1926 Publica *Especialidade românica. Estudos filosóficos*.

1928 Publica *Literaturas românicas. Léxico da história da literatura*.

1929 Publica *História idealista da literatura. Estudos básicos e aplicados*.

1933 Publica *Pierre Corneille*. Nesse mesmo ano, Adolf Hitler chega ao poder na Alemanha.

1935 Klemperer é afastado de seu cargo público por ser judeu. Era a Lei de Restauração do Funcionalismo Público em vigor.

1936 As Olimpíadas foram realizadas durante os meses de julho e agosto.

1938 Anexação da Áustria à Alemanha. Judeus são proibidos de frequentar bibliotecas públicas na Alemanha. Em 9 de novembro ocorre a Noite dos Cristais, episódio em que sinagogas e estabelecimentos judaicos foram alvo de ataques.

1939 Tem início a Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia em 1º de setembro.

1940 O casal Klemperer deixa sua casa e passa a morar na *Judenhäuser* (casa dos judeus). Os diários passam a ser escritos em segredo e entregues à amiga do casal Annemarie Köhler que os esconde em sua casa em Pirna.

1941 Klemperer foi preso e cumpriu pena de oito dias por ter sido delatado porque esquecera de apagar a luz durante um ataque aéreo. Os judeus passam a utilizar a estrela amarela em suas roupas.

1942 O casal se muda para a segunda *Judenhäuser*. Fora detido por uma tarde inteira na Gestapo.

1943 O VI Exército Alemão se rende em Stalingrado no dia 31 de janeiro. Klemperer realiza trabalho forçado nas firmas Willy Schlüter, de chás, Adolf Bauer, de cartolinas e envelopes, e Thiemig & Möbius, de reaproveitamento de papel. O casal é removido para a última *Judenhäuser*.

1945 Dresden é bombardeada no dia 13 de fevereiro, deixando inúmeras vítimas. A casa de judeus é totalmente destruída, matando todos que estavam nela. Klemperer e a esposa estavam na rua e conseguiram se salvar. Começam então uma fuga a pé para Falkenstein e depois para Unterbernbach. Após o suicídio de Hitler e a rendição da Alemanha, o casal recupera sua casa em 10 de junho e Klemperer volta ao seu antigo cargo de professor na Escola Técnica Superior de Dresden.

1947 Publica o livro *LTI* pela editora Aufbauverlag, de Berlim.

1949 A República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) são proclamadas oficialmente.

1951 Recebe o título de doutor em pedagogia na Escola Técnica Superior de Dresden. Eva morre em 8 de julho.

1952 Casa-se com Hadwig Kirchner. Recebe o Prêmio Nacional da RDA para Arte e Literatura.

1953 É eleito para a Academia de Ciências da Alemanha.

1954 Sua obra *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire* é publicada.

1956 O livro de artigos *Antes de 33 – após 45* é publicado. É agraciado na RDA com a Ordem de Prata de Reconhecimento da Pátria.

1960 Morre em 11 de fevereiro e é sepultado em Dölzschen e recebe postumamente o prêmio F.C. Weiskopf da Academia de Artes de Berlim.

1969 Edições da *LTI* são publicadas em Munique pela Deutscher Taschenbuch Verlag.

1975 Edições da *LTI* são publicadas em Frankfurt am Main pela Röderberg Verlag.

1983 Primeira edição polonesa da *LTI*: Cracóvia, Wydawnictwo Literackie.

1989 Cai o Muro de Berlim. *Curriculum Vitae* é publicado.

1990 Em 3 de outubro a Alemanha é reunificada.

1995 É publicado *Quero prestar testemunho até o fim*, nome referente aos diários do período de 1933 a 1945. Recebe um prêmio póstumo Geschwister Scholl em Munique.

1996 Os diários de junho a dezembro de 1945 são publicados, recebem o nome de *Und so ist alles schwankend* e também *Leben sammeln, nicht fragen wozu und warum*, os diários de 1918 e 1932.

1997 Edição em inglês da *LTI*: Lewiston, Nova York, Edwin Mellen Press.

1999 Edição brasileira dos *Diários* do período de 1933 a 1945, São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Irene Aron.

2000 Edição holandesa de *LTI*: Amsterdam, Antuérpia, Uitg.

2001 Edição espanhola: Barcelona, Editorial Minúscula.

2005 Vigésima primeira edição alemã pela Reclamverlag de Leipzig.

Anexo II – Peças da coleção de porcelana de Klemperer.

Anexo III - Carta de Victor Klemperer em Hadwig Kirchner (mais tarde Klemperer). Dresden datada de 05 abril 1952.

Anexo IV – Casa de férias de Eva e Victor Klemperer na Lindenstraße 2 Villa Geipel.